



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

Juliana Morgado de Araújo

**O SENTIDO DO SOFRIMENTO HUMANO À LUZ DA ANÁLISE
EXISTENCIAL DE VIKTOR E. FRANKL**

**MARINGÁ
2023**

Juliana Morgado de Araújo

O SENTIDO DO SOFRIMENTO HUMANO À LUZ DA ANÁLISE
EXISTENCIAL DE VIKTOR E. FRANKL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como condição para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens

MARINGÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

A663s

Araújo, Juliana Morgado de

O sentido do sofrimento humano à luz da análise existencial de Viktor E. Frankl /
Juliana Morgado de Araújo. -- Maringá, PR, 2023.
101 f. : il., figs.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Departamento de Filosofia, Programa de Pós-Graduação em
Filosofia, 2023.

1. Frankl, Viktor Emil, 1905-1997. 2. Logoterapia. 3. Sofrimento humano. 4. Sentido. 5.
Análise existencial . I. Kahlmeyer-Mertens, Roberto Saraiva, orient. II. Universidade
Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de
Filosofia. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDD 23.ed. 155.2



JULIANA MORGADO DE ARAÚJO

“O SENTIDO DO SOFRIMENTO HUMANO À LUZ DA ANÁLISE EXISTENCIAL DE VIKTOR E. FRANKL”

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como condição parcial para a obtenção do grau de *Mestre em Filosofia* sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Kahlmeyer Mertens.

Este exemplar corresponde à versão definitiva da dissertação defendida perante a Banca Examinadora.

Aprovado em 18 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Roberto Kahlmeyer Mertens
Presidente



Prof. Dr. Ivo Studart Pereira
Membro Externo - IFCE



Wagner Dalla Costa Félix
Membro Interno – UEM

*Para minhas filhas:
Saori pelo início;
Agnes pelo fim.*

AGRADECIMENTOS

Para que este trabalho chegasse ao fim, várias pessoas me ajudaram de alguma maneira e por elas tenho uma imensa gratidão, possivelmente não conseguirei expressar adequadamente nessas singelas palavras.

Quero agradecer, logo de início, ao meu orientador por ser a mão firme que ora me conduziu, ora me puxou do limbo da incerteza da conclusão dessa dissertação, e também por ser a mão que apontava o caminho para que eu seguisse. Roberto, você é uma verdadeira inspiração, um mestre com um conhecimento admirável e um humor que animou meu coração a permanecer e concluir toda essa empreitada. Obrigada por me aceitar como sua pupila nesse momento. Eu trabalhei e não duvidei.

Sou grata aos professores tanto da UEM quanto da Unioeste por me apresentarem um mundo novo. Em especial, ao professor Evandro Luís Gomes, com quem aprendi sobre as falácias e o pensamento lógico, algo do qual não tinha nenhum conhecimento; à Patrícia Coradim e ao Wagner Felix, por todo cuidado conosco num momento tão delicado da pandemia; aos professores Wilson Frezzatti e ao Alexander Mano, por me apresentarem o Nietzsche da melhor maneira e derrubarem meus preconceitos infundados e à Rosangela Scoaris pela prontidão.

O processo do mestrado foi feito virtualmente, dado o momento pelo qual passávamos, mesmo assim, as amizades, o carinho e os incentivos dos colegas foram constantes e necessários, em especial ao Aramis Freitas, à Luana Cristina e ao Fáblio Cerezolli, meu muito obrigada.

Não posso esquecer dos amigos e professores logoterapeutas que facilitaram meu caminho: Ivo Studart Pereira, todo seu empenho e dedicação me incentivaram e ajudaram muito nesta dissertação, obrigada; Lorena Bandeira, obrigada por toda sua disponibilidade generosa; Sam Cyrous, obrigada pela generosidade, pelas portas abertas e por sua amizade.

Por último, vem meu agradecimento mais que especial ao Mario Vitor Mansano, meu marido. Nos momentos em que duvidei de mim, você foi a luz da certeza. Quando a exaustão me acometia, você foi os braços que me ampararam. Quando me alegrei com as minhas conquistas, seu coração transbordava, ainda mais, com o amor mais puro em me ver voar, pois você sempre soube que eu conseguiria. Obrigada, meu amor, por ser o chão firme que me impulsiona aos céus. Nós conseguimos.

Todo este trabalho é dedicado às minhas filhas; sem elas, nada disso existiria.

RESUMO

Este estudo aborda o imanente problema do sofrimento humano, explorando como as pessoas podem, de forma diversa, ter a possibilidade de encontrar sentido em meio as situações e as vias através das quais esse sentido pode ser buscado. A pesquisa centra-se na análise existencial desenvolvida por Viktor Emil Frankl as quais abarcam suas bases filosóficas e antropológicas comumente reunidas na teoria conhecida por logoterapia. A escolha pela filosofia frankliana deve-se à consolidação dessa abordagem única ao longo da vida do autor, além da sua experiência nos campos de concentração, as quais trazem um relato sentido na própria pele de sua teoria, e seu posicionamento psicológico apresentado em seu mais conhecido livro *Em busca de sentido*. A pesquisa é estruturada em três partes: (I) uma apresentação biográfica de Frankl e suas influências intelectuais; (II) a análise existencial frankliana e sua antropologia; e, (III) uma investigação dos postos-chaves relacionados ao sentido do sofrimento, incluindo os valores de atitude, a tríade trágica humana e a relação entre o passado e o eterno do homem. Ao unir elementos biográficos, filosóficos e psicoterapêuticos, este estudo busca lançar luz sobre os fundamentos basilares e implicações do sentido do sofrimento na visão ímpar de Viktor Frankl. Para tal intento utilizamos prioritariamente obras características do autor, como o próprio *Em busca de sentido*, *O sofrimento humano* e o *Psicoterapia e sentido de vida* – a obra perdida e reescrita após sua libertação dos campos de concentração, entre outras obras e palestras proferidas, utilizamos também, em sua maioria, obras de logoterapeutas brasileiros, com o objetivo de evidenciar a pesquisa e o aprimoramento da logoterapia nos campos científicos em nosso território nacional. Julgamos poder afirmar, ao fim de toda essa pesquisa, a complexidade do sentido do sofrimento sob a ótica da logoterapia, enfatizando a importância da atitude, particularmente do *homo patiens*, na transfiguração do sofrimento em uma realização humana. A conclusão ressalta que os valores de atitude, intuitivamente provenientes do inconsciente espiritual, superam o sofrimento, indicando a natureza inerente do ser humano em buscar o eterno de modo intuitivo, apesar da consciência de sua mortalidade. A pesquisa oferece uma valiosa percepção para compreender a filosofia e terapia de Frankl, evidenciando a relevância da atitude na construção de sentido o em meio às vicissitudes da existência.

ABSTRACT

This work deals with the issue of human suffering, questioning how people can, in different ways, have the possibility of finding meaning in situations and the ways through which this meaning can be sought. The research focuses on the existential analysis developed by the Austrian psychiatrist and philosopher Viktor Emil Frankl, which covers the philosophical and anthropological bases, commonly known as logotherapy. The choice for Franklian philosophy is due to the consolidation of this unique approach throughout the author's life, in addition to his experience in the concentration camps, which bring an intimate account of his theory and his psychological positioning presented in his best-known book *In search of meaning*. The present work is structured in three parts: a bibliographical presentation of Frankl and his intellectual influences, Franklian existential analysis and his anthropology, and an investigation of the key points related to the meaning of suffering; including attitudinal values, the human tragic triad and the relationship between the past and the eternal of man. By uniting biographical, philosophical and psychotherapeutic elements, our study seeks to shed light on the basic foundations and implications of the meaning of suffering in Viktor Frankl's unique vision. For this purpose, we primarily use characteristic works by the author, such as *In Search of Meaning*, *Human Suffering* and *Psychotherapy and the Meaning of Life*. The latter considered the lost work and rewritten after his release from the concentration camps; among other works and lectures given, we also used, for the most part, works by Brazilian logotherapists, with the aim of highlighting the research and improvement of logotherapy in scientific fields in our national territory. We believe we can affirm, at the end of all this research, the complexity of the meaning of suffering from the perspective of logotherapy, emphasizing the importance of attitude, particularly of homo patiens, in the transfiguration of suffering into a human achievement. Our conclusion highlights that attitudinal values, instinctively originating from the spiritual unconscious, overcome suffering, indicating the inherent nature of human beings in seeking the eternal in an intuitive way, despite the awareness of their mortality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 VIKTOR EMIL FRANKL – A VIDA COMO MONUMENTO	11
1.1 O Perene Legado de Viktor Emil Frankl	11
1.2 A psicologia do campo de concentração - O <i>Experimentum Crucis</i>	21
1.3 Primeiras Palestras (1946)	27
2 FUNDAMENTOS DA ANÁLISE EXISTENCIAL FRANKLIANA	32
2.1 Análise Existencial	32
2.1.2 O Inconsciente Espiritual e a Consciência Moral	40
2.2 Antropologia Frankliana	44
2.2.1 Ontologia Dimensional	45
2.2.2 Liberdade e Responsabilidade.....	50
2.2.3 Vontade de Sentido	52
2.2.4 A capacidade humana de transcender a si mesmo.....	58
3 A POSSIBILIDADE DE SENTIDO NO SOFRIMENTO HUMANO	61
3.1 O Sentido da vida	61
3.1.1 Tríade de valores (e para além dela: o sofrimento humano)	67
3.2 O Sofrimento Humano e o Passado existencial	71
3.2.1 Tríade trágica humana – Dor (sofrimento), Culpa e Morte.....	72
3.2.2 O Passado como possibilidade de sentido	81
CONCLUSÕES	89
REFERÊNCIAS	95

INTRODUÇÃO

Podemos dizer que tanto a filosofia quanto a psicologia têm seus desenvolvimentos sobre os saberes do ser humano. Entretanto, a psicologia contemporânea, tomada somente pela técnica, perde a possibilidade de englobar temas constantes sobre a vida humana e que não possuem, em si, algo patologizante, como o sofrimento humano, por exemplo. Um dos autores que margeou os saberes tanto psicológicos quanto filosóficos foi o psiquiatra e neurologista Viktor Emil Frankl (1905-1997). Em seus escritos é notável o quanto a filosofia caminhava com a prática médica, principalmente no que diz respeito à questão da existência e do sentido do sofrimento humano. Além de toda sua pesquisa, Frankl tornou-se conhecido por suas passagens pelos campos de concentração, durante a Segunda Guerra Mundial, experiência que ele próprio chamou de seu *Experimentum Crucis*¹ - sua vivência compulsória nos campos de concentração, em meio à monstruosidade, perversão e desprezo contra a vida humana -, mantendo sua hipótese de que se a vida tem sentido, há de ter sentido o sofrimento vivido, e esse sentido deve ser descoberto. É desde essa vivência significativa do sofrimento no campo de concentração que a hipótese lançada pelo autor se torna a teoria conhecida por *Logoterapia e Análise Existencial*, a qual já se debruçava de antemão sobre tal experiência.

Sob essa designação, Frankl desenvolve a sua teoria psicológica, a compreensão antropológica nela em vigor e desenvolve sua abordagem terapêutica para o cuidado mental, as quais de maneira introdutória, para início do nosso trabalho, serão apresentadas separadas em: análise existencial que abrange a cosmovisão e a antropologia frankliana; e a logoterapia, a prática clínica em si. Podemos fazer tal distinção para fins didáticos, pois conforme Frankl alicerça sua teoria, essa distinção entre logoterapia e análise existencial tem suas margens sem uma clara definição. No entanto, podemos dizer que Frankl constrói a sua filosofia, que embasa as técnicas

¹ "Experimento Crucial" ou "Experimento Decisivo" – Tradução nossa

terapêuticas, sem se apropriar integralmente de nenhum constructo filosófico desenvolvido por outro estudioso. Obviamente, é possível divisar pontos de contato com diversas escolas filosóficas, sobretudo com aquelas de orientação fenomenológico-existencial, especialmente com a filosofia de Max Ferdinand Scheler (1874 -1928), que trouxe a Frankl a ideia do espírito humano como presente na prática médica, ao fazê-lo questionar sobre os caminhos para onde a psiquiatria enveredava em seu tempo. Entre os percalços desse caminho, estão reducionismos, como o psicologismo, por exemplo; a busca por tratamentos únicos para as patologias e a ideia de que todo comportamento humano seria comandado única e exclusivamente por uma instância sobre a qual o ser humano não tinha qualquer controle.

Quanto às mencionadas críticas, como ainda veremos, elas são encontradas em transcrições de palestras e outros escritos de Frankl como *A presença ignorada de Deus*, sua tese de doutorado em filosofia. Ali, o autor objeta e questiona o conceito de inconsciente, tal como compreendido por Sigmund Freud em sua psicanálise. Como sabido, Freud levanta a hipótese de que há, por assim dizer, um *inconsciente pulsional*, que conduziria o homem a agir segundo seus impulsos, e que, portanto, deveria existir algo de inconsciente que guiaria o homem para sua condição humana, deixando de ser mero animal, joguete dos seus impulsos. Contrapondo-se à psicanálise freudiana, especialmente a este postulado, nosso pensador chamou isso de *inconsciente espiritual*; face a este, os fenômenos verdadeiramente humanos se dariam nessa dimensão mais elevada², própria do ser humano. Assim, para Frankl (2021b):

De acordo com a análise existencial, não há apenas uma dinâmica pulsional inconsciente, mas também uma espiritualidade inconsciente; em outras palavras: nós não conhecemos nem reconhecemos apenas um inconsciente pulsional, mas também um inconsciente espiritual. (p. 56)

² A palavra elevada nessa frase tem conotação de dimensão e não de um juízo de valor onde a dimensão espiritual fosse melhor ou maior que a dimensão pulsional. Falaremos melhor sobre o tema no decorrer do trabalho.

Em sua oposição à psicanálise, Frankl cunha o termo “psicologia das alturas” (FRANKL, 2022b, p. 37), que logo seria renomeado como “Logoterapia”. Esse é o termo usado para marcar a diferença entre a “psicologia profunda”, ou mais propriamente a psicanálise. Para diferenciar ainda mais, Frankl recorre a uma analogia: o avião³, que, por mais que possua rodas e possa taxiar no solo, não foi para isso que ele foi criado, mas, sim, para voar. De maneira análoga, o humano pode alcançar pontos mais elevados da sua existência, não sendo um “nada mais que...” e reduzido a uma categoria sub-humana, motivada apenas por prazer, poder, instintos primitivos e a busca por uma homeostase existencial. Para Frankl, assim, o humano tem em si a possibilidade da transcendência, de se sobrepor aos seus mandamentos psicofísicos.

Frankl afirma, entretanto, que não há escapatória na existência humana em não sentir algum tipo de dor, se reconhecer culpado em alguma situação e escapar da morte, tanto a dos outros, quanto a própria morte. Essa seria a tríade trágica humana: *dor, culpa e morte*, e que mesmo em um momento limite da existência, como a morte, o ser humano seria capaz de encontrar sentido.

Distintos filósofos dedicaram-se a pensar o fenômeno da morte (elemento destacado na referida tríade), da finitude e a existência humana e muitos influenciaram o pensamento frankliano, dentre eles, contemporaneamente, Max Scheler e Martin Heidegger. Mais do que sentidas influências sobre o pensamento de Frankl, temos, com esses, o enriquecimento dos contextos de especificidade, por meio de um diálogo, sobre o sentido do sofrimento e o incremento do trabalho filosófico do nosso autor.

³ Com o animal partilha com o homem as dimensões biológicas e psicológicas. Por mais que o seu ser animal seja dimensionalmente encimado e caracterizado pelo seu ser humano, o homem não deixa de ser também um animal. E, no entanto, é algo mais do que isso. Um avião não deixa de poder dar voltas no aeródromo, em terra, exatamente como um automóvel: embora só se mostre verdadeiro avião quando levanta voo, isto é, quando se eleva ao espaço tridimensional. Da mesma forma, o homem é também um animal e, na verdade, em nada menos do que toda uma dimensão da liberdade. A liberdade do homem não é evidente em relação a condições, quer elas sejam biológicas, psicológicas ou sociológicas; e, sobretudo, não é uma liberdade *de* algo, mas sim uma liberdade *para* algo, a saber: a liberdade para uma *tomada de posição* perante todas as condições. Assim, o homem também só se revela como verdadeiro homem quando se eleva à dimensão da liberdade. (FRANKL, 2019c, p. 20)

Isso porque, ao dizer que existe um sentido no sofrimento humano, Frankl nos lança algumas questões: O que caracteriza propriamente “sentido”, na vida humana? Quais são os sofrimentos trabalhados em sua filosofia? O sentido parte de uma racionalização, de uma crença cega, de um desígnio superior, ou da busca de uma religiosidade como resposta? A atenção a essas questões e o esforço de pensar respostas a elas estão em nossa pauta.

Dito isso, indicamos que o objetivo principal de nossa pesquisa será apresentar os pontos sobre os quais nosso autor traçou o sentido do sofrimento humano, e secundariamente apresentar o autor que elegemos para esse trabalho que desenvolveu uma filosofia e ainda sistematizou uma abordagem psicoterapêutica. Temos o intuito, um tanto quanto discreto, de facilitar a compreensão filosófica que embasa essa abordagem utilizada por tantos profissionais da saúde, principalmente psicólogos. Facilitando um primeiro contato às obras de Frankl, lançando assim uma trilha didática para os conceitos que ensejamos serem basilares para a prática clínica. De antemão, cumpre-se a tarefa em dar ênfase aos temas e questões filosóficas, sem abarcar os tratamentos psicológicos; junto aos nossos objetivos principais, temos como intuito evidenciar que, por mais significativa que tenha sido a vivência nos campos de concentração, antes mesmo dela, Frankl já nutria as ideias que se consolidariam em sua teoria. Teoria esta que foi, por assim dizer, “testada” nos campos de concentração e, mesmo assim, não foi a pedra angular dos escritos de Frankl. Ainda a respeito de nosso objetivo principal, sabemos que trazer o tema do sofrimento junto ao pensamento de Frankl não abarca um trabalho original de nossa parte. Pois, em síntese, a logoterapia em si poderia ser dita como uma esperança frente ao sofrimento humano. Entretanto, o que pretendemos com essa dissertação consiste em traçar um trilha didática do que o ser humano tem de palpável para a qual possa recorrer em sua existência em momentos de grande sofrimento, principalmente para o ser humano que

não professa nenhuma crença metafísica, religiosa ou sobrenatural, que não tem acesso ao suprasentido⁴ – o sentido do homem religioso

Apresentados nosso tema em sua delimitação metodológica, a questão que nos promove, nosso objetivo principal e secundário e nossas metas intermediárias, além de alguns dos principais conceitos e contextos que envolvem a nossa pesquisa com Frankl, podemos agora indicar como os conteúdos de nossa dissertação se distribuem em nossos momentos de desenvolvimento em cada capítulo:

Em nosso *Primeiro Capítulo*, buscaremos apresentar um conjunto de notas sobre vida e obra de nosso pensador, buscando ressaltar seu legado para o pensamento existencial. Julgamos relevante indicar seu percurso intelectual, sua aderência com a filosofia e as intuições seminais presentes no desenvolvimento de sua terapêutica psicológica. Após, veremos como seu pensamento psicológico desenvolveu-se com base nas principais escolas psicológicas que frequentou em Viena. Ademais, apontaremos que a questão sobre o sentido da vida e o sentido do sofrimento humano, apareceu no horizonte de pensamento de nosso autor antes mesmo de sua vivência nos campos de concentração no período da segunda guerra mundial. Abordaremos nesse capítulo inicial o escrito mais difundido de Viktor Frankl, *Em busca de sentido*, no qual parte significativa constitui o relato de sua passagem em campos de concentração nazistas, como prisioneiro judeu. Um tal relato, como compreendemos, possui cunho memorialista mais do que propriamente psicológico ou filosófico. Ao fim desse capítulo, traremos elementos das primeiras palestras proferidas pelo autor após sua libertação do campo. Ainda nesse tópico, suas duas últimas sessões serão importantes para o desenvolvimento da resposta sobre o sofrimento humano, pois são nessas palestras datadas de 1946 que Frankl indica que o sofrimento é inerente ao ser humano e que existe a possibilidade em encontrar um sentido, mesmo em meio ao sofrimento.

⁴ Esse tema será brevemente explicado durante o trabalho. Entretanto, por não ser parte fundamental da nossa pesquisa os pontos terão caráter de uma breve explanação

No *Segundo Capítulo* teremos apresentação da *Análise Existencial*, projeto autoral de Frankl; após, passaremos pelos termos das críticas que este projeto dirige aos posicionamentos *reducionistas* e *pandeterministas*, às indicações de escolas psicológicas às quais nosso autor esteve ligado e apropriou elementos para seus estudos e pesquisas. Também uma consideração acerca de sua antropologia e dos conceitos fundamentais de sua filosofia terão vez aqui.

Enfim, em nosso *Terceiro capítulo*, aprofundaremos a exposição sobre o conceito de *sentido da vida*, de valores como *ações efetivas do humano*, da *tríade trágica humana*, como possibilidade de busca de sentido e de vazio existencial. O objetivo de toda essa exposição está em evidenciar que, no pensamento frankliano, há sentido no sofrimento humano e como o saber da finitude evidencia a liberdade diante das circunstâncias da vida, enaltecendo a responsabilidade de cada pessoa diante da existência.

Dito isso, passemos ao nosso primeiro tópico de desenvolvimento.

1 VIKTOR EMIL FRANKL – A VIDA COMO MONUMENTO

Não conseguiríamos apresentar todo o arcabouço teórico da logoterapia sem que apresentássemos seu criador, Viktor Emil Frankl. Como veremos, nas páginas que se seguirão, a vida e a obra do nosso autor se interconectam, principalmente no momento que apresentaremos sua obra mais célebre, *Em busca de sentido*, na qual nosso autor vivencia e evidencia a possibilidade de encontrar sentido mesmo perante o sofrimento inevitável. A exposição desse capítulo deverá trazer um apanhado das suas primeiras palestras pós-guerra, nas quais é abordado o tema do sofrimento humano, o valor da vida e seu *Experimetum Crucis*. Iniciamos pelo percurso existencial, com o objetivo de evidenciar todo o início da análise existencial frankliana.

1.1 O Perene Legado de Viktor Emil Frankl

“Se eu não o fizer, quem o fará?
Se eu não o fizer agora mesmo, quando eu deverei fazê-lo?
E, se o fizer apenas por mim mesmo, o que serei eu?”
Hillel – sábio judeu

A vida de Viktor Emil Frankl (1905-1997) e seu legado intelectual se interpenetram. É franca a percepção de que o autor vivenciou sua filosofia. Esses pontos de contato podem ser percebidos ao longo de suas obras. Igualmente inegável é a importância da sua família nuclear em sua vida, especialmente a presença de seus pais.

Nosso autor inicia seu livro de memórias (FRANKL, 2010), obra que foi composta por ele ao longo de sua vida e publicada em comemoração ao seu aniversário de 90 anos, falando sobre seus pais – Elsa e Gabriel. Viktor Frankl apresenta brevemente o percurso profissional de seu pai e a admiração que nutria por seu progenitor, mesmo sendo um homem rígido, exigente e firme, em seu modo de educar os filhos. E o amor caloroso, que o jovem Frankl, sentia por sua mãe; uma pessoa boníssima, devotada e carinhosa no trato com as pessoas, principalmente com os

filhos. Frankl (2010, p. 20) afirmava ter herdado sua extrema racionalidade e perfeccionismo de seu pai e, em contrapartida, sua profunda emotividade de sua mãe. Interessante analisar o reconhecimento da influência da hereditariedade e da educação familiar na vida do nosso autor, pois podemos perceber como essas duas características, *perfeccionismo e amorosidade*, estão presentes na filosofia frankliana, o perfeccionismo para ser entendido sem perder o olhar amoroso para o ser humano em sua totalidade existencial.

Frankl nasceu em Viena em 1905, em uma família judia com mais dois irmãos - Walter e Stella -, Viktor era o filho do meio. Com três anos de idade, disse que estava decidido a tornar-se médico, seguindo, assim, os passos do pai, que chegou a cursar medicina, mas não atuou na área. O autor conta que uma de suas lembranças mais importantes ocorre por volta dos seus quatro anos de idade:

Deve ter sido aos quatro anos que, uma noite, pouco antes de dormir, eu fiquei chocado, e na verdade fortemente abalado diante da visão de que um dia eu também teria que morrer. O que, porém, afligia-me não era em tempo algum de minha vida o medo da morte, mas muito mais apenas uma questão: se a transitoriedade da vida não aniquila seu sentido (FRANKL, 1990, p. 112)

Essa questão em tão tenra idade – e que permeou todo o trabalho intelectual de Frankl –, não tirou as frustrações infantis: como a de ter sido impedido de ter uma bicicleta e ter sido escoteiro devido à Primeira Guerra Mundial. Nesse período, Frankl se viu envolto pela miséria pela primeira vez; ele junto aos irmãos, iam às propriedades mais abastadas para pedir pão e aos campos para roubar milho.

A formação intelectual de Frankl processou-se contando com sólida base filosófica reunindo os repertórios do romantismo alemão, russo e a cultura judaica. Durante a adolescência, Frankl interessou-se por temas psicológicos, como Psicologia Aplicada e Psicologia Experimental que estavam sendo discutidos em sua época. E aos quinze anos lera a obra de Freud *Além do princípio do prazer* (1920), encantando-se com a psicanálise. Foi um aluno diligente até os anos iniciais do Ensino Médio, mas acabou traçando seu próprio caminho de estudos e passa a frequentar a Universidade Popular

e seguir seus estudos nas vertentes psicológicas. Frankl foi aluno direto de Hitschmann⁵ e Schilder⁶, alunos de Freud e nomes importantes nos estudos psicanalíticos em sua época. Frequentou essas aulas, organizadas na Clínica Psiquiátrica da Universidade, chefiada por Wagner-Juaregg⁷. Após, aplicou-se com afinco aos estudos psicanalíticos, iniciando correspondência com o próprio Freud. O entusiasmo de nosso autor com esta relação fica patente em relatos como este:

Eu enviava-lhe material sobre as ricas e amplas leituras interdisciplinares que fazia e que podia supor, poderiam interessá-lo. E cada carta era respondida imediatamente por ele. Infelizmente todas as suas cartas e postais - nossa correspondência durou por todos os meus anos de colégio - foram confiscadas pela Gestapo quando fui para o campo de concentração, juntamente com alguns casos clínicos do jovem Freud, manuscritos por ele mesmo, na Clínica Psiquiátrica da Universidade - que o arquivista da Clínica presenteou-me quando eu mesmo lá trabalhava (FRANKL, 1990, p. 114)

Em uma dessas cartas enviadas por Frankl, constava o seu manuscrito *Sobre a formação mímica afirmativa e negativa (Zur Entstehung der mimischen Bejahung und Verneinung)*. Freud recomenda que o ensaio seja publicado na Revista Internacional de Psicanálise (*Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*). O texto foi publicado em 1924. Apesar das críticas e oposições à Psicanálise e à Psicologia Dinâmica - temas que serão elucidados em um capítulo específico -, Frankl deixa clara toda a sua admiração pelo pai da Psicanálise. Sugeriu que o prédio a ser construído pela Universidade Hebraica de Jerusalém, recebesse o nome de "Sigmund Freud Hall" além de afirmar que a 'cadeira intelectual' ocupada por Freud na história do desenvolvimento da psicologia, jamais seria ocupada por outra pessoa.

Como estudante de medicina, a escolha de Frankl pela psiquiatria foi diretamente influenciada por seu contato com a Psicanálise. Entretanto, tinha dúvidas

5 Eduard Hitschmann (1871 - 1957) Médico e psicanalista Austríaco. Coeditor da Revista Internacional de Psicanálise [*Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*].

6 Paul Schilder (1886-1940) Médico e psicanalista austríaco. Colaborou na abertura de espaço para a psicanálise dentro da Psiquiatria norte-americana.

7 Julius Ritter Wagner von Juaregg (1857-1940) Psiquiatra austríaco, vencedor do Prémio Nobel de Medicina em 1927.

sobre sua escolha e flertava com a dermatologia e a obstetrícia. Até que certo dia um colega de classe que o incentivava para a psiquiatria, pois dizia que ele tinha talento para tal, apresentou uma ideia da filosofia de Søren A. Kierkegaard referente ao *desespero de não quereremos ser nós mesmos* ou ao *desesperadamente não querer ser si próprio* (KIERKEGAARD, 2021). Impactado por isso, escreve: “É difícil acreditar que uma observação tão simples pode às vezes operar uma transformação significativa em nossas vidas. De todo modo, a partir daí eu estava firmemente decidido a não mais fugir da ‘autorrealização psiquiátrica’”. (FRANKL, 2010, p. 57) Mesmo ainda se questionando, admite que pode ter um certo talento para o estudo da mente humana (além de fazer caricaturas) e envereda por esse caminho. Na passagem imediatamente citada, interpretamos que, para Frankl, o sentido pode ser apontado por diversas maneiras e, em última instância, cabe ao questionado escolher o caminho que irá desbravar.

Enquanto Frankl entusiasmava-se pela psiquiatria, margeando pela psicanálise, a filosofia não o deixava e, aos 16 anos de idade, Frankl pronuncia uma conferência seguindo sua intuição sobre duas ideias fundamentais a respeito do sentido da vida. A primeira ideia é a de que não cabe a nenhuma pessoa indagar-se sobre o sentido da vida, pois é a vida quem nos interroga e que devemos responder a essa questão colocada pela vida com responsabilidade sobre a nossa existência. Outra ideia fundamental já presente neste trabalho de juventude é a de que há um sentido último da vida, um *suprassentido* e que, nele, poderíamos ter somente fé. Provavelmente a fé seria o limite racional do entendimento sobre algo que nenhum indivíduo consegue nomear, o próprio Frankl dizia que sobre esses assuntos: “[...] a única postura que considero adequada é a seguinte: a de desistirmos desde o início de tentar explicá-los. “Sou burro demais para explicá-los, mas inteligente demais para negá-los”” (FRANKL, 2010, p. 67).

O celeiro intelectual e cultural da Viena, daquelas primeiras décadas do século XX, vivia um momento privilegiado nos assuntos sobre o conhecimento da mente e da psiquiatria. Ademais, era esperado que nem todos concordassem uns com os outros,

principalmente a respeito da teoria freudiana. Nessa questão sobre o estudo da mente humana e apontamentos diferentes aos de Freud tínhamos o estudioso, Alfred Adler,⁸ criador da escola psicoterapêutica conhecida como *Psicologia Individual*. Os psicólogos dessa corrente se encontravam no café Siller, onde Adler todas as noites recebia seus aprendizes. E em algumas dessas noites, Adler proporcionava uma apresentação de piano e vez ou outra, era possível até vê-lo cantando.

Um dos alunos de Adler, (Hugo Lukacs) após ler o manuscrito de um artigo, sugere que Frankl vá ao café conhecer Adler e receber aconselhamentos pedagógicos. Frankl apresenta o seu manuscrito *Psicoterapia e visão de mundo* (1925) (*Psychotherapie und Weltanschauung*) para Adler que, sem pensar duas vezes, fica com o manuscrito e o publica na revista de Psicologia Individual (FRANKL, 1990, p. 117). Pereira nos apresenta um resumo desse encontro e a abertura que se estendeu para a logoterapia:

Entre 1925 e 1926, já como estudante de medicina, Frankl ficou sob a influência da psicologia individual de Alfred Adler (1870-1937), um dos primeiros grandes dissidentes de Freud, chegando a publicar, nesse período, dois artigos na *Internationale Zeitschrift für Individualpsychologie*. O nome "logoterapia" é utilizado por Frankl, pela primeira vez, numa conferência realizada em 1926, nos quadros da Associação Acadêmica de Psicologia Médica, instituição que ajuda a fundar. (PEREIRA, 2021, p. 12)

O nosso caminhar sobre as pegadas históricas de Frankl, mapeia o início da logoterapia, tanto em ideia, quanto em nome, mostrando o esboço do que viria ser sua teoria, anteriormente em pelo menos duas décadas à passagem de nosso pensador pelos campos de concentração. Desejamos evidenciar nessa caminhada histórica que nosso pensador austríaco esteve ativo e contribuiu com as duas escolas de psicoterapia fundadas em Viena, entretanto, sua cisão com a escola adleriana se deu no seguinte momento em que, por intermédio de Rudolf Allers, membro do grupo adleriano, teve contato com um livro de Max Scheler⁹, *O formalismo na ética e uma ética material dos*

8 Alfred Adler (1870-1937), psicólogo austríaco fundador da psicologia do desenvolvimento individual.
7 - Max Ferdinand Scheler (1874-1928), filósofo alemão, conhecido por seu trabalho sobre fenomenologia, ética e antropologia filosófica, bem como por sua contribuição à filosofia dos valores.

valores (1916) (*Formalismus in der Ethik*). Frankl (2010, p. 71) registra que foi nessa época, e com esta obra, despertado de seu sono psicologista, e que, justamente por este favor prestado pela obra, andava com o livro de Scheler a tiracolo como se fosse uma Bíblia. Com os elementos do pensamento de Scheler, agora apropriado junto aos seus, Frankl evidencia o psicologismo na escola adleriana, e apresenta seus pontos corroborando com o entendimento ressaltado por Rudolf Allers e Oswald Schwarz¹⁰. Após essa situação foi convidado a se retirar do círculo de estudos adleriano. Frankl foi expulso formalmente a pedido do próprio Adler. Falaremos dessas críticas em tópicos específicos adiante. Frankl pode ainda denunciar o psicologismo presentes nas tópicas adlerianas, e apresenta seus pontos corroborando com o entendimento ressaltado por Rudolf Allers e Oswald Schwarz. O encontro com a psicologia individual e com o próprio Adler foram importantes para o jovem médico aprofundar-se em seus estudos na filosofia. Entretanto, Frankl dirige suas críticas, em seus escritos, em maior parte, à psicanálise.

Foi em 1926 que o termo “Logoterapia” usado pela primeira vez; acerca do conceito que este nomeia. Frankl, desde 1929, já havia concebido a distinção entre três possibilidades de encontrar um sentido na vida, essas três possibilidades de encontrar sentido na vida são: 1) uma ação realizada; 2) uma obra criada (ou a vivência de experimentar a existência); 3) um encontro e um amor. ‘através de vivência, encontro e amor (FRANKL, 2010). Para o autor, mesmo quando a pessoa é confrontada com um destino inalterável, até nesse derradeiro momento, é possível encontrar um sentido, ao dar testemunho da mais humana das capacidades humanas, a de transformar um sofrimento em uma realização.

Coincidia com esse período de formação, no qual desenvolveu uma cosmovisão e uma compreensão antropológica, um fenômeno social que alarmou a todos, também a Frankl e aos colegas de profissão: o aumento considerável da incidência de suicídio

8- Importantes psicólogos da escola da Psicologia Individual. Desligaram-se por não encontrarem mais espaço para sua posição antropológica, posição oposta de Alfred Adler.

entre jovens estudantes durante o período da entrega dos boletins escolares. Em reação a este “surto”, foram criados, por iniciativa de Frankl, centros de aconselhamento juvenil para oferecer acompanhamento e cuidado para os jovens em vulnerabilidade. O projeto foi divulgado em larga escala nos meios de comunicação da época, e muitos jovens procuravam auxílio voluntariamente. Em pouco mais de dois anos de trabalho árduo com os jovens em sofrimento, conseguiram levar a zero óbitos por suicídio nesse período. A experiência foi tão bem-sucedida que o projeto de Viena se espalhou, como iniciativa modelo, por várias outras cidades importantes da Europa, tais como Zurique, Berlim, Frankfurt e Budapeste. (PEREIRA, 2021, p. 13)

É importante ressaltarmos as datas e os acontecimentos ricos em detalhes escritos por Frankl em seu livro de *memórias* (2010) pois, mesmo nos dias de hoje, ainda é possível verificar incongruências ao se falar da Logoterapia. Principalmente em ser uma abordagem psicológica desenvolvida durante o tempo em que Frankl esteve nos campos de concentração, - essa questão será aprofundada posteriormente. O próprio autor relata sobre quando e por quais motivos atribuiu os termos Logoterapia e Análise Existencial:

Nas minhas publicações científicas encontram-se as denominações “Logoterapia” e “análise existencial”, contudo, somente a partir de 1938. A razão favorável à manutenção de tais “marcas registradas” é a seguinte: se falo de “Logoterapia” e “análise existencial”, posso poupar-me de estar sempre falando de mim - assim é mais simples, não eu, mas “a Logoterapia” ensina algo; não eu, mas “a análise existencial” pôde provar algo caso seja, porém, de fato inevitável falar na primeira pessoa, então eu sempre posso recorrer à expressão: “nós, logoterapeutas,” somos de opinião que algo deveria ser feito desta e não de outra forma” (FRANKL, 1990, p. 120)

Após a explanação de Frankl, alertaremos que nesta dissertação, utilizaremos o mesmo posicionamento de intercâmbio quanto as terminologias “logoterapia” e “análise existencial”. Pois conforme caminhamos junto à biografia do nosso autor, confirmamos que sua jornada intelectual faz fronteira entre a medicina e a filosofia¹¹.

¹¹ “O campo em que entramos com a logoterapia e mais ainda com a análise existencial, é um campo fronteiro entre a medicina e a filosofia” (FRANKL, apud PEREIRA, 2021, p. 22)

No entanto, por essa dissertação tratar-se de um empreendimento em filosofia, todo e qualquer termo terá como alvo a filosofia frankliana e, em especial, sua visão antropológica.

Seguindo na nota biográfica, como se pode avaliar desde aqui, a trajetória do jovem médico mostrava-se promissora e próspera. Após a formatura, fez estágio e residência em psiquiatria e neurologia. Iniciou no estágio junto à Clínica Psiquiátrica da Universidade sob a chefia de Otto Pötzl¹² (1930-1931). Logo após, ingressou na residência em neurologia (1931-1933) e por mais quatro anos (1933-1937) no hospital psiquiátrico Steinhof, dirigindo o “Pavilhão dos Suicidas” e pelas suas contas, mais de 12 mil pacientes passaram por seus cuidados durante o período que trabalhou nesse departamento. Tamanha dedicação garantiu o aperfeiçoamento em seus diagnósticos clínicos. Em 1937, Frankl já como médico, especialista em neurologia e psiquiatria, estabeleceu sua clínica particular. Entretanto, com ascensão do Nacional Socialismo, os nazistas invadem a Áustria em março de 1938 e Frankl fica vedado de exercer sua profissão em sua clínica particular. Em seu carimbo profissional foi incluída a palavra “Israel”, o que permitia atendimento clínico somente para outros judeus. Com tal situação instalada na Áustria, Frankl solicitou visto para sair do país, que por vezes fora negado. Com isso, para garantir o mínimo de proteção para seus familiares e para si mesmo, assume a direção do Hospital Rothschild, e foi nesse Hospital que nosso médico, com a ajuda de Pötzl, forjou inúmeros laudos médicos para salvar a vida de pacientes com diagnósticos de doenças mentais, pois muitos pacientes com essas doenças foram mortos por eutanásia, seguindo a lei de Ernest Rüdín, psiquiatra e geneticista alemão, pelo programa alemão de eugenia da raça e nação ariana.

Foi somente em 1941 que Frankl conseguiu o visto para migrar para os Estados Unidos, no entanto, o visto não era extensivo a seus pais; assim, Frankl decide permanecer na Áustria, o visto expirou em novembro de 1941, entremeio a esse tempo,

¹² Otto Pötzl (1877-1962) Psiquiatra e neurologista. Diretor da clínica de Neurologia e Psiquiatria da Universidade Viena (1928-1945) Professor de Frankl.

conheceu Tilly Grosser, com quem se casou em dezembro do mesmo ano. Parecia que as coisas não poderiam ser piores, mas a verdade é que o pior ainda se avizinharia. Sua esposa engravida e, como os judeus, estavam proibidos de terem filhos, mesmo que casados oficialmente, o casal se vê obrigado a interromper a gestação. Logo após Frankl, sua esposa, seus pais e seu irmão foram deportados para os campos de concentração. Sua irmã Stella conseguiu escapar para a Austrália. Após todos esses acontecimentos, Frankl nos conta o que sucedeu no compilado das duas passagens a seguir:

Passei três anos em quatro campos de concentração, em Theresienstadt, Auschwitz, Kaufering III e Türkheim. Sobrevivi, mas no que se refere à minha família – com exceção de minha irmã -, poderia usar as palavras de Rilke: O Senhor deu a cada um sua própria morte. Meu pai morreu no campo de Theresienstadt praticamente em meus braços; minha mãe chegou a Auschwitz e foi mandada para o gás; meu irmão, como ouvi dizer, foi enviado para um campo secundário de Auschwitz e supostamente morreu numa mina. (FRANKL, 2010, p. 117) ‘Soube que Tilly tinha morrido em Bergen-Belsen, e que morreu depois da libertação pelas tropas inglesas. (FRANKL, 2010, p. 108)

A vivência do sofrimento validou a intuição de nosso filósofo sobre o tema. A capacidade distintivamente humana de transcender a si mesmo e se distanciar de suas próprias circunstâncias, enfatizada por ele nos últimos anos, foi comprovada e confirmada de forma concreta no contexto do campo de concentração.

Ainda em 1945, ao retornar para Viena, seus amigos, com medo de que Frankl atentasse contra a própria vida, sugeriram que ele se dedicasse a reescrever uma terceira versão do manuscrito perdido – *Psicoterapia e sentido da vida (Ärztliche Seelsorge)*, para ser usado como seu doutorado. (O manuscrito foi utilizado para habilitá-lo como professor. O doutorado teve como tese o livro conhecido no Brasil por *A presença ignorada de Deus*). Acolhendo a ideia, passou a trabalhar no projeto de reescrever o manuscrito. Após, passou a ditar seu relato dos campos de concentração como uma catarse de sua alma. Foram necessárias três datilógrafas trabalhando em revezamento para dar conta da torrente de palavras estenografadas e gravadas ao

longo de nove dias, nos quais nosso autor ditou sua vivência nos campos de concentração. E estava decidido que, caso esse relato fosse publicado, deveria ser feito anonimamente, entretanto seus amigos o dissuadiram de tal intento e seu nome foi colocado na contracapa da primeira edição. Questionava Frankl (2008) sobre como era curioso o fato de que o livro que desejava que fosse publicado anonimamente, como o relato do prisioneiro n. 119.104, fora seu livro de maior repercussão mundial e ainda o intrigava o fato de ser um livro cujo título era sobre a busca do sentido da vida.

Graças a essa obra, Frankl rodou o mundo levando a Logoterapia para diversos países. Os trinta e nove livros de Frankl, foram traduzidos, atualmente, para quarenta e cinco idiomas. Devido à importância dessa obra, - tanto na biografia de Frankl, quanto na propagação da logoterapia -, trataremos na sessão posterior sobre o conteúdo desse escrito, por ora continuemos com a trajetória biográfica do nosso autor.

Ainda em 1945, após seu regresso a Viena, foi indicado a assumir a direção do setor de neurologia da Policlínica daquela cidade, e fora nesse local que conheceu a enfermeira Eleonore Katharina Schwindt, com quem se casou em 1947. Há aqui o ensejo de reconhecer os méritos de Elli Frankl¹³, em todo o seu trabalho para o legado da Logoterapia, afinal foi Elli quem esteve nos bastidores de todo o crescimento e da divulgação da logoterapia como abordagem e prática científica não só com o trabalho braçal de datilografar os ditos de Viktor Frankl, mas, como o Frankl dizia, dividindo os sacrifícios para criar o trabalho de sua vida fazendo com o coração o que Frankl fazia com o cérebro. Se hoje a logoterapia tem notoriedade e o seu crescimento tem fundamento no mundo, se deve ao fato de Frankl ter sido a luz e Elli, o calor, (FRANKL, 2010, p. 129) em toda a divulgação desse trabalho pelo mundo.

Em 2 de setembro de 1997, Viktor Frankl morre, em Viena, após passar por uma cirurgia cardíaca da qual não acordou e teve os aparelhos desligados a pedido dos familiares. Nosso pensador viveu 92 anos de uma vida repleta de sentido e o principal legado deixado por Frankl, além de toda sua filosofia e prática clínica, é que enquanto

13 Eleonore Katharina Schwindt. Enfermeira. Esposa de Viktor Frankl de 1947-1997

houver vida existirá a possibilidade de encontrar o seu sentido, mesmo diante do sofrimento e da morte. E parafraseando-o: o calor da vida de Viktor Frankl aquece o coração dos que buscam iluminar suas vidas com seus ensinamentos, acendendo a chama do Sentido da Vida e transmitindo a luz de um legado vivido e bem-marcado na história do pensamento filosófico e psicoterápico no Ocidente.

1.2 A psicologia do campo de concentração - O *Experimentum Crucis*

Quase cem anos após a primeira publicação de estudos psicológicos feita por Frankl, ainda existe o erro em dizer que o autor desenvolveu sua teoria nos campos de concentração atendendo aos outros prisioneiros. Não é difícil compreender o motivo de tal imprecisão, pois como dissemos no capítulo anterior, o relato do prisioneiro n. 119.104, se tornou um *best-seller* mundial¹⁴. Entretanto, esse não seria o único motivo, pois sabemos que Frankl viveu sua filosofia encarnado no mundo, e nosso autor não atribui o sucesso do livro a si mesmo, mas, sim como uma evidência da miséria de falta de sentido da vida nos nossos tempos. Seguiremos com os pontos os quais intuímos serem imprescindíveis da obra *Em Busca de Sentido* para a nossa dissertação, em vista do sentido do sofrimento humano.

A obra em questão foi o relato do prisioneiro número 119.104, um médico psiquiatra, que salienta a necessidade em observarmos de antemão que naturalmente não atuou nos campos de concentração como psicólogo ou médico (somente nas últimas semanas seu conhecimento médico foi requerido). O próprio afirma que “[...] não é sem orgulho que digo não ter sido mais que um prisioneiro ‘comum’, nada fui senão o simples nº 119.104. A maior parte do tempo estive trabalhando em escavações e na construção de ferrovias.” (FRANKL, 2008, p. 18) Um homem comum, junto a

¹⁴ Livros que relatam vivências de guerras sofrem esse fenômeno, principalmente os da Segunda Guerra Mundial.

vários homens comuns, vivendo os horrores de uma guerra de marcas atrozes¹⁵ na história da humanidade. Esse livro não foi uma produção intencional de Frankl, mas, sim, uma catarse de sua alma da seguinte maneira: Ao final da guerra e após sua libertação, nosso autor retorna à Viena com toda sua vida anterior devastada e uma nova com as possibilidades a construir. Foi Otto Kauders, sucessor de Pötzl – antigo professor e amigo de Frankl, exonerado do cargo de diretor, por seu passado nazista¹⁶ (FRANKL, 2010) - que incentivou Frankl a reescrever o manuscrito perdido do que viria ser o livro *Psicoterapia e Sentido da Vida*, com o objetivo de habilitá-lo como professor na Universidade de Viena, pois naquele momento era tudo que restava da vida de Frankl como possibilidade e assim ele o faz. Com o manuscrito pronto, Frankl se pôs a ditar suas vivências nos campos de concentração para “[...] três datilografas que tinham de ser revezar para dar conta de todas as passagens estenografadas e gravadas – tal a quantidade de ditados, brotando da alma [...] ainda consigo ver a cena, caía exausto e começava a chorar” (FRANKL, 2010, p. 124) Salientamos esses trechos, em especial, quase como uma reparação para com a logoterapia. Pois, como Pereira nos destaca (2021):

[...] a logoterapia tem-se mostrado, em particular nos Estados Unidos, como um campo popular de literatura motivacional ou de autoajuda, tendo em vista os 12 milhões de cópias vendidas da obra “Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração”. Por outro lado, a terceira escola vienense de psicoterapia demonstra uma visibilidade relativamente pequena nos livros-texto de psicologia, recebendo, quando muito, um ou dos parágrafos de menção. (PEREIRA, 2021, p. 21)

¹⁵ Toda e qualquer guerra é horrenda e utilizo um recurso artístico nesse momento, quebrando a quarta parede desse escrito e te digo, caro leitor: Homens têm a guerra como solução, pois não sabem a dor excruciante que se faz necessária para trazer uma vida ao mundo, além de a vida em si, já ser um milagre.

¹⁶ Otto Pötzl, já mencionado em notas biográficas (diretor da Clínica de Neurologia e Psiquiatria da Universidade Viena, de 1928 a 1945), Frankl afirmava que seu professor “não era de modo algum um antissemita, mas que andava com o símbolo do Partido Nazista por ser aspirante ao partido, mantinha sua fidelidade a mim com muita coragem civil e me ajudava, como também a meus pacientes judeus – outros não podiam me consultar naquela época – na medida do possível. Ele não apenas vinha até o hospital judeu para conseguir que meus pacientes com casos de tumor cerebral fossem transferidos para a clínica cirúrgica do hospital universitário; mas do que isso: sabotávamos a eutanásia dos doentes mentais organizadas pelas autoridades nazistas” (FRANKL, 2010, p. 83)

Importante ressaltarmos que, por mais que o dito livro seja utilizado como uma autoajuda, não é disso que se trata a logoterapia e como iremos demonstrar adiante é “[...] que a logoterapia não é uma panaceia” (FRANKL, 2019a, p. 300) tampouco um livro do pai da logoterapia o seria. De tal modo, prossigamos com o relato do nosso autor e seus exemplos sobre a psicologia dos campos de concentração:

Tudo isso me veio à memória quando me mostraram aquela foto de um campo de concentração. E passei a contar tudo isso até que entendessem; também disse que nem era tão horrível o que se apresentava naquela foto, e que eu poderia imaginar até muito bem que aquela gente não estava se sentindo tão infeliz (FRANKL, 2008, p. 69)

Podemos presumir, a partir do trecho, que nosso autor estava passando pelo que ele mesmo chamou de terceira fase, a fase da libertação, dentro da psicologia do campo de concentração. Na qual o prisioneiro liberto ainda se encontra comprimido emocionalmente, como numa espécie de despersonalização – um não (re)conhecimento das emoções na qual o sobrevivente não se alegra com a vida, visto que desaprendeu e precisará aprender novamente a se alegrar, não somente aprender, como se permitir um tal sentimento, dada a apatia em sua alma. Além da compressão das emoções, os sentimentos da terceira fase são, a amargura por não ter seu sofrimento compreendido pelos que sequer imaginavam o que estava acontecendo, e amargura com a vida pela existência anterior ter sido ceifada abruptamente; a decepção frente a se ver à mercê do destino, pois se na vivência nos campos ter um alvo no futuro era uma estratégia para manter a vida, ao chegar no futuro e constatar a realidade, a decepção com o futuro idealizado era sentida na alma do sobrevivente liberto. As outras duas fases seriam a fase da recepção no campo e a fase da vida em si no campo de concentração.

Na primeira fase, a da recepção, nosso autor relata que umas das primeiras reações que surgem no choque da recepção é a ilusão de indulto, o pensamento mágico que libertaria a pessoa de tamanho infortúnio. Essa ilusão vai sumindo conforme as

atrocidades da recepção iniciam. Começando pela desinfecção, a qual consistia em retirar todas as roupas e pelos dos prisioneiros antes de mandá-los para o banho de desinfecção, ao constatar o “privilégio” que do teto realmente saia água e não gás tóxico o humor negro surgia. Além do humor negro a sensação de curiosidade também aflorava [...]” vontade de saber se eu escaparia com vida ou não, com uma fratura na base do crânio ou em outro lugar etc. Também em Auschwitz dominava esse espírito de curiosidade praticamente fria, que distancia as pessoas do seu mundo (FRANKL, 2008, p. 31). A curiosidade trazia objetividade para encarar as situações Outra característica da primeira fase era o contato com a morte a todo momento, tanto pela iminência da própria morte, quanto a morte dos companheiros e é nesse momento que o pensamento de suicídio eclodia e o prisioneiro poderia “ir para o fio”.

Essa expressão, corrente no campo designava o método usual de suicídio: tocar no arame farpado, eletrificado em alta tensão. [...] Em Auschwitz, o internado em estado de choque não tem medo algum da morte. Nos primeiros dias de sua estada, a câmara de gás nem de longe representa um horror. Para ele, a câmara de gás é algo que o pouca de cometer suicídio (FRANKL, 2008, p. 33)

Essa anormalidade inicial é a conduta esperada frente a toda situação anormal que os prisioneiros estavam sendo submetidos nessa primeira fase psicológica dos prisioneiros nos campos de concentração. O estado de pânico inicial diminui com o passar dos dias, passando para indiferença, lançando o prisioneiro para o segundo estágio psicológico: as mudanças típicas de caráter que ocorrem durante a permanência no campo. Trazendo a indiferença frente as situações e ao futuro e uma ampla irritação surge, haja vista as privações que o corpo começa a ser submetido – fome, sono, higiene, etc. e o trabalho extenuante a ser realizado. Os sinais de apatia e agressão tornam-se evidentes, ambos os sinais derivam da manutenção dos esforços com a intenção da autopreservação. “Bem conhecida, de fato é a falta de interesse sexual por parte dos internos dos campos, causada não só por fatores psíquicos, mas também somáticos. Em geral, pode-se dizer que o prisioneiro se recolhe numa espécie de hibernação cultural. Tudo serve à autopreservação” (FRANKL, 2020, p. 112)

A total ausência de afeto não é somente uma amortização frente a indiferença, mas está vinculada a desumanização do homem e das suas relações. A pessoa vai como que morrendo aos poucos por dentro frente ao nojo de toda a fealdade que cerca o prisioneiro, interna e externamente. (FRANKL, 2008), acrescida da saudade ardente dos familiares. A mortificação dos sentimentos humanos ainda avança ao cabo do observador da barbárie tornar-se indiferente e insensível ao seu entorno, desse modo, o nojo, o horror, o compadecimento, a revolta, tudo isso nosso observador já não pode sentir nesse momento. “Padecentes, moribundos e mortos constituem uma cena tão corriqueira, depois de algumas semanas num campo de concentração, que não conseguem sensibilizá-lo mais.” (FRANKL, 2008, p. 37), constituindo assim uma couraça protetora psíquica do observador prisioneiro, ao qual sequer questiona mais o destino, no entanto, algo ainda dói, a injustiça e violência cometida deliberadamente e o escárnio dos detentores do poder nos campos.

Toda essa proteção psíquica traz uma abertura para uma rota de fuga para o prisioneiro para o seu mundo interior, principalmente para aquelas pessoas com determinado refinamento e sensibilidade emocional. “Pois justamente para essas pessoas permanece aberta a possibilidade de se retirar daquele ambiente terrível para se refugiar num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior” (FRANKL, 2008, p. 53) Nosso autor, acreditava ser um paradoxo ao observar pessoas com uma compleição mais delicadas suportarem melhor a vida no campo em comparação as pessoas de natureza mais robusta. Mais um ponto importante era a utilização do humor como um truque útil para se distanciar da magnitude do sofrimento a eles infligido, [...]” afinal, é sabido que dificilmente haverá algo na existência humana tão apto como o humor para criar distância e permitir que a pessoa se coloque acima da situação, mesmo que somente por alguns segundos” (FRANKL, 2008, p. 62) Esses pequenos artifícios distanciavam as pessoas, mesmo que por um instante, de toda a natureza do campo de concentração, como um ponto de alívio em toda a tensão. Esses artifícios englobam o recurso noético de autodistanciamento na logoterapia, que é capacidade intrinsecamente humana de se distanciar de uma situação desafiadora,

tanto usando o humor, quanto o heroísmo. E na situação anômala dos prisioneiros, refugiar-se internamente nas vivências do passado, era um ato heroico. No capítulo três, no qual falaremos do passado, desbravaremos melhor como era tal possibilidade.

Precisamos trazer mais algumas características da segunda fase da vivência psicológica do campo, dentre elas como a própria existência tomava contornos de provisoriedade dando ares da vida em suspenso do prisioneiro, que não consegue se apegar a nenhum ponto final, não consegue se projetar para um momento futuro, pois o futuro está bloqueado e [...]” quem não consegue mais acreditar no futuro – seu futuro – está perdido no campo de concentração.[...] tal pessoa perde o apoio espiritual, sucumbe interiormente e decai física e psiquicamente” (FRANKL, 2008, p. 98) Com isso, a questão primordial da maioria era “como sobreviver ao campo de concentração?”. Pois, caso contrário, todo aquele sofrimento não teria sentido. E nosso autor questiona:

Em contraste, a pergunta que me afligia era outra: “Será que tem sentido todo esse sofrimento, essa morte ao nosso redor? Pois caso contrário, afinal de contas, não faz sentido sobreviver ao campo de concentração”. Uma vida cujo sentido depende exclusivamente de se escapar com ela ou não e, portanto, das boas graças de semelhante acaso – uma vida dessas nem valeria a pena ser vivida. (FRANKL, 2008, p. 90)

Afinal, o sofrimento existe e está em tudo do mundo e ninguém sairá da vida a carregando junto a si, ou como dito em palestras pela médica Ana Cláudia Quintana Arantes: “*a vida é situação sexualmente transmissível, incurável, progressiva, podendo levar a diversas incapacidades e em 100% dos casos à morte*”, não se escapa da morte, assim como não se escapa do sofrimento inevitável. Entretanto, as posturas observadas por Frankl, são partes constituintes da realidade humana. Pois, [...]”sempre e em toda parte, a pessoa está colocada diante da decisão de transformar sua situação de mero sofrimento numa realização interior de valores” (FRANKL, 2008, p. 91) e essa transformação passa pela mudança fenomenológica para a pergunta sobre o sentido da vida, citando a frase de Nietzsche do livro “*crepúsculo dos Deuses*”: “Quem tem por que viver aguenta

quase todo *como*” (FRANKL, 2008, pp. 101 - grifo original) Junto a essa afirmação, Frankl elucida o que chamou de giro copernicano frente aos questionamentos à vida dos prisioneiros. Se a questão era o que cada indivíduo deveria esperar que a vida iria lhe entregar frente ao seu desespero e tamanha a desgraça lhe acometia, o giro se daria com a vida questionando o homem o que ele poderia, ainda, oferecer a si e a própria vida e a vida exigindo uma resposta. Essa resposta está na capacidade humana em ser responsável, estudaremos essa capacidade adiante.

Foi num desses momentos, onde o desespero margeava o prisioneiro, que Frankl passa a se imaginar no futuro proferindo uma palestra onde relata o a sua vivência nos campos e seu olhar de observador clínico. Essas palestras foram transcritas e veremos um resumo dos dizeres de Frankl em cada uma delas a seguir.

1.3 Primeiras Palestras (1946)

A obra *Sobre o sentido da vida*, editada recentemente e português do Brasil, traz as transcrições das três palestras proferidas em março e abril de 1946 na Escola de Formação de Adultos do bairro operário vienense de Ottakring. E aqui traremos um resumo do que Frankl expôs em cada uma dessas palestras como nota histórica

O texto dessas falas tem como tema central a seguinte questão: Se a vida tem um sentido, também o sofrimento deve ter um sentido? Ali, Frankl (2022b) começa dizendo que, por mais necessário que seja naquele momento falar sobre o sentido e o valor da vida, existe um abismo referente ao tema, pois, nos últimos anos, antes mesmo de os campos de concentração, existiam propagandas que atribuíam o valor da vida conforme sua utilidade e, se a pessoa não fosse “útil”, segundo padrões como a capacidade laboral e de produção, deveria ser exterminada. Eis uma cláusula do programa eugenista alemão.

Veio a guerra e, como narra Frankl (2022b), a vida de muitos não valia a sopa rala que era servida. Como dizer que a vida tem sentido para pessoas psicologicamente bombardeadas entre um pós-guerra vivenciado e um sentimento de medo pré-guerra,

por conta da bomba atômica. Havia o medo coletivo de uma catástrofe mundial; em circunstâncias como essas, não há possibilidade de um idealismo ou um entusiasmo, sobre o futuro, que se sustentaria em meio ao fatalismo e o pessimismo de uma nação. Contudo, em meio a todos esses sentimentos, algo permanece, o ser humano. Mesmo que esse ser humano tenha vivido uma existência nua e crua, onde tudo lhe fora tirado: nome, família, profissão, pertences, sonhos, projetos e todos os pelos de seu corpo, ainda lhe resta a decisão que pode tomar frente ao que lhe for apresentado.

A partir desse ponto, Frankl (2022b, p. 32) ressaltará como a falta de sentido pode levar o ser humano ao desespero, e o desespero, ao suicídio. Assim, apresenta quatro motivos essenciais que poderiam levar uma pessoa a dar cabo da própria vida: 1) Por uma compulsão física; 2) Por um sentimento de vingança contra outra pessoa; 3) Pelo sentimento de cansaço frente as circunstâncias da vida e 4) Pela descrença no sentido em continuar a viver, como um balanço de pós e contras para essa decisão. Nosso autor se além aos dois últimos, nos diz que sentimentos não servem de argumento para tomarmos uma decisão, ainda mais para dar fim a própria vida e o sentimento em si é passageiro. E no último caso diz que a pessoa que possui tal motivação está buscando a felicidade e o prazer, ambos, não conquistados. Entretanto, o prazer não alivia o sofrimento da vida, tampouco daria sentido a existência, logo, a falta de prazer não tiraria o sentido da vida.

Frankl (2022b, p. 37) apresenta o que chamou de giro copernicano sobre a questão do sentido da vida. Pois, não seria o ser humano quem perguntaria sobre o que deveria esperar da vida? Sim, a vida é quem exige uma resposta do homem frente às circunstâncias da vida; desse modo, a pessoa passaria as responder as exigências com um caráter de missão. O homem é aquele que responde a cada situação com uma ação no mundo, o que abrange o conceito de sentido na vida. Conduzindo sua fala até o sentido frente ao sofrimento inevitável, como a própria morte. A morte seria como um pano de fundo que evidencia a responsabilidade de cada um frente a sua própria existência e a transitoriedade da vida não poderia, jamais, afetar o passado existencial vivido por uma pessoa.

Frankl, (2022b) encerra sua fala dizendo que o sentido não é a busca por perfeição, tampouco um ideal utópico. Nosso autor apresenta conceitos basilares da análise existencial para ser compreendido por todos, mesmo o que nunca ouviram nada de psiquiatria. Afinal, o sentido da vida é uma questão motivadora da nossa existência.

Na segunda palestra, Frankl reitera a questão central, destacando que o sofrimento é inerente à condição humana e, em certa medida, constitui uma faceta essencial da vida humana. Ele argumenta que a ausência de sofrimento pode ser considerada patológica, enfatizando que a doença não é necessariamente sinônimo de sofrimento, pois há doentes que sofrem e outros que não. Frankl ressalta a singularidade da dimensão espiritual, que permanece imune à doença e permite que indivíduos enfrentem corajosamente a proximidade da morte, demonstrando coragem autêntica.

O autor utiliza exemplos, incluindo experiências próprias em campos de concentração, para criticar a abordagem médica que se concentra apenas na parte doente do paciente, negligenciando a pessoa como um todo. Ele aborda a questão da eutanásia¹⁷, argumentando contra a postura do médico como juiz que decide quem vive ou morre, enfatizando a invalidez de desvalorizar a vida com base em condições físicas ou mentais, inclusive aquelas consideradas incuráveis pela medicina. Frankl discute sua visão de destino e introduz o conceito de "suprassentido".

Antes de chegarmos a terceira conferência faremos uma breve explanação sobre o que seria o conceito de suprassentido na logoterapia. Se fosse para sintetizar o conceito em um aspecto seria dizer que o suprassentido é o sentido baseado na fé do homem religioso. Entretanto, tal síntese não abarcaria todo o conceito metafísico que nosso autor se propôs a nos apresentar. Pois, a fé poderia ser manifesta tanto como um conceito-limite, frente ao sofrimento inevitável, por exemplo, e também

¹⁷ Pessoas com doenças mentais ou consideradas inúteis para trabalhar, foram mortas por eutanásia, seguindo a lei de Ernest Rüdin, psiquiatra e geneticista alemão, pelo programa alemão de eugenia da raça e nação ariana.

como providência divina em termos religiosos. A fé tem um caráter psicoterapêutico e criador para o homem, segundo Frankl:

Como fé pura que brota duma força interior, torna o homem mais forte. Para um crente, assim, não há, em última instância, nada sem sentido. Nada se lhe pode afigurar “inútil”, “não fica por assentar no livro fato algum” (Widgans). Neste aspecto, nenhuma grande ideia pode vir a perecer, mesmo que jamais venha a ser conhecida, mesmo que alguém “a tenha levado consigo para o túmulo”. Assim a história interior da vida de um homem nunca acontece “em vão” em todo o seu drama e inclusivamente na sua tragédia; e isto, ainda que nunca a tenham observado, ainda que nenhum romance a tenha sabido contar. *Seja como for, o “romance” vivido por uma homem é sempre uma realização criadora incomparavelmente maior do que o que alguém porventura tenha escrito.* (FRANKL, 2019c, p. 92 grifo original)

Optamos pelo trecho anterior para demonstrar algumas características do suprasentido, pelo fato de corroborar com a importância das experiências vividas, - sejam quais e como foram, pois, nesse trecho nosso pensador dá pistas sobre a importância do passado vivencial, ponto que iremos abordar nesse trabalho. A fé humana tem em si uma complexidade e imaterialidade que por si só seriam temas a serem abarcados em uma pesquisa específica. Entretanto, nosso pensador, como dito anteriormente, aponta para uma teologia filosófica com o objetivo de abarcar tais temas e para nós o tema do suprasentido nos é caro no aspecto em que nem mesmo o tempo, a morte e o sofrimento humano tem em si a possibilidade de anular o valor e o sentido da vida humana. Continuemos sobre as palestras proferidas por nosso autor.

Ao chegarmos, enfim, à *terceira conferência*, vemos Frankl (FRANKL, 2022b, p. 101) narrar que fazia pouco mais de um ano estava sendo libertado junto a outros homens, todos flagelados pela guerra e a sobrevivência aos campos de concentração. E que fora, num desses dias de sobrevivência, para se distanciar do sofrimento inevitável de toda aquela situação, passou a imaginar que estaria proferindo uma palestra onde contava exatamente o que estava vivendo naquele momento e indicou:

A conferência que este homem proferiu mentalmente naquela ocasião será ministrada agora realmente pela primeira vez nesse auditório da Escola de Formação para Adultos de Viena: Eu vou repeti-la! – Aquela conferência

iniciou com as palavras: Na psicologia do campo de concentração [...] (FRANKL, 2022b, p. 103)

Baseando-se nisso, o autor apresenta três fases psíquicas observadas nos prisioneiros do campo: a primeira fase é o “choque da recepção”; a segunda fase, é a “apatia”, e a terceira fase, é a “psicologia do prisioneiro em liberdade”. Frankl nos falará sobre a liberdade que não pode ser tirada, jamais, do ser humano e da responsabilidade. Sustenta, ainda, que nenhum sofrimento jamais pode ser comparado ou mensurado, pois cada um sabe a medida do que lhe aflige e que mesmo vivendo tudo o que viveu, ainda se espanta em pensar como as pessoas suportaram tanto sofrimento, inclusive ele mesmo. Assevera que os que sobreviveram precisariam conviver com a culpa, pois sabiam que os melhores pereceram. Por fim, atesta não existir discurso para abarcar toda essa vivência e o que restaria é o agir no cotidiano, retomando o que havia falado sobre o sentido na vida diária. Em seu modo de compreender, Frankl (2022b, p. 167) avalia que, apesar de tudo, ainda é preciso dizer um sim para a vida, mesmo que responsabilidade em assumir tal conduta possa ser assustadora, responder a própria vida, perante si e perante os outros, tem algo de magnífico, de abissal, e que por sua sabedoria o ser humano se sente atraído, mesmo se afastando.

Temas apresentados nessas palestras, no momento apenas aludidos, deverão ser aprofundados ao decorrer do nosso trabalho. Com isso, programamos adentrar ao âmbito da filosofia e das compreensões antropológicas franklianas, elementos de base da abordagem clínica focada na terapêutica conhecida por *logoterapia*, pois, mesmo que em diversos livros, principalmente entre os traduzidos para língua inglesa, o termo *logoterapia* seja comumente usado para referir-se a todo o pensamento de Frankl. Poderíamos propor uma separação entre teoria e prática dentro da logoterapia, entretanto, nosso pensador não desenhou uma trilha específica com essa distinção. Porquanto os conceitos basilares do pensamento de nosso autor que foram selecionados para esse empreendimento que são caras em nossa investigação, serão apresentados no capítulo que se segue.

2 FUNDAMENTOS DA ANÁLISE EXISTENCIAL FRANKLIANA

No capítulo anterior, localizamos o berço da logoterapia junto a vida de seu propositor. Compreendemos a importância da logoterapia para suas vivências nos campos de concentração e o desdobramento intelectual do nosso autor. Neste momento, mostraremos o que está em jogo na análise existencial frankliana, quais suas bases filosóficas, as críticas e limitações históricas enfrentadas pelos estudos da mente humana e qual a novidade que nosso autor apresenta frente as mesmas. Logo de início, reforçaremos o motivo pelo uso da nomenclatura “logoterapia” em detrimento a “análise existencial” mesmo nos momentos os quais não estávamos falando de nenhuma terapia. Apresentaremos em seguida a visão de homem da logoterapia. questão do espírito e toda sua relevância frente ao sofrimento humano, além da energia motivadora pela busca de sentido frente a liberdade a responsabilidade exigida em cada situação.

2.1 Análise Existencial

Na amplitude de sua obra, Frankl alude a diversos pensadores que, de uma forma ou de outra, exerceram influência sobre seus próprios estabelecimentos; dentre eles, filósofos como: Spinoza, Kant, Kierkegaard, Nietzsche, Fechner, Hartmann, Jaspers, Buber, Ostwald e, especialmente, Heidegger e Scheler. Para Frankl, ficava evidente que as questões humanas eram permeadas por perguntas filosóficas e que, para a empreitada em busca de uma terapêutica psicológica, necessitaria de uma visão antropológica e uma filosofia para *alicerçar e não se permitir perder de vista a totalidade da pessoa humana e, assim, não cair em qualquer reducionismo* (FRANKL, 2021a). Este é um dos principais objetivos da logoterapia.

É comum que a designação *logoterapia* seja mais conhecida do que a própria *análise existencial*, isso acontece devido a uma escolha do próprio Frankl, na época em que deu suas palestras nos países de língua inglesa, especialmente nos Estados Unidos.

Numa dessas palestras, Frankl afirmou que cunhou o termo *Existenzanalyse* “[...] como o nome alternativo ao vocábulo logoterapia” (FRANKL, 2011 p. 13), entretanto, com as publicações de seus textos traduzidos por autores norte-americanos, o termo foi substituído na tradução por *Existential Analysis* (análise existencial). Destarte, o nosso autor nos explica sobre sua escolha da utilização dos termos logoterapia e análise existencial:

Infelizmente, outros autores fizeram o mesmo com a palavra *Daseinanalyse* - termo que na década de quarenta, fora forjado pelo recém-falecido Ludwig Binswanger (1881-1966), o grande psiquiatra suíço, para designar o conjunto de seus ensinamentos. Desde então, a expressão “análise existencial” tem se tornado bastante ambígua. Logo, para evitar o fomento de mais confusão conceitual nesse estado de coisas, decidi abster-me, cada vez mais, de usar o termo “análise existencial” nas minhas publicações em língua inglesa. Frequentemente, eu me refiro à “logoterapia” até mesmo num contexto em que nenhuma terapia [...] está envolvida. (FRANKL, 2011, p. 14)

A partir dessa passagem, nos é lícito afirmar que a análise existencial desenvolvida por Frankl engloba sua cosmovisão, sua antropologia e esboça uma teologia. Nosso autor, segundo (PEREIRA, 2021, p. 28) enveredou por “[...] três grandes áreas de investigação: 1) visão de mundo, 2) conceito de ser humano e 3) a questão de Deus” para embasar e ancorar a terapêutica feita em clínica pela logoterapia. Desse modo seria possível dizer que Frankl sistematizou uma abordagem psicoterapêutica, desenvolveu sua filosofia e apontou sua teologia filosófica.

A partir daqui, com referência ao sistematizado acima, são necessários alguns apontamentos que precisam ser ressaltados. Por mais que a filosofia fenomenológica aponte para o seu início com Edmund Husserl (fazendo desse o iniciador da pesquisa fenomenológica), é sabido o quão ramificado e crescente o pensamento fenomenológico tornou-se junto aos seus célebres alunos. Sem o *leitmotiv* lançado por Husserl, aberto às possibilidades, qual seria o impedimento para que Frankl traçasse sua compreensão filosófica com os tons fenomenológicos de sua época? Bem, o caminho intelectual de Frankl, como apontando anteriormente, foi permeado por questões filosóficas desde tenra idade, e além de suas questões, houve a curiosidade

em buscar por conhecimentos e ‘conversar’ com diversos filósofos. E fora assim, que além de médico neurologista, Frankl concluiu seu doutorado em filosofia com a tese intitulada: *A presença ignorada de Deus*. Nosso autor era espirituoso sobre esse duplo “doutoramento”, dizendo que para alguns ele não era um duplo doutor, mas sim um meio médico (FRANKL, 2010, p. 41) Talvez, para alguns, poder-se-ia dizer que Frankl fora um “meio filósofo”, se é que tal coisa existe. Entretanto, nomenclaturas à parte, jamais poderia ser excluída toda a pesquisa, dedicação e empenho de Frankl para não deixar sua teoria à margem e na dependência de qualquer outro filósofo. Pois, Frankl não propõe uma terapêutica clínica baseada nos estudos de Husserl, Scheler, Hartmann e Heidegger; Frankl estrutura sua compreensão filosófica, escreve para ser compreendido e aplica seu conhecimento clínico enfatizando sempre a importância de evitar todo e qualquer reducionismo. Desse modo, podemos qualificar nosso autor como um pensador filosófico e prático na clínica terapêutica, em resumo, um pensador.

É possível presumir que a eleição desses nomes não foram casualidades. Frankl (2019b) dizia que a logoterapia tinha como objetivo incluir o logos na psicoterapia, assim como a análise existencial deveria incluir a existência no mesmo quadro. Acrescenta que a análise existencial, não seria uma análise “da” existência e sim, uma análise orientada “para” a existência (FRANKL, 2021b, p. 57). Pois não podemos analisar ou sintetizar a existência como um objeto. Outras características importantes da análise existencial frankliana aparecem ao pressupormos a dimensão espiritual humana; na história vivida, o passado existencial do sujeito¹⁸; o homem não está orientando somente pela busca de prazer ou de poder, ou um alívio completo das tensões e exigências da vida, o homem está em busca de um sentido para sua existência, e que não seria o homem quem perguntaria para vida qual o seu sentido e, sim, responderia à vida com suas ações no mundo, conforme as exigências do seu dia a dia. É com vistas a isso que nosso pensador nos diz:

18 O passado existencial será abordado na sessão sobre os valores atitude frente ao sofrimento inevitável

Mas análise existencial não designa apenas uma explicação da existência ôntica, mas também uma explicação ontológica daquilo que é a existência. Nesse sentido, a análise existencial é a tentativa de uma antropologia psicoterapêutica, de uma antropologia que é anterior a toda psicoterapia. (FRANKL, 2021b, p. 57)

Devemos, também, levar em consideração o contexto histórico para o desenvolvimento da psicologia e psicoterapia como compreensão da pessoa humana e, principalmente, as críticas feitas por Frankl às linhas psicológicas do seu tempo. A principal crítica feita pelo autor é referente à psicanálise e o inconsciente proposto por essa abordagem. Pois, para o nosso pensador, (FRANKL, 2021a, p. 19) se a psicanálise propõe um inconsciente psíquico, em contrapartida, deveria haver um inconsciente espiritual¹⁹, uma consciência irreflexiva que guiaria o ser humano pelo sentido da vida. Esses argumentos permeiam a filosofia frankliana e para isso precisamos nos debruçar na construção desse pensamento, seguindo pela crítica a psicanálise, o conceito de *inconsciente espiritual*, de Frankl, e uma breve explicação sobre sua definição de consciência moral, para que assim, possamos entrar nos objetivos da nossa pesquisa sobre o sentido do sofrimento humano.

2.1.1 Crítica à psicanálise e ao psicologismo dinâmico

Nas conferências e palestras²⁰ proferidas por Frankl, havia críticas contundentes aos caminhos adotados para o tratamento das doenças mentais; - os reducionismos que seguiam com as abordagens da época, e a busca de uma terapêutica única que abarcasse todos os males mentais evidenciados até aquele momento. (O "leito de

19 Trabalharemos sobre esse tema posteriormente

20 O livro o 'Sofrimento de uma vida sem sentido' é um compilado dessas conferências proferidas na Semana Universitária da Universidade em Salzburg em 1957. Entretanto existem textos anteriores a essa data sobre a reumanização da psiquiatria, como a introdução do livro Psicoterapia e Sentido da Vida aborda em específico o propósito de reumanização.

Procusto²¹” da psiquiatria²²). Podemos notar que ao sugerir a reumanização da psicoterapia (FRANKL, 2018, pp. 29,30), Frankl volta aos olhos não somente para a doença que aflige a pessoa, mas para a pessoa como um todo, um olhar holístico do ser humano. Esse olhar seria lançado, principalmente para o que as terapias da época não estavam levando em consideração: a dimensão *espiritual* do humano. Dimensão essa, que, segundo nosso autor, é característica intrínseca do que nos faz propriamente humanos.

Abordaremos mais detalhadamente esse assunto no capítulo reservado à antropologia frankliana. Entretanto, é possível oferecer aqui uma prévia de nosso autor dissertando sobre essa rotulação e redução do ser humano adoecido como um mero caso:

Essa tendência à despersonalização e à objetivação, essa tendência tecnológica nascida de um ressentimento, não constituía apenas o fundamento da psicologia psicologista, em particular da psicanálise, mas também na psiquiatria em geral, numa psiquiatria que não respeita a pessoa espiritual do doente mental. A finalidade desses motivos subjetivos de atitude e orientação impessoais no tocante ao enfermo reside em poder classificá-lo como um "caso" de degradá-lo até convertê-lo em um exemplo de "EQZ" (esquizofrenia), "PGP" (paralisia geral progressiva), e assim por diante. Se para a psicoterapia psicologista o homem desaparece por trás dos complexos, dos quais aparenta ser um mero brinquedo, para a psiquiatria psicologista desaparece encoberto pelos sintomas, dos quais dá a impressão de ser um simples portador. O homem é degradado pelo psicoterapeuta à condição de um ente calculável, a fim de ser tutelado pelo psiquiatra, diante de eventual imprevisibilidade que venha a se manifestar. Em ambos os casos, a tendência do tratamento é dominar o doente. (FRANKL, 2019b, p. 69)

Notável como nosso pensador foi influenciado pela visão fenomenológica das psicopatologias em detrimento a uma visão reducionista do homem. Pois, para que serviria um rótulo patológico se não fosse para potencializar a abertura para um

²¹ Esse termo é usado por Frankl como uma metáfora ilustrativa. Procusto faz parte da história de Teseu na mitologia grega. Foi um bandido que vivia em uma floresta, tinha uma imensa cama que usava como medida. Todos os que passavam pela floresta eram presos e colocados por ele em sua cama. Dos que eram muito grandes, Procusto cortava os pés e dos que eram muito pequenos, Procusto os esticavam. Uma vítima nunca se ajustava exatamente ao tamanho da cama, porque Procusto, secretamente, tinha duas camas de tamanhos diferentes.

²² FRANKL, Um sentido Para a Vida: psicoterapia e humanismo, 2019, p. 91

cuidado não somente da dimensão adoecida do ser, mas, principalmente, em cuidar da dimensão saudável e da totalidade da pessoa. Para referir-se ao aqui em caso, Frankl recorre oportunamente a um exemplo de como seria se caso a Joana D`arc fosse analisada somente como uma esquizofrênica (FRANKL, 2011, p. 42), ou artistas como Vincent van Gogh poderia ser analisado e ter toda a sua criação e expressão artística reduzidas ao seu estado depressivo. Assim, reduziria a expressão artística humana a uma patologia, ou melhor, reduzir um ser humano a nada mais que sua enfermidade, como uma busca por uma normatização dos modos de existir, além de atribuir ao médico uma condição de total saber sobre a existência do seu paciente. É com isso em vista que se pode indicar o quanto:

A análise existencial juntamente com o método fenomenológico aplicado à psicoterapia reagia contra as rotulações positivistas subjacentes às rotulações psicoterapêuticas que qualificavam os indivíduos Como inferiores, carentes, esquizofrênicos, estúpidos, neuróticos etc., que fechavam os olhos para a pessoa em sua vivência de vida, isto é, existencial Estas categorias psicopatológicas estão apoiadas num padrão fatural e invariável de ajustamento humano e se prendem às próprias categorias esquecendo o homem (XAUSA, 2013, p. 100).

A presente citação nos dá vislumbre do que Frankl confronta no cenário da psicologia de sua época. Incluindo a psicopatologia com base na psicologia dinâmica que possuiria o olhar reducionista descrito na citação acima. Em lugar de incorrer em tal conduta, Frankl objeta contra ela ao compreender que a psicanálise apresenta a pessoa com um aparelho psíquico (simbólico) dividido em Id, Ego e Superego. Para nosso Ego não passaria de um brinquedo dos impulsos inconscientes do ID e as repressões do Superego ou, como certa vez disse o próprio Freud: “[...] o ego não manda em sua própria casa” (FREUD *apud* FRANKL, 2021a, p. 15) Considerando que a psicanálise compreende que os comportamentos da pessoa são, de alguma maneira, relacionados a um aparelho psíquico, o psicanalista seria o conhecedor desse aparelho (suposto saber) e das técnicas úteis para trazer o inconsciente para o uma manifestação consciente. Desse modo, as coisas se dão como se cada ação humana decorresse exclusivamente de um impulso egoísta movido pelo prazer e pela satisfação própria desse impulso; de sorte que o psicanalista, quer dizer, profissional apto a fazer uma

análise com base na psicanálise, seria espécie de “desmascarador” desses intuitos nas ações das pessoas. Desse modo, Frankl (2021a) faz-se crítico aguerrido dessa conduta terapêutica e nos diz ser uma obrigação desmascarar a psicoterapia “desmascaradora” e vencê-la, usando as armas psicologistas:

E o que é necessário para estourar este *circulus vitiosus* (círculo vicioso) é: o desmascaramento dos desmascaradores. [...] O psicólogo, porém, que também lá não pode parar de desmascarar, desmascara apenas a sua tendência inconsciente de desvalorizar o autêntico, o humano no homem. (FRANKL, 1990, p. 132)

A propósito do dito acima, é pertinente lembrar que, ao final da década de 1930, Frankl (2011, p. 22) ressalta a importância histórica e até mesmo heroica de Freud por aguçar a visão da neurose e de não ter um olhar ingênuo para todos atos e motivações da vida cotidiana de um pessoal. Desse modo, admitia que ao apresentar ‘um algo’ (isso-id) no ser humano que ultrapassava o intelecto, a razão e as imposições sociais, Freud nos apresentava os bastidores da vida humana ou, como Frankl costumava dizer, “[...] pavimento térreo e ao porão do edifício” (FRANKL, 2011, p. 39), uma dimensão mais baixa nos estudos da psique humana.

Para não cometer leviandades perante as posições da escola freudiana e toda a abertura que este indiscutivelmente proporcionou ao cuidado mental, (contributo análogo ao de Husserl quanto ao conhecimento, por meio da fenomenologia), é preciso levar em consideração o contexto histórico e fazer, deliberadamente, um anacronismo: A psicanálise acompanhou e se adaptou ao tempo e a sociedade. Suas ramificações abarcam desde a compreensão da infância, da política, da sociedade, e da cultura. Mesmo nos dias de hoje, é uma escola amplamente utilizada e divulgada por estudiosos e em ramificações com bases freudianas e de alunos que sistematizaram seus saberes com bases freudianas.

Após essa rápida digressão, retornemos a Frankl e a suas críticas tanto ao inconsciente como para a psicopatologia dinâmica – superada nos dias de hoje nos estudos psicopatológicos (BERRIOS, 2012). As designações de neurose, psicose e

perversão, utilizados comumente pelos psicanalistas, na teoria freudiana e já com desdobramentos no senso comum, foram interpretados em suas tópicas (FRANKL, 2021a, p. 15) como elementos da existência humana num inconsciente pulsional, derivado de uma dimensão animal, instintiva do ser humano, como uma energia imanente ao ser humano. Frankl em momento algum rechaça tal teoria pulsional, mas apresenta uma questão (FRANKL, 2019c, p. 37): visto que é possível perceber tal inconsciente pulsional, logo, não seria possível constatar um inconsciente na dimensão espiritual do homem habitando a existência humana? Com uma energia guiada para o transcendente sem desconsiderar o imanente da existência humana.

A partir da posição galgada na premissa acima, nosso pensador afirma que a análise existencial nos situa numa posição mais elevada que a psicanálise, pois, segundo ele, a busca pelo transcendente é própria à situação humana e não "[...] o futuro de uma ilusão (1927)"²³. E Frankl dirá que o ser humano, ocupa-se de pensar sobre as questões transcendentais como a eternidade, sobre a onipresença, a religiosidade simplesmente por ser uma característica da pessoa humana. Também pensaria sobre o quanto isso constituiria uma realidade no sentido empírico mais estrito; assim, no lugar de um automatismo dado em função de um aparelho psíquico²⁴ (ID), a pessoa teria a autonomia de sua existência.

Uma reflexão como está, na compreensão de Frankl, adviria de algo como um *inconsciente espiritual* da existência humana. Por ser um conceito importante para o desdobramento do nosso trabalho, seguiremos com as explicações sobre a hipótese do inconsciente espiritual na filosofia de Frankl. Entretanto, antes de seguirmos sobre as características relevantes da análise existencial e do inconsciente espiritual, se faz necessário deixar claro sobre o que se trata por “elevada” dito em diversos trechos desse trabalho. Segundo, Lima Neto (2013):

23 Em 1927, Freud lança sua obra “O futuro de uma ilusão” onde questiona sobre a origem da religião. Freud atribuía a religião como instituição seria um instrumento social repressivo e coercitivo para os impulsos sexuais e um sistema de crenças falsas.

24 O aparelho psíquico abrange as três hipóteses freudianas – econômica (energia), topográfica (consciente, inconsciente e pré-conscientes) e estrutural (ego, id, superego)

É importante frisar a relação intrínseca existente entre o anímico e o espiritual destacada por Scheler, pois, partindo da compreensão de que toda forma de ser mais elevada apresenta, necessariamente, menos força e mais dependência em relação às formas menos elevadas, o filósofo entendia que o espírito não tem nenhuma força em si mesmo, na verdade, ele necessita do impulso anímico, que sendo uma dimensão inferior à dimensão do espírito, apresentaria mais independência e mais poder a partir da força das pulsões e dos instintos para agir na pessoa espiritual (LIMA NETO, 2013, p. 224)

Distintivamente, a questão de uma dimensão elevada não abarca em si um juízo de valor, mas sim, uma característica dialética, de necessidade das bases inferiores para lançar o agir do espírito no homem. Pois, para haver uma dimensão espiritual, é necessário que haja um ser humano com todas as suas particularidades. Enfim, não existe dimensão espiritual sem o homem como um todo.

Após essa explanação seguiremos para o nosso próximo subtópico que será dedicado à apresentação do inconsciente espiritual e de como certa consciência dessa dimensão espiritual, a moral, se liga à primeira.

2.1.2 O Inconsciente Espiritual e a Consciência Moral

Face a tarefa de tornar compreensível o conceito de inconsciente espiritual, Frankl (2021a) tangencia diversos outros conceitos da análise existencial, principalmente nas questões antropológicas, a exemplo da: liberdade e da responsabilidade da pessoa humana. Contudo, primeiramente, buscaremos enfatizar, da melhor maneira possível, a distinção entre o inconsciente pulsional freudiano e o inconsciente espiritual frankliano, e assim definir esses paralelos e seguirmos com o nosso intento, pois o ponto principal em jogo sobre o inconsciente espiritual está na questão da consciência moral, isso posto, adentramos as explicações.

Como o limite entre consciente e inconsciente aparenta ser permeável entre si, o limite entre instinto e espiritual necessitaria ser estabelecido de maneira nítida e entendível, por mais abstratos que sejam tais conceitos e, provavelmente, por não serem mensuráveis quantitativamente, é possível observar esses limites de modo

qualitativos. Assim, o critério de especificidade humana, quer dizer: “O ser humano pode ser ‘verdadeiramente ele próprio’ também nos seus aspectos inconscientes” (FRANKL, 2021a, p. 21), principalmente ao ser um ente que decide perante sua existência face ao seu traço *livre para poder-ser possibilidades*, respondendo às exigências da sua existência. Uma tal resposta às exigências feitas em circunstâncias de vida são irrefletidas, pois não pode ser objeto de reflexão (a priori), por isso partem do inconsciente espiritual. Segundo Frankl (2021a) a existência propriamente dita seria um fenômeno primário [*Urphänomen*], não analisável e irreduzível à compreensão intelectual, por conseguinte, os aspectos elementares da existência, como a consciência (cognitiva) [*Bewusstsein*], à responsabilidade e a consciência moral²⁵ [*Gewissen*] constituiriam esse mesmo estado fenomenológico primário, não podendo ser reduzido a uma mera explicação cognitiva ou intelectual. Explicando de outra maneira, a nossa existência no mundo, assim como, a consciência (cognitiva), a responsabilidade e a consciência moral são fenômenos que primeiro acontecem e somente após o seu acontecimento que podemos buscar uma compreensão reflexiva, que muitas vezes, não irá compreender a totalidade do fenômeno primário. Seria como tentar compreender a vida de uma pessoa usando a linguagem, por exemplo. A linguagem seria uma ferramenta secundária que abarcaria somente uma faceta da existência da pessoa, pois em nosso existir existem fenômenos que não são dizíveis em qualquer tipo de linguagem.

A compreensão passaria pela transcendência da dimensão ontológica da existência e não por uma redução ôntica. Nas palavras do autor:

[...]”assim que deslocarmos para uma dimensão ontológica, deixam imediatamente de ser problemas: nessa dimensão, a consciência e a responsabilidade são fenômenos primários, próprios do ser humano como “elementos existenciais”, como os dois atributos básicos que pertencem ao ser

²⁵ O psiquiatra austríaco especifica o termo “moral” como finalidade de não provocar confusão de conceitos com uma consciência cognitiva (*Bewusstsein*). Enquanto esta tem acesso a um “ser que é”, aquela capta, intuitivamente, por meio de uma antecipação espiritual, o dever-ser, a possibilidade mais elevada axiologicamente, [...] o sentido de cada situação. (PEREIRA, 2021, p. 290)

existencial, como algo que nele sempre esteve contido. (FRANKL, 2021a, p. 27)

Desse modo a existência humana propriamente dita teria como fator irreflexível a consciência e a responsabilidade²⁶²⁷; a consciência teria o caráter de um fenômeno primário de execução imediata não racionalizável a priori, tornando-se acessível posteriormente, em uma racionalização secundária. Quer dizer que a consciência apontaria para um dever-ser, uma potencialidade a ser realizada [...] “esse ser que deveria ser não é, portanto, real, mas algo que ainda precisa tornar-se real; não é real, mas meramente possível” (FRANKL, 2021a, p. 30). Assim sendo, podemos enfocar a consciência além da biológica (quer dizer, do estar em um estado fisiológico correspondente à consciência), da psicológica (a consciência mental, representacional, reflexiva), e integramos a consciência de forma intuitiva tem suas raízes junto ao inconsciente espiritual. Face a isso, de acordo com nosso pensador:

Reduzir a consciência ao mero resultado de processos de condicionamento constitui um exemplo de reducionismo. Eu definiria reducionismo como uma abordagem pseudocientífica que negligencia e ignora o caráter humano de determinados fenômenos ao reduzi-los a meros epifenômenos, mais especificamente, ao reduzi-los a fenômenos subumanos. De fato, pode definir-se o reducionismo como um *sub-humanismo*. (FRANKL, 2011, p. 29)

A importância em compreender em que lugar está localizada consciência na visão da análise existencial será fundamental para a questão do sentido afirmada por nosso pensador, pois, segundo Frankl (2019b), a consciência faz parte dos fenômenos especificamente humanos e seria o órgão do sentido. O autor destaca de tal modo a sua definição sobre o órgão do sentido:

²⁶ Contudo, uma reflexão imparcial sobre os fundamentos originários do ser humano leva-nos a concluir que o ser-consciente (*Bewusstesein*) e o ser-responsável (*Verantwortlichsein*) constituem precisamente os dois fatos fundamentais da existência. Expressando esta realidade numa fórmula antropológica fundamental, poderíamos dizer: ser-homem significa ser-consciente e ser responsável (FRANKL, 2019c, p. 33)

²⁷ Esse conceito será explicado no capítulo sobre a antropologia frankliana na sessão Liberdade e Responsabilidade

Sentido não só precisa, mas também pode ser encontrado, e na busca pelo mesmo é a consciência que orienta a pessoa. Em síntese, a consciência é um órgão de sentido. Ela poderia ser definida como a capacidade de procurar e descobrir o sentido único e exclusivo oculto em cada situação. (FRANKL, 2021a, p. 85 grifo da obra)

Isso seria assim, pois o sentido, tanto no cotidiano, como nas vivências mais significativas, esta seria a bússola que aponta sempre para o norte²⁸. Cada indivíduo, deveria ser guiado por essa bússola existencial ao responder às exigências que a vida lhe apresenta. Frankl ainda reitera que a consciência não passa pelo crivo da racionalidade ou intelectualidade, e também não estamos livres de equívocos e é preciso humildade para reconhecer as incertezas apresentadas pela consciência, pois até o nosso último suspiro, não poderemos saber se, enfim, seguimos o sentido da nossa existência ou somente uma ilusão (FRANKL, 2019c, p. 106).

Mesmo sem a certeza de estar seguindo o sentido ou uma ilusão, o ser humano tende a buscar algo e a agir no mundo, como um saber inerente do que deve ser feito pela vida. Dessa maneira, é necessário elucidarmos como é visto o homem na logoterapia, pois o que motivaria o ser humano a permanecer na busca pelo sentido.

Esmiuçaremos no próximo capítulo a antropologia frankliana examinando como Frankl desbravou sobre a questão do espírito humano; por onde permeia a liberdade humana; qual seria a força motivacional do homem pela busca de sentido; como o homem pode ir além de si para a busca desse sentido.

²⁸ Sobre a analogia da bússola chegamos ao seguinte entendimento utilizando a seguinte alegoria: A bússola inteira seria o *inconsciente espiritual*; a agulha magnética equivaleria à *consciência moral* que aponta sempre para o Norte, o *sentido*, nesse caso. Já a *Autocompreensão Ontológica Pré-reflexiva da existência*, seria dada pela bússola 'saber' que é uma bússola, sem saber **como** sabe - intuitivamente.

2.2 Antropologia Frankliana

“O que é, porém, o homem? Ele é o ser que sempre decide. Ele sempre e a todo tempo decide o que é e o que se tornará no próximo instante. Nele estão as possibilidades do anjo e do demônio. Pois o homem, como o conhecemos (...) é o que inventou a câmara de gás, mas é, ao mesmo tempo, o ser que foi conduzido para dentro dela, de postura ereta e com os lábios entoando a Marselhesa ou uma prece.”

(FRANKL, 2022a, p. 93)

Como é o homem segundo Viktor Frankl e quais pontos são apresentados como novidade pela Logoterapia em detrimento ao pensamento da época? Nosso pensador utiliza de seu conhecimento prático para explicar conceitos abstratos de modo mais concreto. Pois, *como* podemos identificar o *locus* desta consciência (o amor, a liberdade, por exemplo) no ser humano? E, afinal, *como* se apresenta esse humano em sua Logoterapia?

Para começarmos a discussão sobre o “como” do humano na logoterapia aborda, importa considerar o contexto histórico no qual Viktor Frankl apresentou seu pensamento. Esse período foi marcado por avanços notáveis no conhecimento humano sobre a mente e o corpo. Este cenário, e o otimismo a seu respeito, já havia sido observado por Max Scheler (autor a quem Frankl não apenas respeitava, quanto se inspirava para galgar suas próprias posições), quando o filósofo de Munique, em seu ensaio *A posição do homem no Cosmos*, nos diz:

Tenho a satisfação de constatar que os problemas de uma antropologia filosófica ganharam hoje o ponto central de toda problemática filosófica na Alemanha e que, muito para além do círculo dos especialistas em filosofia, há biólogos, médicos, psicólogos e sociólogos trabalhando em uma nova imagem de constituição do homem. (SCHELER, 2003, p. 3)

Bem como Scheler, Frankl sabia da importância de analisar diferentes aspectos e de se tornar especialista em determinadas áreas, uma vez que o tempo de vida de cada indivíduo é limitado, e as escolhas feitas ao longo da vida levam à aquisição de conhecimentos específicos em detrimento de outros. Entretanto, os conhecimentos

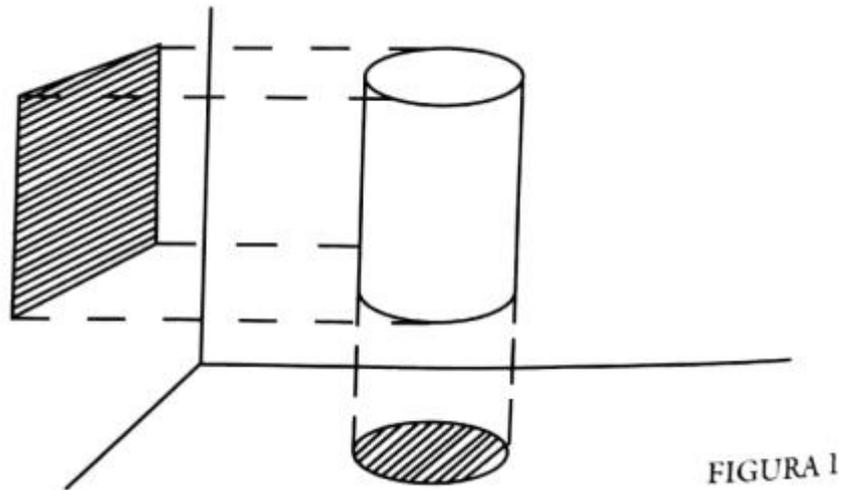
específicos de uma área não deveriam ser utilizados para analisar a complexidade da existência humana, pois seria uma maneira de reduzir essa complexidade. O avanço do conhecimento sobre o humano (e sobre a mente humana) frequentemente leva a uma abordagem reducionista, e nosso autor identifica essa abordagem como "psicologismo". A compreensão peculiar que Frankl faz dessa noção, que outrora foi principal objeto de contestação da fenomenologia de Husserl²⁹, é a de "[...] um processo pseudocientífico que, partindo da origem anímica de um ato, tenta concluir a validade ou invalidade de seu conteúdo espiritual" (FRANKL, 2019c, p. 53). Nosso pensador apresenta alguns exemplos de psicologismo em relação à existência humana; como quando se analisa um artista, com uma possível doença mental, e seu processo criativo, destacando apenas seu adoecimento, ou quando afirma-se que o ser humano não passa de reações bioquímicas e está destinado a finitude. Excluindo a dimensão espiritual do ser humano, e é nessa dimensão que a logoterapia firma raízes ao olhar para as potencialidades da existência humana. Para Frankl, a dimensão espiritual torna o ser humano uma pessoa única, irrepetível, tensionada a um sentido, livre e responsável por suas escolhas. Desse modo, o homem seria uma unidade apesar de toda sua pluralidade, "*Unitas Multiplex*" como dito pelo filósofo Tomás de Aquino e usado por Frankl para resumir sua visão de homem.

2.2.1 Ontologia Dimensional

Ao compreendemos a visão de homem da logoterapia e o olhar reducionista que pode ser aplicado dentro das ciências humanas, nosso pensador apresenta duas leis, a fim de enfatizar o olhar holístico para a pessoa humana. São duas leis conhecidas na logoterapia por ontologia dimensional, as quais fazem analogias com formas geométricas para trazer certa concretude para algo abstrato.

²⁹ Sobre o que seria dito no sentido de "psicologismo" em Husserl e em Frankl– alvo de Husserl: psicologismo lógico (a lógica pertence ao domínio da psicologia)/epistemológico. Forma genérica: redução indevida de um determinado âmbito de conhecimento à psicologia.

A *primeira lei* determina que ao projetarmos luz em um determinado objeto, um cilindro por exemplo, ao olharmos somente uma das partes da sombra projetada, veremos um retângulo em um lado e um círculo na parte de baixo como na figura que segue:



(FRANKL, 2011, p. 34)

Figura 1: Ilustração da primeira lei da ontologia dimensional

Se o objeto for analisado somente pela sombra projetada a conclusão será que se trata de um retângulo ou uma esfera e não um o cilindro maciço que projeta a imagem. Essa analogia serve para nos explicar que ao olhar somente os sintomas *per si*, não veremos o todo do ser humano; o sintoma de uma enfermidade psicológica, por exemplo, seria somente uma projeção de uma faceta da pessoa. Ressaltamos que a imagem tridimensional nas referidas figuras seriam representações da pessoa humana.

A *segunda lei* utiliza diferentes formas geométricas, no exemplo temos um cilindro, um cone e uma esfera, em formatos tridimensionais, com uma luz incidindo acima das formas e projetando sombras circulares idênticas na base da imagem:

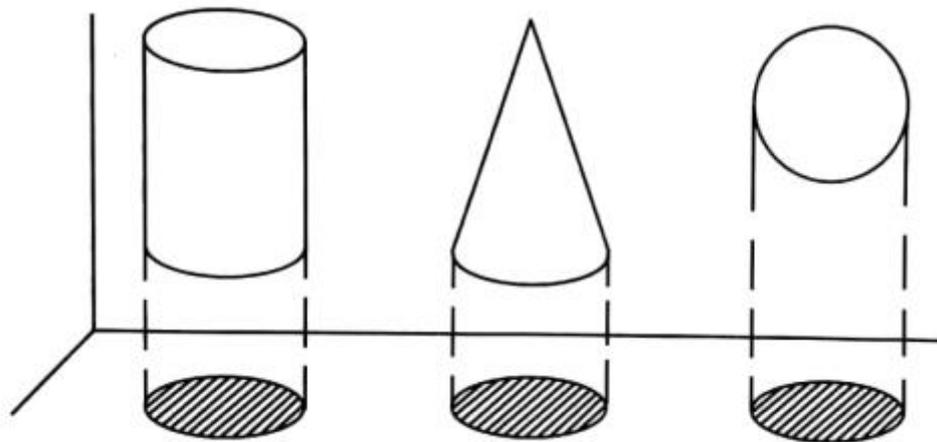


FIGURA 2

(FRANKL, 2011, p. 35)

Figura 2: Ilustração da segunda lei da ontologia dimensional

Ao analisarmos essa imagem somente pelas sombras projetadas, veremos que formas geométricas diferentes podem projetar sombras idênticas e se caso for olhado somente esse espectro, a sombra projetada, podemos inferir que todas as formas são idênticas também. A segunda lei da ontologia dimensional, diz respeito as projeções utilizadas para a análise do indivíduo, pois a “projeção no plano biológico tem por resultado fenômenos somáticos, ao passo que a projeção no plano psicológico tem por resultado fenômenos psíquicos” (FRANKL, 2019c, p. 67) fenômenos importantes para o tratamento, mas que opera com um olhar unidimensional. Destarte, Frankl nos diz o que está em jogo em suas analogias com figuras geométricas:

Com isso, chegamos à aplicabilidade da segunda lei da ontologia dimensional ao homem: se projeto, não figuras tridimensionais num plano bidimensional, mas figuras como Fiódor Dostoiévski ou Bernadette Soubirous no plano psiquiátrico, então trato Dostoiévski como se fosse um epiléptico igual a tantos outros epiléptico; Bernadette com outra histérica igual a tantas outras histéricas com visões alucinatórias. O que ambos são, além disso, não se manifesta no plano psiquiátrico. É porque a produção artística de um, a experiência religiosa da outra ficam fora do plano da psiquiatria, dentro do qual tudo é ambíguo, como as sombras que não sou capaz de identificar ou não posso determinar se pertencem ao cilindro, ao cone ou à esfera (FRANKL, 2019b, p. 189)

O conteúdo dessa citação indica um ser existencial além de toda e qualquer patologia e que “[...] a ontologia dimensional está longe de resolver o problema mente-corpo” (FRANKL, 2011, p. 36) E não importa qual seja a enfermidade e o grau de adoecimento o que faz do homem um ser humano não adoce tampouco se perde, nem mesmo perante a morte. Diferente dos animais o ser humano não é conduzido por seus instintos, existe algo além que nos capacita em sermos humanos, Frankl atribui esse algo à nossa dimensão espiritual.

Ivo Studart Pereira, em seu *A Ética do Sentido da Vida* (2013), clarifica o conceito de "espírito", e como foi referido a partir de diversas perspectivas da tradição filosófica. Dessa obra, destacamos a perspectiva apresentada na logoterapia; que primeiro delimita os condicionamentos determinantes do homem (condicionamentos psíquicos, biológicos e sociológicos). Ele destaca que a logoterapia não nega os instintos humanos e enfatiza a capacidade do homem de afirmá-los, desde que dentro da margem de liberdade humana. Desse modo, o "espírito" desempenha papel fundamental na compreensão do ser humano e sua busca por sentido, transcende os aspectos condicionantes do indivíduo, representando a faculdade mais elevada do ser humano. Ainda segundo Pereira (2013), Frankl destaca que o espírito não se limita à simples capacidade de raciocínio, atuando também como uma força ordenadora da razão universal. Através do "logos," derivado do grego e com a polissemia de "sentido" e "espírito," o espírito se manifesta, tornando-se a fonte primária de motivação para o ser humano.

Na logoterapia, o "espírito" não apenas representa a faculdade intelectual, mas também denota a capacidade do indivíduo de buscar o sentido em sua vida. Essa força permite ao ser humano transcender instintos e condicionamentos, tomando decisões conscientes e responsáveis em face das circunstâncias. Portanto, na logoterapia, o "espírito" é um conceito essencial que ressalta a liberdade humana e a busca de sentido do ser humano, representando sua capacidade de se elevar acima das influências puramente biológicas e psicológicas. A compreensão e valorização do "espírito" desempenham um papel crucial na prática terapêutica, ajudando os indivíduos a

encontrarem o sentido em suas vidas, promovendo seu crescimento e bem-estar. Desse modo:

Vale citar que o termo “ espírito” na obra de Frankl foi, gradativamente, sendo substituído por “dimensão noológica” (ou noética), como sinônimo (na acepção de *nôus* enquanto espírito), tendo em vista a série de mal-entendidos teóricos que foram sendo gerados, principalmente, nos Estados Unidos, onde – assim como no Brasil – o termo possui acepções de cunho religioso, ao contrário da conotação alemã da palavra *Geist*: “O que nós compreendemos como dimensão noológica se refere a uma conceituação antropológica, muito mais do que teológica. O mesmo também vale para o ‘logos’ no contexto do termo ‘logoterapia’. Além de denotar ‘sentido’, ‘logos’ aqui significa espírito’ – mas, novamente, sem qualquer conotação religiosa primária. Aqui, ‘logos’ significa humanidade do ser humano e o sentido de ser humano!” (FRANKL, 2011, p. 28) citado em (PEREIRA, 2013, p. 65 NR 8)

Ainda sobre a questão do espírito, é fundamental sua compreensão na visão de homem da logoterapia, pois é a partir do espírito que o homem consegue transitar na busca pelo sentido, principalmente frente ao sofrimento inevitável da vida. Tanto pela força motivadora dessa busca, a vontade de sentido e como pela liberdade humana.

A análise existencial concatena para a totalidade do ser humano, em uma compreensão holística sobre essa totalidade, tanto psicofísica, mas também espiritual e pessoal. Importante ressaltar a posição da logoterapia dentro das abordagens psicológicas e o que ela pretende ao compreender a dimensão espiritual do homem em sua filosofia e também em sua terapêutica, pois segundo o nosso autor:

Seria preciso conceber, então, o espiritual no homem, em oposição ao psicofísico, como a dimensão mais elevada. [...]; só que não somos tão “sob-“erbo a ponto de usar essa expressão, por mais que essa expressão seja cunhada como uma psicologia cuja aplicação médico-prática sobre o somático e o psíquico no homem não esquece o espiritual e, nesse sentido, saiba da dimensão espiritual, a dimensão “elevada” do ser humano[...] ela seria a psicologia profunda propriamente dita. (FRANKL, 2021b, p. 87)”

Pois, na medida em que ‘desce’ até inconsciente pulsional, acresce ao inconsciente espiritual humano, nesse caso, não só aprofundando e revisando todo e qualquer comportamento humano, mas, também, ampliando e elevando à condição humana propriamente dita: uma psicologia elevada. Elevada no sentido de incluir o espírito humano na análise e não como um juízo de valor, uma postura soberba no cuidado

terapêutico. Com o objetivo de, “[...] encorajar o homem para o espírito, lembrá-lo de que ele possui um espírito, de que ele é um ser espiritual” (p. 87). Seria nessa dimensão espiritual que o homem conseguiria transitar aos mandamentos psicofísicos com o seu potencial de liberdade da vontade humana.

O conceito de liberdade na logoterapia está atrelado à concepção antropológica de Frankl, pois para compreendermos a posição do homem no mundo das possibilidades se faz necessário delimitar qual seu nível de liberdade em sua existência. Pois, “[...] ser pessoa significa liberdade – liberdade para ‘vir a ser’ uma personalidade. Ela é liberdade ante a própria facticidade e liberdade para o vir a ser diverso” (FRANKL, 2021b, p. 96). Após toda essa consideração, podemos então adentrar na elucidação da liberdade e a responsabilidade na análise existencial frankliana.

2.2.2 Liberdade e Responsabilidade

Se tivéssemos que resumir do que se trata a análise existencial frankliana em poucos conceitos, a liberdade e a responsabilidade seriam os melhores balizadores para essa nossa síntese. Pois, ao adentrarmos em outros conceitos franklianos, podemos perceber que a díade liberdade/responsabilidade costuma ser apontadas mesmo que à margem, delimitando o campo de ação da pessoa. Apesar de os dois conceitos de nosso tópico serem carregados de significados e interpretações, nosso autor buscar deixar claro o que está em jogo, principalmente quando nos apresenta o seguinte entendimento: “[...] nenhuma *pessoa é livre de, mas é livre para*” (FRANKL, 2021a, p. 22). Como visto anteriormente, o homem não está livre dos seus condicionantes biológicos, psicológicos e sociológicos e, das circunstâncias que a vida lhe impõe diariamente. O pai da logoterapia nos aclara da seguinte maneira sobre a díade:

A análise existencial declara o homem livre; mas ela não o declara apenas livre, mas também responsável. E, nesse ponto, a análise existencial se distingue essencialmente de toda filosofia da existência, mas, sobretudo, do

existencialismo francês; pois responsabilidade já implica algo “pelo que alguém é responsável” e, segundo a doutrina da análise existencial, aquilo pelo que o homem é responsável é o preenchimento de sentido e a realização efetiva de valores. Assim, a análise existencial considera o homem como um ser que se orienta por sentido e que aspira a valores. (FRANKL, 2021b, p. 100)

Entretanto, “[...] o homem é livre para elevar-se sobre o plano dos determinantes somáticos e psíquicos de sua existência” (FRANKL, 2020, p. 23), sendo livre para se posicionar diante do que lhe aparece escolhendo a cada momento com responsabilidade sobre a sua existência. Logo, a liberdade não seria uma condenação ao nada, ao vazio, mas sim, um espaço onde o homem exerceria uma condição fidedignamente humana, a escolha. Pois bem, quanto mais a pessoa tem consciência das suas escolhas, mais livre ela se percebe em sua vida. E a liberdade, como foi apresentada, se daria junto ao ser humano ser responsável e consciente de sua própria existência. A responsabilidade implicaria a resolução de duas questões: Pelo que o ser humano se sente responsável e perante a quem ele se sente responsável (FRANKL, 2021b, p. 111). Além disso, nosso autor elucida as seguintes características sobre a responsabilidade:

[...]a reponsabilidade acompanha, no seu desenvolvimento, o “caráter de algo único” da pessoa e a irrepitibilidade da situação. “Caráter de algo único” e irrepitibilidade são, [...] elementos constitutivos do sentido da vida humana.[...] nestes dois aspectos essenciais da sua existência manifesta-se simultaneamente a finitude do homem. Sendo assim, esta finitude tem de representar algo que, de qualquer forma, dê sentido à existência humana, e não algo que lho tire (FRANKL, 2019c, p. 144)

Isto posto, a questão da responsabilidade dar-se-á em vista a finitude temporal da vida. A morte seria como um pano de fundo da existência, trazendo o “caráter de algo único” para cada indivíduo diante de suas escolhas. “Responsabilidade é aquilo para o que o ser humano é ‘atraído’ e – do que ele se “afasta” (FRANKL, 2022b, p. 126), pois, escolher é arriscar, é colocar a existência passível de algum erro e, toda decisão tomada, é uma decisão para a eternidade, permanece no celeiro do passado existencial de cada ser humano.

Percebemos, assim, que o homem não está fadado a uma existência predestinada, que dentre as suas possibilidades, nem que seja em seu espaço noológico, o indivíduo consegue exercer sua liberdade de escolha e se autodeterminar como um ser existencial³⁰. A compreensão fenomenológica do existir humano fica patente, pois liberdade e responsabilidade pressupõem vínculos e segundo, Frankl (2019c), se fossemos definir o homem, seria necessário caracterizá-lo como ser que vai se libertando de seus fatores pré-determinados, dominando-os, configurando-os e caminhando de modo transcendente em suas facticidades, em sendo um ser-aberto na construção de suas factualidades. E o que impulsionaria o homem para esse ek-sistere, na análise existencial de Frankl, seria a vontade de sentido.

Esse conceito crucial do pensamento frankliano, por todos os desdobramentos que ele possui, inclusive em sua psicoterapia, tem seu lugar de importância ressaltado no próximo tópico.

2.2.3 Vontade de Sentido

A vontade de sentido é a unidade motivacional e faz parte de um dos três pilares de logoterapia (a saber: liberdade da vontade; vontade de sentido e sentido da vida), Frankl chega a dizer que “o ser homem é por sua essência, um ser que está ordenado para algo, que se dirige a algo, que esse algo seja alguém, quer seja uma ideia ou uma pessoa.” (FRANKL, 2019c, p. 136). Essa força consiste na mais importante direção que o homem pode seguir para uma vida plena de sentido.

³⁰ Após termos efetuado essa centralização do ser humano, podemos agora, ao invés de falar como antes, da existência espiritual e da facticidade psicofísica, referir-nos à pessoa espiritual e “seu” psicofísico. Com isso, não queremos deixar de lado que, em nossa formulação, o “seu” significa que a pessoa “tem” um psicofísico, enquanto ela “é” espiritual. Na realidade, falando seriamente, não poderia dizer “minha pessoa” pois não “tenho” uma pessoa, esta minha pessoa “sou” eu. Também não poderia dizer “meu eu” pois o “eu” realmente *sou* eu, mas não “tenho” um eu – quando muito, poderia “ter” um id, justamente no sentido da “minha” facticidade psicofísica.” (FRANKL, 2021a, p. 23)

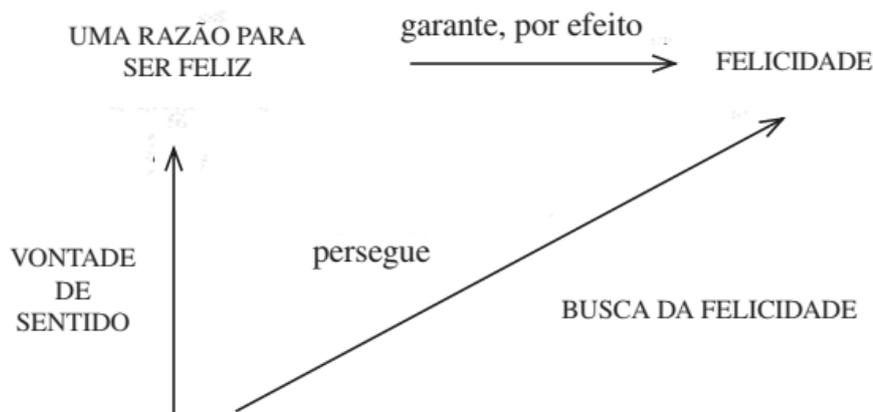
Para melhor elucidar essa unidade motivadora, podemos começar com a seguinte questão: Estamos vivos e vamos morrer e tudo isso para quê? Não seria essa, talvez, a questão primordial que qualquer filósofo busca responder? A questão sobre o sentido da vida é algo especificamente humano. Começando por termos noção da nossa própria finitude. O saber da nossa própria morte nos dá a noção sobre o tempo - o nosso, o dos outros -, e do mundo que nos circunda. Entretanto, não poderíamos dizer que o conceito de vontade de sentido seria a busca por uma explicação racional sobre a vida, tampouco uma resposta determinista, pois como vimos anteriormente, o ser humano possui a capacidade de se opor aos seus determinantes psicofísicos, quando se faz necessário; sequer seria a busca por uma homeostase, uma ataraxia como objetivo final da plenitude humana. “O que de fato impulsiona o homem não é nem a vontade de poder nem a vontade de prazer, mas sim o que chamo de vontade de sentido³¹.” (FRANKL, 2019b, p. 22) que é a tensão motivadora do ser humano na visão da logoterapia.

Devemos levar em consideração o contexto histórico e as bases psicoterapêuticas estruturantes da logoterapia. Pois, quando Frankl nos diz sobre a “vontade de sentido” (*Wille zum Sinn*) em contraponto a vontade de prazer (relacionado ao *Lustprinzip* da psicanálise) e luta por superioridade (*Geltungsstreben*, como na psicologia individual). Nosso pensador ressalta a importância em retornar para essas escolas:

Quem poderia falar de psicoterapia sem mencionar Freud e Adler? E, em se tratando de psicoterapia, quem poderia deixar de partir da psicanálise e da psicologia individual, para depois e sempre se lhes referir? Não resta dúvida alguma de que ambas representam os dois únicos grandes sistemas no âmbito psicoterápico. A obra dos seus criadores impõe-se ao nosso pensamento na história da psicoterapia, sem que dela possamos prescindir”. (FRANKL, 2019c, p. 31)

31 “*Der Wille zum Sinn* é propriamente intraduzível em português. Falar em uma “busca” de sentido é tomar o efeito pela causa e cair no óbvio e no trivial. Ao cunhar a expressão, Frankl pensou decerto no conceito de *Wille zum Macht*, de Nietzsche.” (FRANKL, 2019b, p. 22 NR)

Em desenvolvimento ao dito acima, tanto a vontade de prazer e quanto a vontade de poder seriam autoanulativas, lançando o ser humano para uma condição egoísta em seu existir. Como exemplo constante, nosso autor fala sobre a pessoa que busca a felicidade como meta, que nesse caso, a possibilidade de fracasso seria evidente (FRANKL, 2008, p. 10); pois a felicidade seria uma consequência e não um fim em si mesma³², como ilustrado na figura 3, que segue:



(FRANKL, 2011, p. 48)

Figura 3: Diagrama que ilustra a relação entre Vontade de Sentido e Felicidade

Com a figura diante dos olhos, podemos analisá-la do seguinte modo: quando o homem busca uma razão para ser feliz, o resultado dessa busca pode ou não ser felicidade. Pois, quantas vezes traçamos uma meta pessoal a ser realizada e, ao concluí-la, o sentimento resulta ambíguo, - pode-se sentir felicidade ou não, ou sentir qualquer outra coisa; na verdade, até mesmo definir o que seria o sentimento de felicidade já é, em si, complexo.

³² No prefácio da edição do *Em Busca de Sentido* de 1984 Frankl indaga sobre o porquê o seu livro que seria publicado anonimamente tornou-se um best-seller. Alertava seus alunos sobre esse feito: “Não procurem o sucesso. Quanto mais o procurarem e o transformarem num alvo, mais vocês vão errar. Porque o sucesso, como a felicidade, não pode ser perseguido; ele deve acontecer, e só tem lugar como efeito colateral de uma dedicação pessoal a uma causa maior do que a pessoa, ou como subproduto da renição pessoal a outro ser. (FRANKL, 2008, p. 10)

Para termos ideia do que se trata a felicidade, em uma ligeira digressão, podemos começar por sua etimologia, por exemplo. A palavra "felicidade" tem origem no latim "felicitas", que por sua vez deriva do adjetivo "felix", que significa "feliz" ou "afortunado". Já a palavra "felicitas" foi usada pelos antigos romanos para se referir a uma espécie de graça divina que os protegiam das adversidades e lhes trazia prosperidade e sucesso em todos os aspectos da vida. Com o tempo, a palavra passou a designar um estado de plenitude e satisfação pessoal, ligado à realização de objetivos importantes e à vivência de experiências gratificantes. Assim, a etimologia da palavra "felicidade" está profundamente relacionada à ideia de "sorte" e "bênção", mas também evoca a noção de realização pessoal e bem-estar. Isso quer dizer que graças aos avanços científicos, tecnológicos e sociais, que garantem uma qualidade de vida superior a outros tempos, poderíamos afirmar que somos as pessoas mais felizes e realizadas vivendo neste momento no mundo, mas, sabemos que seria uma afirmação equivocada, principalmente, se olharmos o aumento dos diagnósticos de transtornos de ansiedade e depressão:

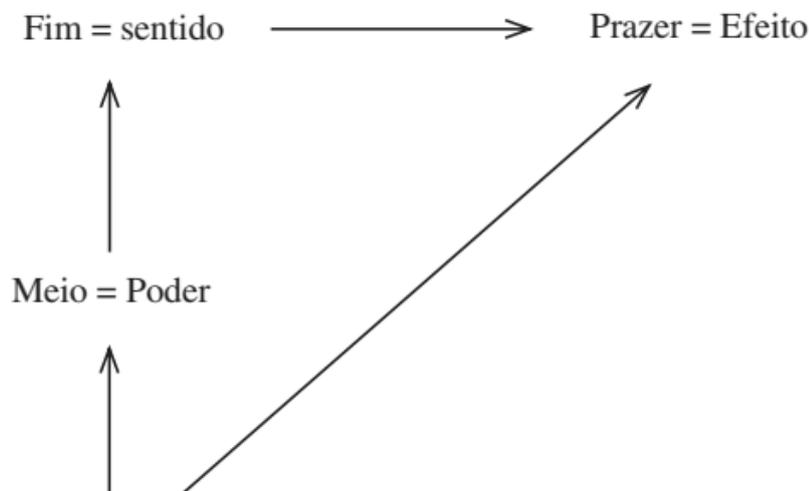
O aumento assombroso dos diagnósticos de depressão nos países do Ocidente, desde a década de 1970, poderia ser interpretado simplesmente como efeito do empenho da indústria farmacêutica em desenvolver e difundir técnicas de diagnósticos favoráveis ao uso (quando não ao abuso) dos antidepressivos lançados a cada ano no mercado. Mas também pode indicar que o homem contemporâneo está particularmente sujeito a deprimir-se (KEHL, 2015, p. 13).

As causas para um diagnóstico de depressão são multifatoriais (biopsicossocial, genético, eventos traumáticos pessoais e/ou coletivos, dentre outros...) e mesmo com o bem-estar e das facilidades que, para uma boa parcela da população é possível de usufruir. O adoecimento psicológico avança à passo largo, como se não importassem tais avanços e metas para buscar a felicidade, seria como "[...] quem busca a "felicidade" em si, parece desejá-la de modo absoluto, incondicional e individual, sem que nela esteja implicada uma ideia de "razão" para ser feliz". (PEREIRA, 2007, p. 128) É isso que vemos apresentado na figura 3. Uma

razão para ser feliz, garantiria a felicidade por efeito da realização de uma ação humana. Entretanto, não existe garantia alguma que ao concluir uma ação no mundo, a pessoa irá ter como efeito a felicidade, que teria a característica de um “afeto positivo” e não de uma realização existencial, uma felicidade mais relacionada ao hedonismo.

Um novo e atento olhar sobre a figura 3 ajudaria a evidenciar que a logoterapia não se apresenta como uma abordagem ascética, casta ou puritana, onde todo e qualquer prazer deve ser sublimado. A logoterapia, como já dito anteriormente, não nega os prazeres e as buscas por conquistas individuais na vida de um ser humano, mas, sim, evidencia que essas circunstâncias não garantem uma vida dignamente humana, com sentido. O potencial do homem deve se tornar humano. Assim, Frankl (2020, p. 30) cita a exortação de Píndaro – “Torna-te o que tu és” (FRANKL, 2020, p. 30) para afirmar que o homem, além do que já é, busca pelo sentido de sua existência

Segundo Pereira (2007), seria possível dizer que tanto a “vontade de prazer, quanto a “vontade de poder” seriam “derivações da motivação primária do ser humano – a vontade de sentido, que é o esforço mais básico do homem para encontrar e realizar sentidos e propósitos” (PEREIRA, 2007, p. 130). (vide figura 4)



(FRANKL, 2011, p. 50)

Figura 4: Diagrama que aponta a relação entre Vontade de Poder e Prazer

Frankl (2011), contudo, não fala da vontade de sentido como um “instinto humano”, pois, se assim o fosse, o homem, mais uma vez, estaria motivado para o equilíbrio interno. Desse modo, a realização de um sentido teria como finalidade manter essa homeostase. No entanto, ao observamos a dinâmica da vida, o homem seria impulsionado, empurrado por seus instintos, mas atraído pelo sentido. Desse modo, sempre caberá ao ser humano uma tomada de decisão frente ao sentido que se apresenta pela vontade, para que ele seja realizado ou não, mesmo quando deseja colocar na conta dos seus instintos, em última instância, a decisão será da pessoa. Importante ressaltar que não se pode exigir, dominar, tampouco, comandar ou criar artificialmente a vontade de sentido, e, se a vontade de sentido vem à tona, o sentido deve ser elucidado.

Podemos imaginar que a vontade de sentido seria como *um fio que puxa o homem para o sentido*, o tensiona para a busca do sentido. Essa tensão manteria o homem em jogo na existência. Logo, essa tensão, de modo saudável, é fundamental para a vida humana. No entanto, pessoas que são poupadas de tensão estão inclinadas a criá-la, tanto de modo saudável ou de modo patológico. Em síntese sobre a pessoa humana:

- 1) Ela precisa de tensões em uma dose saudável - a ausência e o excesso de tensão podem provocar mal-estar subjetivo; 2) Ela busca tensões, entretanto não se trata de qualquer tensão, mas aquelas que possuem um sentido para sua existência; 3) atualmente ela encontra pouca tensão, pouco sentido na vida, gerando tédio e vazio existencial; 4) sendo assim, ela cria tensões. (AQUINO, 2013, p. 54 55)

A citação nos dá capital para afirmar que a existência pode ser frustrada pela falta da tensão motivadora da busca de sentido; essa frustração pode, ou não, lançar o

ser humano para o que chamamos, em logoterapia, de vazio existencial³³. Um tal vazio não é propriamente patologia, mas pode vir a ser. Importante levar em consideração que o vazio existencial pode ser uma abertura para o sofrimento humano, assim como tensões criadas de maneira arbitrária. Em síntese, diferentemente da ideia de homeostase, a tensão não deve ser evitada a todo custo, assim como paz de espírito ou uma consciência tranquila não precisam ser buscadas de forma incondicional. Uma dose saudável de tensão, proveniente de um propósito a ser alcançado, faz parte do modo de ser do humano e é crucial para o bem-estar mental. O de que o ser humano necessita, em primeiro lugar, é a tensão gerada por um foco de direcionamento (FRANKL, 2011, p. 65). Logo, esse direcionamento está intrinsecamente conectado à liberdade da vontade e com a capacidade humana em transcender a si mesmo em prol de um outro alguém ou uma causa como veremos em seguida.

Concluimos a questão da vontade de sentido para o que será pertinente para o nosso intento em ampliar a questão do sofrimento humano, lembrando que existem outras ramificações que enveredam para a compreensão das neuroses noogênicas. Vale ressaltar que nossa pesquisa não pretende abarcar as patologias psicogênicas em suas especificidades, mas sim, todo e qualquer sofrimento que acomete o ser humano.

2.2.4 A capacidade humana de transcender a si mesmo

Conforme discutido previamente, a busca de sentido não reside no reino das abstrações, assim como a autotranscendência não pertence ao domínio metafísico. Frankl nos introduz à autotranscendência como uma característica inerente à humanidade utilizando um termo fenomenológico, Frankl nos diz sobre a essência do que faz o ser humano uma pessoa, em *Ser aberto ao mundo*, “[...] ser homem significa,

³³ Com relação ao homem, em sua origem, a essência, o que conta é o preenchimento do sentido e a efetivação do valor – em síntese, a realização no plano existencial (a nosso ver, “existencial” tem a ver não somente com existência, mas com o sentido dessa existência). O oposto da realização existencial é o que, em logoterapia, chamamos de vazio existencial. (FRANKL, 2019b, p. 42)

já de si, ser para além de si mesmo.” (FRANKL, 2019b, p. 230) Desse modo: “[...] transcende a si mesmo tanto em direção a um outro ser humano, quanto em busca do sentido”. (FRANKL, 2011, p. 29).

Nessa sessão apresentaremos como Frankl definiu a autotranscendência dentro da análise existencial e na logoterapia. Destarte, a concretude do conceito e suas ramificações observáveis durante o processo terapêutico. Como abordado anteriormente na sessão sobre a ontologia dimensional na concepção do nosso autor, a pessoa humana possui três dimensões: a *biológica* (somática), a *psíquica* (anímica, alma) e a *espiritual* (noética), dimensão essa que não seria guiada por instintos, mais sim por valores – estes estritamente humanos. Mesmo abordando essas dimensões com suas especificidades, a pessoa humana não deve ser fragmentada e reduzida a uma particularidade de qualquer uma dessas dimensões (física, psíquica e espiritual), pois a pessoa humana é uma unidade em sua multiplicidade.

A autotranscendência nos é apresentada como um conceito teórico na análise existencial e, também, como uma ferramenta psicoterapêutica. Pois, além da possibilidade de transcender seus mandamentos psicofísicos, - o si mesmo -, ficando absorvido pela dedicação a uma tarefa, no serviço a uma causa ou no amor a uma outra pessoa (como uma ação executável em seu dia a dia), pode-se, ainda, exercer a autotranscendência, pelo amor e pela consciência.

No presente contexto, o amor é a capacidade de apreender outro ser humano em sua genuína singularidade e a consciência a capacidade de apreender o sentido de uma situação em sua total unicidade. Portanto, a consciência é o órgão do sentido, como visto anteriormente.

Nesse caso, a pessoa só é capaz de autorrealizar-se à medida que cumpre um sentido (FRANKL, 2019, p. 36) Corroborando a isso, Ortiz (2012)³⁴, em sua sistematização da autotranscendência como um dos recursos terapêuticos, acrescenta que a autotranscendência derivaria das capacidades que permitem a plena atuação da

34 Tradução Nossa

pessoa humana. Por isso, pode-se dizer que um traço da autotranscedência é a capacidade de diferenciação, isto é, a capacidade de tomar o outro como outro legítimo, outra manifestação da autotranscedência é seu componente intencional. Isto tem a ver com sua capacidade de se orientar ou dirigir-se a eventos ou pessoas significativas, do mesmo modo, a autotranscedência exerce afetação, pois o que a pessoa percebe e toca, gera ressonância afetiva, razão pela qual a percepção intencionais de significados afetam e permitem se doar. Portanto, facilitam sua capacidade de sacrificar, servir, entregar-se a uma tarefa, pessoa ou missão altruísta.

Destarte, o fenômeno autotranscendente dar-se-ia pelos seguintes modos: a) pela diferenciação e a afetação, ambas explicadas acima e b) a entrega, pois a pessoa não deseja somente se afetar pelo sentido e por outra pessoa, uma vez que a afetação convida a pessoa à ação, à entrega a realização de sentido. Como explicitado, quando nos ocupamos da definição da vontade de sentido (FRANKL, 2019b), o ser humano não deveria buscar diretamente a felicidade, mas sim um motivo para ser feliz, e que é a partir da realização de um sentido para a vida que surge como efeito a felicidade.

Com vistas a isso, passa a ser possível indicar o humano como um ente aberto ao mundo e dirigido para um sentido que deve ser sempre um fim em si mesmo e nunca um meio para atingir o prazer e a felicidade. Assim, a pessoa humana só seria capaz de autorrealizar-se à medida que cumpre um sentido, e o sentido será sempre um ato de realização no mundo. Em outras palavras, nosso pensador evidencia que a autotranscedência é uma característica especificamente humana e com possibilidades em ser utilizada no processo terapêutico como um recurso noológico. Podendo ser mensurada em aspectos concretos de ação e atuação da pessoa nas suas relações com o mundo e as possibilidades de encontrar sentido em suas realizações.

3 A POSSIBILIDADE DE SENTIDO NO SOFRIMENTO HUMANO

Foi para mim um dia memorável, pois ocasionou grandes mudanças em mim. Mas é assim com todas as vidas. Imagine que um determinado dia fosse eliminado de sua vida, e pense em todas as consequências que isso teria sobre o resto dela. Para e pensa, tu que me lê, por um momento, na longa cadeia de ferro ou ouro, de espinhos ou flores, que jamais te teria cingido, não fosse a formação do primeiro elo num dia memorável.

(Charles Dickens, *Grandes Esperanças* 2012, p. 76)

Chegamos ao capítulo final de nossa pesquisa e antes de adentrá-lo, fizemos uma exposição concisa e clara sobre os conceitos fundamentais da análise existencial frankliana: como a situação do homem no mundo; analisando em detalhes a ontologia dimensional, na qual nosso autor destacou o caráter de singular e irrepetível de cada pessoa. Frankl também apontou as características da questão do espírito humano, evidenciando a liberdade/responsabilidade como a marca maior da dimensão espiritual. É frente a essa liberdade que o homem, enquanto espiritual, pode opor-se aos determinismos biológicos, psicológicos e sociais. Apresentamos também anteriormente a carga motivadora que mantém o ser humano em busca por sentido, a dizer, a vontade de sentido e encerramos com as características antropológicas elucidando a capacidade humana da autotranscendência. Enfim, em nosso capítulo final, mostremos os desdobramentos centrais da nossa pesquisa: o sentido do sofrimento humano. Para tal, nossa exposição segue em explicar, afinal, o que seria o sentido na logoterapia, como o homem – ser-espiritual, apreende o sentido de maneira intuitiva; os valores como possibilidade de sentido universais e, dentre os valores, a atitude como postura intuitiva, para além da racionalidade frente ao sofrimento inevitável; o sofrimento na perspectiva da tríade trágica humana e o passado como possibilidade de sentido em vista do que é eterno no homem.

3.1 O Sentido da vida

Todas essas características foram prenúncios explicativos para apontamentos de cuidados terapêuticos. Pois, como dito sobre a vontade de sentido, por exemplo, quando a vontade é frustrada, a pessoa poderá, em muitos casos, desenvolver uma neurose noogênica, passível de um adoecimento psíquico. Importante é recordar que tanto o espírito como a vontade de sentido não partem, inicialmente, da capacidade racional humana, isso encontra formulação modelar na literatura de Fiódor Dostoiévski (1821-1881), quando ele nos diz:

Vejam bem: a razão, no fim das contas, é uma coisa boa, isso nem se discute, mas a razão é só a razão e satisfaz apenas a capacidade humana de raciocinar, ao passo que a vontade é a manifestação de toda a vida, ou seja, a vida humana em seu todo, com a razão e também com as comichões que existem. *E mesmo que nossa vida, nessa sua manifestação, acabe sendo, não raro, uma bela porcaria, ainda assim é vida*, e não a mera extração da raiz quadrada (DOSTOIÉVSKI, 2021, p. 55 grifo nosso).

Ora, não é necessário ser romancista russo, médico neurologista ou catedrático alemão, para intuir que a vida tem um propósito; mesmo que vida possa ser uma “bela porcaria”, ainda sim é vida e é nela que reside o sentido. Esse saber de que a vida tem sentido reside em todos os seres humanos de maneira inata e irreflexiva a priori. Nesse ponto, nosso autor evoca a sabedoria dos homens comuns sobre a busca de sentido na vida:

Somente uma análise fenomenológica metodicamente correta da forma como a pessoa simples, o *homem comum*, se entende a si mesmo, nos ensinaria que ser humano significa estar constantemente confrontado com situações, cada uma das quais é, ao mesmo tempo, dádiva e incumbência. Do que ela nos *incumbe* é cumprir o seu sentido. O que ela ao mesmo tempo nos *dá* é a possibilidade de nos realizarmos a nós mesmos através desse cumprimento de sentido. Cada situação é um chamado que devemos ouvir e a que devemos obedecer (FRANKL, 2021a, p. 89 grifos originais)

Uma análise fenomenológica da existência do homem comum (como a que temos no extrato acima), este que intui que a vida tem um sentido a ser cumprido, na logoterapia, é conhecida por *autocompreensão ontológica pré-reflexiva da existência* que

consiste na capacidade do homem em acessar a dimensão espiritual humana³⁵. A intuição revela ao ser humano que ele *sabe* sem saber *como* sabe das incumbências e dádivas às quais deve responder³⁶. Em síntese dada por Izar Xausa (2013), teríamos que, ao concatenar a intuição em diversos filósofos fenomenológicos, se descreve a intuição do seguinte modo:

A intuição é um modo de compreensão extra intelectual, irracional ou emocional; consiste numa visão simples que abarca a totalidade adiantando-se à análise racional alcançando maior amplitude sem mediação do discurso. Nem sempre pode se expressar em ideias claras ou em demonstrações. Poderá manifestar-se no caso da visão artística, mas inclui também a apreensão da realidade divina, indemonstrável pela lógica, somente captada na intuição dos místicos (XAUSA, 2013, p. 66).

Ao colocar a intuição humana em jogo, sabendo que a mesma, por muitas vezes, não pode ser expressa com a clareza das ideias lógicas, junto a busca pelo sentido, nos ajuda a aclarar a ideia que o homem não pode desejar, inventar ou criar um sentido para si, nem para outra pessoa. Em sua existência o sentido é encontrado, orientado pela consciência que, na logoterapia, é conhecida por ser o órgão do sentido, como visto anteriormente. Desse modo, começamos a definir o que é o sentido, pois, referimo-nos a ele, ora como “um propósito do ser humano”, ora como “acontecimento da busca humana”, mas, até o presente momento, a noção de sentido manteve-se subentendida

³⁵ Frankl utiliza termos filosóficos para apresentar uma característica intrinsecamente humana. Para fins didáticos retomamos conceitos elucidados nesse trabalho, mas sintetizado nas palavras de Marino: “O ser humano se dá conta de fenômenos especificamente humanos que só acontecem na dimensão que lhe permite ir além de si e de se posicionar diante de si mesmo, escolhendo sua atitude em cada momento para além dos condicionamentos biológicos, psicológicos e sociais que estão presentes em sua vida. Tal dimensão, que diferencia o ser humano dos demais seres, é denominada por Frankl de espiritual ou noética. O ser humano se dá conta dessa dimensão espiritual pela autocompreensão ontológica pré-reflexiva” (MARINO, 2019, p. 14)

³⁶ Nesse sentido, a consciência moral também pode ser denominada irracional; ela é alógica – ou, ainda melhor, pré-lógica. Pois, exatamente do mesmo modo que há uma compreensão de ser pré-lógica, pré-científica e preestabelecida em relação à consciência moral, também há uma compreensão valorativa pré-moral, que antecede a toda moral explícita – justamente a consciência moral (FRANKL, 2021b, p. 77).

Para melhor elucidar o conceito do sentido (no foco desse tópico), podemos mudar a palavra sentido para uma "ação" – uma ação existencial, seria mais bem aplicada. Pois, não seria uma ação mecanicista, transformando o homem em um 'fazedor' autômato (FRANKL, 2019b, p. 242). Nesse caso, podemos atribuir o *ser* humano como *verbo*. De tal forma, essa ação do ser humano, poderia ser conjugada para *sendo humano*, pois estamos num contínuo movimento entre ser e dever-ser em um campo de tensão. Em logoterapia, a dinâmica que se estabelece entre a tensão dos polos entre ser e dever-ser é denominado noodinâmica, sendo um contraponto à psicodinâmica. Nosso pensador nos diz que essa distinção dar-se-á pelas seguintes características: [...] “distingue-se desta precisamente por entrar nela um elemento de liberdade: em sendo movido por impulsos, mas atr (FRANKL, 2019c, p. 132)”. Isso é de tal modo que essa tensão é de mesma matéria entre o real e o ideal, entre sujeito e objeto. Sem excluir a objetividade do sentido e mantendo a subjetividade como tal, Frankl empresta o termo “transubjetivo” ao qual não encaixa o dever-ser do homem como uma meta objetiva³⁷a ser alcançada, mas uma constituição da dinâmica existencial. Ainda sobre olhar para o sentido como um verbo, uma ação, um agir na existência e no mundo. Esse agir (sentido) da pessoa em sua existência tem a seguinte característica importante segundo Frankl:

sentido não se refere apenas a uma situação determinada, mas também a uma pessoa determinada que está envolvida numa situação determinada. Em outras palavras, sentido não só se modifica de um dia para o outro e de uma hora para a outra, mas também é diferente de pessoa para pessoa. (FRANKL, 2021a, p. 85).

Após essa passagem, nos é lícito afirmar que não existe um sentido universal para todos os homens, o que podemos atribuir como universal é a “busca” por tal sentido.

³⁷ Ignorar a tensão noodinâmica entre sujeito e objeto é ignorar a objetividade do mundo. Qualquer filosofia ou psicologia que, pela cuidadosa investigação dos fenômenos psíquicos em sua riqueza e plenitude, mereça ser chamada de “abordagem fenomenológica” deve reconhecer o fato primordial de que cada verdadeiro ato cognitivo implica a objetividade do objeto, logo, aquilo que se de objeto, ou para falar de maneira mais geral, o mundo, é essencialmente mais que mera autoexpressão do sujeito (FRANKL, 2020, p. 68)

Segundo Aquino (2013), o sentido na logoterapia pode ser discutido sob três aspectos: 1) o sentido *na* vida ou o sentido do momento, refere-se a ação humana frente às exigências da vida dentro dos valores de cada indivíduo; 2) o sentido *da* vida, aqui refere-se ao sentido da vida como um todo, o sentido da vida como um todo de uma pessoa específica, cuja a possibilidade em acessá-lo se daria frente a finitude – em uma perspectiva narrativa, como a de um filme, cuja a “moral” se compreende no final; e o 3) sentido do mundo ou suprasentido, que seria, enfim, um sentido que abarcaria todos os seres humanos. “Para essas duas últimas perspectivas, a análise existencial não obtém uma resposta, visto que são perguntas mais abrangentes (AQUINO, 2013, p.59).

Chegamos, nesse momento, num ponto sobre a característica do sentido frente a finitude. A propósito disso, o mesmo comentador articula a compreensão de nosso autor sobre o tema ao apresentar a seguinte reflexão:

Frankl concebe a morte como a instância que impele o indivíduo a tomar consciência da responsabilidade sobre seu existir no mundo e, conseqüentemente, só sentido de sua vida, argumentando que: “Se nossa existência fosse temporalmente ilimitada, poderíamos com razão, adiar indefinidamente qualquer ação, pois não haveria precisão de realizá-la, justamente agora; ela poderia ficar, para amanhã, para depois de amanhã, ou para daqui a cem anos Não só a vida é transitória, mas também os momentos, pois a vida é um contínuo morrer (FRANKL *apud* AQUINO, 2013, p. 59), essa fugacidade dos momentos motivaria o ser humano a buscar o sentido latente que se encerra nas possibilidades do aqui e agora (AQUINO, 2013, p. 59).

Obviamente jamais poderemos comprovar o que o homem realmente seria caso lhe fosse, magicamente, atribuída a imortalidade, frente a essa ideia podemos somente supor dado aos fatos dos males contemporâneos como a procrastinação, por exemplo. No entanto, mesmo nesse caso, os desdobramentos para analisar o ser humano que procrastina e o seu agir no mundo, é de grande complexidade. Poder-se-ia recorrer a personagens ficcionais, como os vampiros por exemplo, onde um indivíduo comum teria acesso à imortalidade numa vida mortal. Nesse símbolo imaginário e hipotético, o homem, ao se tornar imortal, perde o fio que o amarra ao tempo existencial que

mantém a vida em seu giro, logo esse homem tornado imortal, vendo-se sem o movimento da vida, percebe-se vazio. Tal qual precisa se nutrir com vida constantemente, que seria representado pelo sangue de suas vítimas. Ainda nesse exemplo ficcional, o homem ao ser transformado em imortal perderia seu contato com a sua consciência moral – o órgão do sentido, pois não existiria a busca pelo sentido na vida, no cotidiano, perderia também seus valores referenciais, valores esses que guiam o homem comum pela busca de sentido. Pois como visto anteriormente, segundo nosso pensador:

Quando partimos do princípio de que a consciência moral é um tipo de órgão do sentido da vida, podemos então igualá-la a um guia que vai "apontando" para qual direção temos de nos mover, para qual direção temos de avançar, a fim de nos aproximar de uma possibilidade de sentido cuja realização exige uma situação concreta. Para essa situação, porém, devemos adotar sempre um critério específico, de fato, uma escala de valores. Só os valores, segundo os quais essa escala se encontra aferida, ancorados na camada profunda da nossa personalidade, e contanto que não sejamos infiéis a nós mesmos, contanto que não procuremos trair a nós mesmos, não podemos de modo algum deixar de segui-los: são valores contra os quais não podemos sequer decidir, pelo simples fato de que nós "somos" esses valores (FRANKL, 2019b, p. 93).

Saímos da citação autorizados a indagar: *mas, afinal, o que seriam os valores ditos por Frankl na passagem anterior?* Para começarmos nossas elucidações, podemos compreender valores vinculados as virtudes humanas como a justiça, a paciência, a bondade, a dignidade... Estes são alguns exemplos das virtudes humanas. A essas virtudes não cabem interpretações abstratas ou metafísicas, pois, virtudes cobram do ser humano uma ação efetiva em seu viver. Como, por exemplo, a justiça aconteceria somente se o homem tivesse clara a justa medida das coisas para ser um ser justo frente às circunstâncias que lhe surgem e pedem por tal virtude; a paciência exige ao homem postura de determinado autocontrole frente a situações desafiadoras; a bondade cobra uma ação frente às outras pessoas e não uma bondade voltada somente para si mesmo, para ganho intrinsecamente pessoal; já a dignidade exige que a pessoa viva uma vida dignamente humana, e é nessa virtude, em específico, que podemos ter clareza sobre

a importância dos valores dentro da logoterapia. *Pois, o que seria uma vida dignamente humana? O que torna o ser humano um ser digno enquanto pessoa?*

A partir dessas duas questões diretrizes, partiremos à explicação de nova tríade da logoterapia, a tríade de valores e sua vital importância para o ser humano.

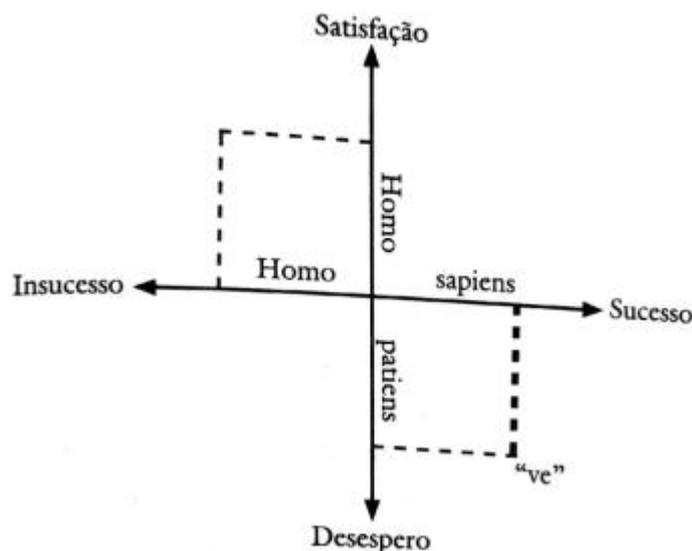
3.1.1 Tríade de valores (e para além dela: o sofrimento humano)

Compreendemos anteriormente a questão do sentido e sua importância, mas antes precisamos salientarmos outra questão. Dissemos (no capítulo anterior) que não existe um sentido universal, pois o sentido é único, irrepetível e encontrado por uma pessoa única em um tempo e espaço único. No entanto, Frankl é categórico quando afirma que os valores são os caminhos universais pelos quais o homem percorre na busca de um sentido. Entretanto, os valores são abstrações morais, já o sentido é concreto, como vimos anteriormente. Logo, a tríade valorativa, que será elucidada a seguir, é uma tentativa de agrupamento temático dos sentidos concretos realizáveis pelo homem. Assim, nos diz:

Enquanto o sentido está vinculado a uma situação única e singular, existem ainda sentidos universais que se relacionam com a condição humana como tal. São essas possibilidades amplas de sentido que são chamadas de valores (FRANKL, 2021a, p. 86).

Ainda, segundo Frankl (1990), os valores são divididos em três categorias que conferem, até o último instante da vida, a possibilidade de se encontrar um sentido numa determinada circunstância. Desse modo, seja por meio de valores vivenciais, nos quais a pessoa experimenta a vida pelo amor por uma pessoa ou por algo, ou seja, quando a pessoa recebe algo do mundo, pode ser quando contempla a natureza ou a arte. Também influenciado por Scheler aqui, Frankl denomina esse sujeito que encontra um sentido através dos valores de vivência de *homo amans*. Outro valor é conferido ao homem que cria algo e entrega para o mundo. Todo o trabalho desenvolvido e que expressa a capacidade humana de oferecer algo de si para o mundo estão no escopo dos valores de criação e são atribuídos ao *homo faber*. Por fim, a terceira

capacidade humana de vivenciar um sentido através dos valores estão nos valores de atitude, designados ao *homo patiens*, e para o intento do nosso trabalho esse é o mais caro dos valores, pois, quando somos confrontados com o um destino inalterável (digamos, uma doença incurável, um câncer inoperável) - até aí nós podemos realizar um sentido à vida, ao dar testemunho da mais elevada das capacidades humanas: a capacidade de transfigurar um sofrimento em uma realização humana. (FRANKL, 1990, p. 119). Assim, quando Frankl nos apresenta a logoterapia como uma psicoterapia mais elevada, existe uma hierarquia na dinâmica desses três valores, pois “[...] dessa diferença dimensional resulta uma superioridade igualmente dimensional, porque o *Homo patiens* pode realizar-se, ainda, no mais agudo insucesso ou fracasso” (FRANKL, 2015, p. 75), como veremos na figura a seguir:



(FRANKL, 2011, p. 97)

Figura 5: Hierarquia da dinâmica dos três valores

Nosso pensador afirma que “[...] os valores de atitude constituem os mais altos valores possíveis” (FRANKL, 2011, p. 97). Percebamos, essa afirmação ultrapassa a hierarquia de valores, mencionada anteriormente, pois “[...] o sentido do sofrimento – do inevitável e inescapável sofrimento em si, obviamente – constitui o mais profundo sentido possível” (FRANKL, 2011, p. 97), principalmente nos momentos de vida nos

quais a pessoa está impossibilitada de vivenciar as experiências dadas no mundo, como quanto criar algo para o mundo.

No momento, retornemos o olhar para a figura: na reta horizontal vemos o traçado das possibilidades para o *homo faber* - do insucesso para o sucesso. Na reta vertical, vemos o traçado das possibilidades do *homo patiens* - do desespero à satisfação (ao olharmos para o primeiro quadrante da parte superior e vemos o ponto de interseção entre “insucesso” e a “satisfação” veremos que o homem pode encontrar um sentido e sentir-se realizado com sua vida, mesmo diante de uma existência fracassada profissionalmente, por exemplo. Por outro lado, ao olharmos para a interseção da parte inferior entre desespero na linha vertical e sucesso na horizontal, vemos a marca na ilustração das letras “ve” que significam “vácuo existencial”. Essa imagem evidencia que mesmo pessoas com carreiras de sucesso podem se encontrar em crise existencial tamanho o desespero que sentem frente a própria vida (FRANKL, 2011, p. 98) e que à luz da antropologia e ontologia dimensionam, desespero pode ser compatível com sucesso, tanto quanto a morte e sofrimento podem ser compatíveis com a realização de sentido (FRANKL, 2011, p. 100)

Sabemos que sofrimento é sofrimento não importa quem o sofra. Não seria humanamente ético questionar quem vivenciou o maior sofrimento, se uma pessoa passando por uma crise de vácuo existencial, um sobrevivente dos campos de concentração ou um paciente oncológico. Entretanto, para o nosso intento, nosso terreno de explicações se aterá sobre os valores de atitude do primeiro quadrante da imagem: no qual a pessoa pode encontrar um sentido apesar do insucesso existencial, pois nesse ponto podemos observar a vivência do sofrimento com a dignidade característica do ser humano.

Lucia Cecilia da Silva (2009) buscou compreender fenomenologicamente o cuidado na vivência dos adoecidos por câncer. Em sua pesquisa a autora nos indica que:

A experiência de existir no mundo com câncer também é vivenciada como possibilidade de enriquecimento e crescimento pessoal. Ao palmilhar a nova jornada, ao construir seu novo projeto existencial, o ser-aí³⁸ se abre a novos aprendizados, a um contato maior com o mundo interno, o que favorece o redimensionamento das experiências e de valores. Este redimensionamento faz com que o ser-aí antevê a possibilidade de um futuro mais tranquilo, mais sereno, *mais autêntico* (SILVA, 2009, pp. 88 - grifo nosso)

O citado, nos permite afirmar que o adoecimento não ceifa da pessoa a possibilidade de encontrar um sentido em nenhuma situação. Existe um campo de liberdade para que seja construído um novo projeto existencial, dadas as novas possibilidades de maneira autêntica frente à doença, “[...] porque aqui tudo depende da atitude que o homem adote perante um destino imutável [...]. Trata-se de atitudes como: a valentia no sofrimento, a dignidade na ruína e no malogro” (FRANKL, 2019c, p. 114). Desse modo, poderíamos dizer que a postura do valor de atitude frente ao sofrimento advém do espírito, como vimos anteriormente, pois o espírito permeia a liberdade de escolha, nesse caso a liberdade de atitude.

Ao trazermos a questão do espírito - trabalhada por nós no capítulo anterior -, isto serve para confirmar que atitude dita não será uma postura forjada “a marretadas” pela consciência racional, porquanto é sempre bom lembrarmos que os sentidos são descobertos e não podem ser inventados (FRANKL, 2011, p. 79). De tal modo, se assim o fosse, retomando a figura apresentada anteriormente, uma pessoa bem-sucedida em sua carreira profissional ou com um relacionamento familiar estável e saudável, não se desesperaria frente à vida, ainda que pensasse sabidamente sobre suas realizações existenciais. Entretanto não é essa a realidade dos consultórios de psicologia...

Em outros escritos traduzidos para o português, os valores de atitude são ditos por valores posturais, por saber das diferenças ocorridas por tradutores, utilizaremos em nossa explanação “valores de atitude” nas explicações, mesmo quando o citado

³⁸ *Ser-aí* é a tradução do termo em alemão para *Dasein*. Tomemos por referência aproximada o termo “pessoa” utilizado nesse trabalho. Pois “pessoa” na logoterapia nos fala da visão holística do ser humano em todas as suas dimensões, possibilidades de futuro e o passado como história biográfica escrita no mundo

apresente “valores posturais”. No dito a seguir, nosso autor sintetiza sua compreensão dos valores e evidencia o que se trata a postura frente o sofrimento:

A capacidade de sofrer não é outra coisa senão a capacidade de realizar aquilo que designamos como *valores posturais*. Não apenas a criação (correlata da capacidade de trabalho) pode dar justamente sentido à existência – falamos, então, da realização de *valores criativos*; e não apenas a vivência (correlata da capacidade do gozo), o encontro com o outro e o amor que podem tornar a vida plenamente significativa – falamos, então de *valores vivenciais* -, mas também o sofrimento; sim, não se trata neste caso meramente de uma possibilidade qualquer, mas da possibilidade de realizar o valor supremo, de não perder a ocasião, de preencher o valor supremo. *Felix dolor...*” (FRANKL, 2021b, p. 130)

Segundo Frankl (2011), valores de atitude são mais amplos do que o de encontrar sentido no sofrimento, pois “[...] o sofrimento é apenas um aspecto do que eu chamei de ‘tríade trágica’” (FRANKL, 2011, p. 94) da existência humana. Seus três elementos são: “dor, culpa e morte”. Não há um único ser humano que possa dizer que jamais sofreu, que jamais falhou e que não morrerá e nosso autor ainda nos afirma sobre a importância sobre os valores, pois:

Tudo é escrito no arquivo eterno – nossa vida toda, todas as nossas criações e ações, encontros e experiências, todos os nossos amores e sofrimentos. Tudo isso está contido e permanece no arquivo eterno. A realidade não é um manuscrito redigido em um código que devemos decifrar, como ensinou o grande filósofo existencialista Karl Jaspers. Não, a realidade é, antes, um documento que devemos ditar (FRANKL, 2019, p. 114)

Finalizamos nosso intento sobre quais são os valores dentro da análise existencial frankliana. Nós nos atemos, em especial aos valores de atitude e a partir de agora, abordaremos no próximo capítulo a nova tríade apresentada, a tríade trágica humana e a importância do passado em toda a vivência da vida humana, como o arquivo eterno. Nosso intento é trazer as características de quem é o ser *homo patiens* na visão de Frankl.

3.2 O Sofrimento Humano e o Passado existencial

Os escritos que daqui seguirão são o ponto chave de toda a nossa pesquisa. Entretanto, como o tema do sofrimento costuma ser ramificado, sem uma frente única e específica, ele aparecerá em diversos pontos adiante, - ora frente à culpa, ora frente à morte, ora como o sofrimento de maneira geral. Ensejamos dar luz às hipóteses metafísicas de maneira a instigar a reflexão, principalmente sobre a importância da construção histórica vivencial de cada pessoa enquanto encarnada no mundo, margeando, sempre, pela dimensão noética de cada indivíduo.

3.2.1 Tríade trágica humana – Dor (sofrimento), Culpa e Morte

Adentramos nesse instante na última tríade da logoterapia para o nosso intento, a tríade trágica humana, constituída pelo sofrimento (dor), culpa e morte. Logo de início traremos duas afirmações de Frankl como uma advertência. A primeira (FRANKL, 2020, p. 104), é que sofrimento, culpa e morte são inescapáveis. Quanto mais o indivíduo tenta negá-las em vista de fugir³⁹, tanto mais ele se enredará em sofrimento adicional. A segunda advertência do nosso pensador é que:

Ao falar de uma tríade “trágica”, não quero levar o leitor a pensar que a logoterapia é pessimista, assim como o existencialismo tem fama de ser. A logoterapia é, muito mais, uma abordagem otimista da vida, ao ensinar que não há nenhum aspecto negativo da existência que não possa ser transmutado em conquistas positivas, em tudo, a depender da atitude que se venha assumir. (FRANKL, 2011, p. 94)

Compreendemos por positivo o fato de mesmo perante o sofrimento inevitável, o sofrimento advindo do destino, a pessoa poderá amalgamar nas areias do seu passado um sentido para essa vivência. Abordaremos a importância do passado e como ele se dá na vida humana ao final deste capítulo.

³⁹ Ampliando a afirmação dada, nosso autor é categórico: “O que importa é a audácia, a coragem de sofrer. Trata-se de aceitar o sofrimento, dizer ‘sim’ ao destino, enfrentá-lo. Somente por esse caminho nos aproximaremos da verdade, e não pelos aminhos da fuga e do medo ao sofrimento (FRANKL, 2019b, p. 304)

Prossigamos em nossa caminhada no terreno árido do sofrimento humano. Anteriormente ao falarmos sobre os valores de atitude, nosso autor enfatizou que o sofrimento era uma das características da tríade trágica e por vezes o autor chama o sofrimento de dor e vice-versa⁴⁰. Desse modo, daremos ênfase a dois aspectos da tríade trágica, -culpa e morte-, haja vista que o sofrimento abarca ambos os aspectos e terá menção em diversos momentos. Iniciaremos pela culpa e seus desdobramentos. Nosso autor nos explana que:

O que ameaça o homem é sua culpa no passado e sua morte no futuro. Ambas são inescapáveis, mas ambas devem ser aceitas. Assim, o homem é confrontado com a condição humana no que se refere a sua falibilidade e mortalidade. Propriamente compreendida é, contudo, precisamente a aceitação dessa dupla finitude humana que contribui para o valor da vida, já que apenas diante da culpa faz sentido melhorar, e apenas diante da morte tem sentido agir. (FRANKL, 2020, p. 50)

Nos é lícito afirmar que o ser humano se vê ameaçado por sua culpa pregressa e pela inevitabilidade de sua própria mortalidade. Ambos os aspectos, embora inelutáveis, demandam uma aceitação corajosa. Dessa forma, o indivíduo é confrontado com a condição intrínseca à humanidade, marcada pela falibilidade e finitude. Uma compreensão apropriada desse cenário revela que “[...] é prerrogativa do ser humano [...] a capacidade de definir-se e redefinir-se. [...] é privilégio do homem a possibilidade da culpa, bem como sua responsabilidade em superá-la.” (FRANKL, 2011, p. 95) e é precisamente a aceitação dessas limitações duais que confere a possibilidade do homem de superá-las. Conquanto, somente diante do reconhecimento da culpa emerge uma justificativa para o aprimoramento pessoal, enquanto somente perante a perspectiva da morte encontra-se sentido na ação. Não podemos negar que cabe ao homem a possibilidade de superação e de mudança de atitude, pois, “[...] uma vez que consideremos o homem como uma vítima das circunstâncias e de suas influências, não apenas o deixaremos de tratar como um ser

⁴⁰ Não sabemos se é uma mudança na tradução, pois não coube em nossa pesquisa analisar os escritos originais, ou uma maturidade em seu entendimento sobre o assunto do sofrimento humano.

humano, bem como *aleijaremos* sua vontade de mudar”. (FRANKL, 2011, pp. 95 - grifo original). O homem que vivencia o sofrimento, como visto anteriormente, é chamado de *homo patiens*, e o que está em jogo é a vivência de um sofrimento dignamente assumido, de cabeça erguida, representando um esforço moral (FRANKL, 2019b, p. 299). Pois:

Quando um homem descobre que seu destino lhe reservou um sofrimento, tem que ver nesse sofrimento também uma tarefa sua, única e original. Mesmo diante do sofrimento, a pessoa precisa conquistar a consciência de que ela é a única e exclusiva em todo o cosmo dentro deste destino sofrido. Ninguém pode assumir dela o destino, e ninguém pode substituir a pessoa no sofrimento. Mas na maneira como ela própria suporta esse sofrimento está também a possibilidade de uma realização única e singular (FRANKL, 2008, p. 102)

Cabe somente a esse homem encontrar um sentido. na realização dos valores atitudinais, isto é, a realização de sentido à vida por meio do enfrentamento do sofrimento, torna-se pertinente somente quando o sofrimento integra o autêntico desígnio existencial⁴¹. A consecução de todos os valores, e todo esforço direcionado a tal fim, requerem uma decisão na qual o ser humano, de forma intuitiva, percebe o possível significado subjacente ao sofrimento. Bem, antes dissemos que o homem encontra possibilidades de se realizar, criando, valores criadores; experimentando vivências, valores vivenciais e, sofrendo, os valores de atitude advêm; que o sofrimento tem um sentido imanente, com características de um conflito interno mental. Nosso pensador nos esclarece sobre essa característica imanente:

Se uma coisa nos faz sofrer, é porque interiormente lhe voltamos as costas; é porque criamos distância entre a nossa pessoa e essa coisa. Se ainda sofremos

⁴¹ “Por meio da defesa dos valores de atitude, Frankl coroa seu argumento da onipresença de possibilidades de sentido na vida e reafirma seu compromisso para um *amor fati* na existência, que ele bem viu nos dizeres de Goethe: “Não há nada que não se deixe melhorar: seja pela atividade, seja pela paciência”. Isto é: “Ou nós mudamos o destino – na medida em que isso é possível – ou então nós o aceitamos de boa vontade – na medida em que isso é necessário” (FRANKL apud PEREIRA, 2021). O destino - que inclui invariavelmente, o sofrimento da tríade trágica da existência -faz parte, de maneira natural e irrecusável, da nossa vida, dando-lhe, como vimos, forma e configuração; assim sendo, a logoterapia reflete que, se a vida tem um sentido, o sofrimento também o terá.” (PEREIRA, 2021, p. 115)

perante um estado de coisas que não deveria ser assim, é precisamente porque ainda estamos na tensão entre o ser fático, por um lado, e o que as coisas deveriam ser, por outro lado, Isto vale, como já vimos, para o homem que desespera de si mesmo: um homem assim *deixa de ter qualquer razão para o desespero pelo fato de estar desesperado*, pois tal desespero significa, já de si, que ele avalia a própria realidade em função duma idealidade, que lhe serve para a valorar; o fato de esse homem, em geral, se aperceber dos valores (que permaneceram irrealizados), implica já um certo valor da sua vida. É claro que não poderia arvorar-se em juiz de si mesmo, se de antemão não possuísse o poder e a dignidade de juiz – como homem que se dá conta do que deveria ser, em confronto com o que é simplesmente. O *sofrimento cria no homem*, por conseguinte, uma tensão fecunda – estamos em dizer mesmo uma *tensão revolucionária* -, fazendo-lhe sentir, como tal, o que não deve-ser. Na medida em que, digamos assim, se identifica com o que lhe é dado, o homem elimina a distância que existe entre ele e o dado e exclui a *fecunda tensão entre o ser e o dever-ser*. (FRANKL, 2019c, pp. 194 - grifo original)

Explicando isso ao nosso leitor, temos aqui que o indivíduo que experimenta sofrimento inevitável não detém a capacidade de moldar seu destino externamente. Contudo, é precisamente por meio do sofrimento que se depara com a oportunidade de transcender interiormente o destino, movendo-o do âmbito factual ao existencial. Aquele que transcende a própria existência avança em direção à maturidade. De fato, o resultado verdadeiro do sofrimento é, em última instância, processo de maturação. Entretanto, a maturidade supõe que o indivíduo tenha atingido uma liberdade interior, mesmo em meio à sua dependência externa.

Outro ponto importante a ser ressaltado é que a maturidade derivada da liberdade interior se fundamenta na disposição em aceitar o sofrimento. Para alcançar essa aceitação, é imperativo que o sofrimento esteja conscientemente demarcado. Apenas quando o sentido de sofrimento é intencionalmente direcionado é que ele deixa de ser percebido como mera aflição. No entanto, para tornar o sofrimento o objeto de uma intenção, é necessário, inicialmente, transcendê-lo de antemão. Em outras palavras: “[...] a fim de dar um sentido ao sofrimento, devo sofrer por alguém, por amor a alguém. O sofrimento, para ter finalidade, não pode bastar-se a si mesmo. Do contrário, tornar-se-á masoquismo” (FRANKL, 2019b, p. 305)

A substância significativa do sofrimento reside na condição de ser "amor por". Ao aceitá-lo, não apenas o tornamos alvo de uma intenção, mas visamos através dele

algo que transcende a sua própria essência. Assim, transcende-se o sofrimento ao buscar, por meio dele, um propósito mais amplo e elevado, daí: “Em síntese, sofrimento dotado de sentido é pura e simplesmente *sacrifício*” (FRANKL, 2019b, p. 306) a postura exigida frente ao sofrimento, para que o mesmo não se torne um vão masoquismo, ou busca por sofrimento deliberado, com a ideia errônea que tão somente assim se alcançaria um sentido na vida, é a de que o indivíduo se eleve do nível factual para o existencial e, no mesmo momento transcendendo “[...] a si mesmo ‘pisando no sofrimento’, andando para cima e para frente.” (p. 310) É o que percebemos nesse relato de uma irmã Carmelita reproduzido por nosso autor:

A depressão é minha companhia em tempo integral. Ela torna minha alma pesada. Onde foram parar meus ideais? Onde estão a grandeza, a beleza e a bondade, com as quais um dia, me comprometi? Não há nada, além de tédio, no interior do qual me vejo aprisionada. Tenho vivido como se tivesse sido jogada no vácuo, pois, às vezes, até a experiência de dor me é inacessível. Até Deus se cala. *Aí, desejo morrer. O mais rápido possível. E, se eu não portasse a crença de que não sou senhora de minha vida, eu mesma já a teria levado.* Por minha fé, no entanto, o sofrimento se torna um dom. As pessoas que pensam que a vida deve, necessariamente, ser plena de sucesso são como aquele homem que, ao contemplar um canteiro de obras, não consegue entender que os trabalhadores têm de cavar o chão, se quiserem erguer uma catedral. Deus constrói uma catedral em cada alma. Na minha, sua escavação está perto de atingir a base. *O que tenho a fazer é apenas manter-me firme no meu lugar*, quando quer que seja atingida por sua pá. (FRANKL, 2011, pp. 165 - grifo nosso)

Daqui se tem que, se manter firme e parada frente a uma dor inefável nos pede uma postura de exímia força e ampla coragem. Permanecer, não impávida, mas fincada no solo da vida, prova que assim como, não há felicidade que sempre dure, não existe sofrimento que perdure. Como um carvalho com raízes grossas encravadas na terra que se mantém mesmo diante de uma grande tempestade e de um vendaval, poder-se-ia perder muitas folhas e alguns galhos durante a tormenta, conquanto que o sol volte a nutri-la e a árvore possa cumprir seu desígnio no mundo: dar frutos e servir de abrigo para os que dela necessita.

O sofrimento dar-se-á sobre diversas frentes, dentre elas pela culpa. - Retomemos a questão da culpa nesse momento. Como regra, ser humano implica ser

livre e responsável. O homem é responsável pelas suas ações passadas, contudo, não detém a liberdade para desfazê-las. Em suas palavras, Frankl nos assegura de que:

O arrependimento, conforme Scheler salientou, pode apagar uma culpa: não evidentemente, no sentido de que ela deixe de ser imputada ao respectivo sujeito; mas sim no sentido em que este, por assim dizer, se soergue, ao renascer moralmente. Tal possibilidade de converter o já acontecido em algo de fecundo para a história interior do homem nem de longe está em contradição com a sua responsabilidade, mas antes numa relação dialética. Com efeito, o tornar-se culpável pressupõe responsabilidade (FRANKL, 2019c, p. 195)

Daqui se depreende que o ser humano realizou é irrevogável, constituindo-se como resultado de sua ação, conferindo-lhe responsabilidade pelos feitos. Entretanto, não detém a liberdade para desfazer as consequências já estabelecidas. A condição humana, geralmente caracterizada pela conjunção de liberdade e responsabilidade, é alterada de maneira excepcional diante da presença da culpa. Nesse cenário excepcional, o indivíduo permanece responsável, porém, sua liberdade é reduzida. Enquanto a arbitrariedade denota liberdade desprovida de responsabilidade, a culpa representa responsabilidade desvinculada da liberdade, à exceção da liberdade para eleger a atitude apropriada diante do sentimento de culpa. Através da postura correta, o sofrimento metamorfoseia-se em uma conquista heroica e triunfante. Similarmente, um indivíduo que tenha cometido atos prejudiciais não pode retroceder nos eventos passados, mas, por meio do arrependimento, tem a capacidade de modificar a si mesmo. Tudo repousa na adoção da postura apropriada, assemelhando-se ao contexto do sofrimento. A distinção reside no fato de que, na situação de culpa, a postura correta refere-se a uma atitude apropriada consigo mesmo.

Chegamos, enfim, à terceira parte da tríade trágica existencial: *a morte*. Temos consciência sobre a impossibilidade em esgotar o tema da morte frente a magnitude do assunto, no entanto, de modo humilde, esperamos aclarar esse conceito tão caro na concepção do nosso autor. Iniciaremos esse momento com uma provocação lançada por Ernest Becker (1924-1974), antropólogo e escritor, autor da obra *A negação da morte*, vencedora do prêmio *Pulitzer* de 1974:

Uma pessoa passa anos formando-se como indivíduo, desenvolvendo seu talento, seus dons singulares, aperfeiçoando suas discriminações do mundo, ampliando e aprimorando seu apetite, aprendendo a suportar os desapontamentos da vida, amadurecendo, refinando-se – até chegar a ser finalmente uma criatura única na natureza, com dignidade e nobreza, transcendendo a condição animal: não mais agindo por impulso, não mais só um reflexo, não feita em qualquer outro molde. E então a verdadeira tragédia...: são necessários sessenta anos de esforço e sofrimentos incríveis para se fazer esse indivíduo, e então ele só serve para morrer (Ernest Becker em (VIORST, 2005, p. 313)

Numa das tantas passagens da obra, dita anteriormente a citação provocativa, Becker nos apresenta um paradoxo existencial da condição de *individualidade dentro da finitude* (BECKER, 2017, p. 48). Com isso onde nos exhibe o homem como possuidor de uma identidade simbólica com destaque na natureza, com um nome, uma história de vida, com uma mente que especula sobre os átomos e o infinito do universo; com imaginação e potencial criativo para concretizar grandes obras e cunhar um pedaço do céu na terra, como um “pequeno deus na natureza” (idem). Entretanto, esse mesmo homem que vive seus potenciais grandiosos, é um corpo que adoece, sente dor, sangra e em algum momento irá definhando, morrer e servirá de “alimento para os vermes” (idem), evidencia, assim, que o homem está dividido em dois: tem consciência de sua esplêndida e ímpar situação de destaque na natureza, dotado de uma dominante majestade, e no entanto retorna ao interior da terra, uns sete palmos, de maneira cega e mudamente. E esse saber sobre a própria finitude seria um ceifador do sentido vivido por uma pessoa? Nosso autor afirma que não. Para Frankl, a vida permanece com sentido mesmo diante da morte como veremos no fragmento em seguida:

Quantas vezes nos não vê dizer que a morte põe em dúvida o sentido da vida inteira! Quantas vezes nos dizem que, em última análise, tudo carece de sentido, já que a morte, no fim, tudo destrói! Ora bem: poderá a morte realmente corroer esse sentido que caracteriza a vida? De maneira nenhuma! Pelo contrário: porque, que aconteceria se a nossa vida não fosse finita no tempo, mas antes temporalmente ilimitada? Se fôssemos imortais, poderíamos, com razão, adiar cada uma das nossas ações até o infinito; nunca teria a menor importância o realizá-las agora, neste momento preciso, podendo muito bem realizar-se amanhã ou depois de amanhã, ou daqui a um

ano ou dez. Em compensação, tendo em vista a morte como fronteira infranqueável do nosso futuro e limite das nossas possibilidades, vemo-nos obrigados a aproveitar o tempo de vida de que dispomos e a não deixar passar em vão as ocasiões irrepetíveis que se nos oferecem, ocasiões essas cuja soma “finita” representa precisamente vida toda (FRANKL, 2019c, p. 145)

Depreende-se daqui que a finitude e a temporalidade não são meramente características intrínsecas à vida humana, são também elementos essenciais do sentido. A essência da existência humana está enraizada em seu caráter irreversível (FRANKL, 2021b, p. 149). Portanto, a compreensão da responsabilidade que o ser humano tem pela vida só é possível quando a concebemos como responsabilidade por uma existência que ocorre de maneira única. A vida jamais deveria ser avaliada meramente pela duração temporal, uma vez que a plenitude de sentido de uma vida humana não pode ser adequadamente quantificada por seu período de existência. No entanto, durante o tempo existencial, o indivíduo é desafiado a concluir algo, enfrentar a finitude e aceitar conscientemente um fim. Essa atitude não necessariamente requer heroísmo, pois é discernível na conduta cotidiana do indivíduo comum, mesmo em dias comuns. Nossa percepção ao concatenar as ideias de Frankl, que assim como o sentido flui no cotidiano do homem comum, a morte caminha paralelamente junto a cada ação, pois cada ação humana está sob as leis da temporalidade e da finitude. Desse modo, assim como o homem apreende intuitivamente que a vida possui um sentido a ser buscado, intuitivamente, também, o homem é dotado sobre o saber da sua própria finitude, sem que ao menos tenha sequer visto a morte de outrem. Max Scheler corrobora desse pensamento, pois segundo o filósofo fenomenólogo: “[...] uma pessoa saberia de qualquer forma ou modo que a morte a alcançaria, mesmo que fosse o único ser vivo sobre a Terra; sabê-lo-ia mesmo que nunca tivesse visto outros seres vivos sofrer aquela transformação que conduz ao aparecimento do cadáver” (SCHELER, 2017, p. 174) e tal modo qual os animais, como os gatos e os lobos, por exemplo, sabem da proximidade de sua morte e abandonam seu bando para vivenciarem sua morte isoladamente.

Outra maneira de abordar a morte é na filosofia oriental do budismo, [...]” a vida e a morte são vistas como um todo, onde a morte é o começo de um novo capítulo

da vida. A morte é um espelho no qual o inteiro significado da vida é refletido” (RINPONCHE, 1999, p. 29), podendo assim, usar as nossas vidas como uma preparação para a morte, sem precisar que passemos por uma morte dolorosa de algum ente querido, ou pela fatalidade de uma morte anunciada por uma doença incurável, que nos forçaria a encarar a nossa vida. Tampouco estaríamos condenados em chegar perante a nossa morte de mãos vazias, pois, poderíamos começar [...]” aqui e agora, a encontrar um significado na vida. Podemos fazer de cada momento uma oportunidade para mudar e nos preparar – dedicadamente, de modo preciso e com paz de espírito – para a morte e a eternidade” (idem) ou como nas palavras de Frankl: “*Vive como se estivesses já vivendo pelo segunda vez e como se tivesses agido da primeira vez de maneira tão errada como estás à beira de fazer agora*” (FRANKL, 2019b, p. 99 grifo nosso). Podemos concluir a dupla função dessa frase, onde a morte caminha junto a vida e alerta constantemente o homem lhe dizendo: *Sê responsável, apesar de tudo. Torna-te teu tempo.*⁴²

Lukas, salienta sobre a vida humana frente ao fluxo do tempo, nos dizendo:

A vida humana é estendida pelo “fluxo do tempo”: ela entra no fluxo do tempo pela concepção e sai novamente do fluxo do tempo através da morte. Frankl salienta que com a morte o homem não tem mais sua vida (ou mais precisamente suas possibilidades de vida), mas que se tornou sua vida (mais precisamente as possibilidades realizadas de sua vida, sua “realidade de vida”). Com a morte, o homem passa totalmente do “pré-estágio do ser” para o ser (LUKAS, 1992, p. 156)

O homem torna-se sua trajetória, assim, seu fito é concluído frente ao tempo, sem que nada no universo exclua sua existência terrena. Independentemente de ser lembrado ou não, essa pessoa única e irrepetível teve uma vida e dela fez o que pôde e como pôde.

⁴² Muita gente acredita que a pessoa que está morrendo vê sua vida toda em uma fração de segundo, como um filme em alta velocidade assumindo essa imagem, podemos dizer que o próprio homem no momento de sua morte, é o filme. Então ele “é” sua vida, ele se transformou na história de sua vida – tenha sido ela boa ou má. “Ele fez seu próprio céu ou seu próprio inferno” (FRANKL, 2019, p. 116)

Outra questão que surge frente a morte é se o sentido de uma vida estaria logicamente relacionado à procriação. Afinal, gerar a vida poderia ser em si um sentido último da nossa própria espécie. Nesse ponto, Frankl preconiza que não existe necessidade em separar a morte da vida, como instâncias dicotômicas, pois a rigor a morte é intrínseca à vida, e, além de não a separar da vida, tampouco seria possível dominá-la. Temos isso no dito de nosso pensador sobre o desejo pelo eterno:

Mas também não é possível “dominá-la”, como julga fazer o homem que quer “eternizar-se” pela procriação, pois é falsa a tese de que o sentido da vida se radica na descendência. Essa tese facilmente se pode reduzir *ad absurdum*. Em primeiro lugar, a nossa vida não se pode prolongar *in infinitum*: também as linhagens acabarão por morrer e decerto que um dia também toda a humanidade terá que desaparecer pela morte, ainda que tal suceda apenas numa catástrofe cósmica do planeta Terra. E, se uma vida finita carecesse de sentido, seria completamente indiferente a data do final, bem como o poder-se ou não a prever (FRANKL, 2019c, p. 149).

De tal modo, sabemos que, a pessoa por sua característica de humanidade advinda do inconsciente espiritual questiona a eternidade de maneira intuitiva, e se essa eternidade não se dá pela carga genética, poderíamos indagar o que afinal constitui o eterno do homem? Para responder a esse questionamento exploraremos a tese do sentido voltado ao passado. O passado possui duas características constituintes: Desse modo, apresentaremos o passado com uma possibilidade de ir ao encontro do sentido.

3.2.2 O Passado como possibilidade de sentido

Nos escritos antecedentes, vimos as características sobre o sentido da vida: qual energia motiva o homem a manter sua existência na busca por sentido; compreendemos que o sentido é único, irrepetível, dado na concretude da cotidianidade da vida de uma pessoa única e igualmente irrepetível; e que não existe um sentido universal para todos os seres humanos, e sim, sentidos que são próximos dentro de valores universais – de vivências, de criação e de atitude. Destarte, entramos

no tema central do nosso trabalho ao elucidarmos a hierarquia dos valores, a diferença dos valores de atitude frente à escolha humana. Exibimos os nossos personagens principais, - o *Homo Patiens* e a tríade trágica humana. Neste momento adentraremos para as elucubrações sobre o sentido último da vida, frente a temporalidade e a finitude do homem.

Poderíamos dizer que temporalidade e finitude são aspectos do mesmo fenômeno existencial, pois não existe nada no mundo que não esteja sujeito ao tempo e ao fim, como uma causalidade: o tempo leva ao fim; a finitude caminha com o tempo. No entanto, o tempo na logoterapia se mostra ora como tempo cronológico, ora como tempo “kairológico” (FRANKL, 2019, p. 41). “O primeiro é o responsável pelo tempo marcado, contado. É o relógio matemático de nossas atividades” e está ligado ao mito grego do deus Chronos. Já o segundo, inspirado no mito do deus Kaíros, tem “[...] a qualidade de todo tempo vivido, é o momento oportuno, que nos marca”. Ambos são modos de experienciar o tempo e um não anula o outro. Compreender o tempo dessa maneira amplia nossa liberdade e o acolhimento dos sofrimentos vividos, pois não existiria um tempo marcado no calendário para que um sofrimento, como o luto por um ente querido, chegasse ao fim em determinada data marcada e não doesse nunca mais, como se aniquilado da história da pessoa. Assim como não existe a possibilidade de aniquilar um sofrimento vivenciado, não se poderia aniquilar qualquer experiência de uma pessoa, pois segundo o nosso autor:

No passado, nada está irremediavelmente perdido. Pelo contrário, lá tudo está inalteravelmente preservado e a salvo. Em geral, damos muita atenção ao peso da transitoriedade, observando-a como o vasto campo da plantação após a colheita, e acabamos por subestimar nossa história, esquecendo-nos dos “fartos celeiros” que constituem o passado, onde depositamos a nossa vida, a nossa colheita. (FRANKL, 2011, p. 193)

Como o pensador indica, seu entendimento sobre o tempo, a transitoriedade da vida, o passado e a finitude humana? Na busca em explicar com concretude conceitos abstratos e metafísicos, nosso autor usa como recurso a imagem de uma ampulheta (FRANKL, 2019, p. 108), utilizando-a como uma metáfora, para elucidar suas

concepções sobre esses conceitos. Segundo Pereira (2021), o entendimento de Frankl sobre a temporalidade contrasta com os posicionamentos paradigmáticos do existencialismo francês e do quietismo e oferece uma terceira via para a compreensão do tempo: a de um otimismo respeitoso pelo passado. Nas palavras do nosso pensador sobre o que viria a ser o otimismo do passado:

Fica evidente agora que a logoterapia apresenta não só um “otimismo do passado” (em contraste com o “pessimismo do presente” do existencialismo), mas também um “ativismo do futuro” (em contraste com o “fatalismo da eternidade” do quietismo). Se cada coisa fica para sempre armazenada no passado, é importante decidir no presente o que queremos eternizar levando-a a fazer parte do passado. Esse é o segredo da criatividade: nós removemos algo do nada do futuro “transformando-a em passado”. A responsabilidade humana, portanto, está no “otimismo do futuro”, no saber escolher as possibilidades do futuro, e no “otimismo do passado”, isto é, transformando as possibilidades em realidades, pondo-as a salvo no abrigo do passado. (FRANKL, 2019, p. 115)

A ampulheta (metafórica), desse modo, seria dada da seguinte maneira: a parte superior do instrumento representaria o futuro, a areia que se encontra na parte superior seriam as possibilidades existenciais a serem vividas, a passagem estreita no meio, simbolizaria o momento presente, e a areia depositada na parte inferior representaria o passado, as possibilidades que se tornaram realidades. A esse respeito, novamente teria a acrescentar Pereira (2021) sobre a interpretação de Frankl, segundo a qual o existencialismo francês veria apenas o movimento dos grãos na estreita passagem central; o quietismo, em sua ênfase na eternidade, consideraria somente a ampulheta, como um todo, e ignoraria o movimento da areia tomando-a por uma massa imóvel que simplesmente permanece como é. Diferentemente de uma ampulheta como objeto, a ampulheta metafórica não pode ser virada, pois o tempo é irreversível, e se houvesse possibilidade de “sacudir” o instrumento, somente os grãos de areia da parte superior poderiam ter suas posições alteradas pois seriam as “[...] possibilidades do futuro, mas não da câmara inferior, cujos grãos, após a queda, estariam definitivamente fixados, como se houvessem sido tratados por uma cola” (PEREIRA, 2021, p. 43) Fica evidente que na logoterapia não existe a possibilidade de

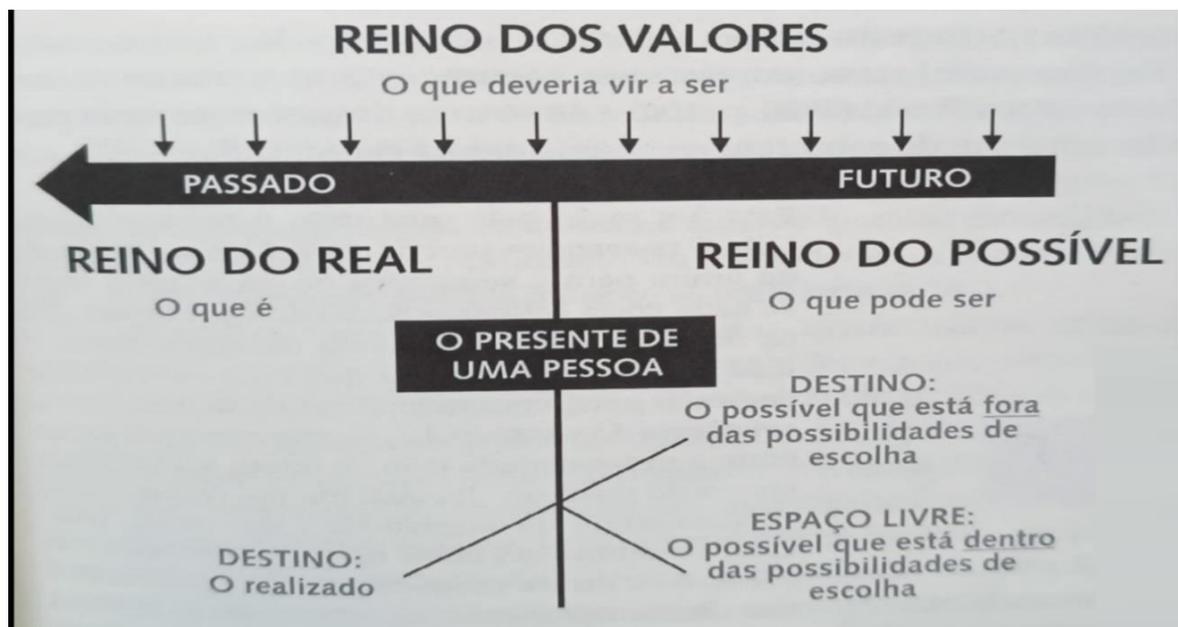
alterar ou dar um novo significado ao passado vivido, pois o passado, para Frankl, seria um arquivo eterno e esse “arquivo eterno não pode ser perdido – o que é um conforto e uma esperança. Mas, também não pode ser corrigido – o que é um alerta e uma advertência. (FRANKL, 2019, p. 114). Poderíamos questionar sobre o que seria possível para o homem como uma redenção frente a falibilidade humana? Sobre esse assunto, nosso pensador, em uma extensa nota de rodapé nos fala sobre a questão do arrependimento como um valor de atitude:

O que terminou já está “aposentado”, mas também pode ser “aproveitado”. Permanece disponível a nós em sua condição de “ter terminado” e, nesse sentido também permanece, *existe*. O que dizer, porém, de coisas como o arrependimento e o sofrimento em vista da irreversibilidade do que foi realizado? Não estão em conflito com essa visão? Não, pois o arrependimento e o sofrimento, por si mesmos, se realizam sempre a cada vez. Também a superação do destino, como ocorre na realização dos valores atitudinais – e, portanto, na redenção da história passada –, torna-se, a partir de então, história: a saber, história realizada. Em outras palavras: nem o arrependimento nem a culpa pode ser erradicados. Mesmo no caso em que o “feito” – na realidade, deveríamos chamá-lo “malfeito” – tivesse um valor criativo de *penalidade*, tal penalização pode realizar um *valor atitudinal* na expiação. É, pois, evidente que, em última análise, os valores de atitude realizados em correta sintonia com as culpas do passado – enquanto circunstâncias fatídicas – possam, por sua vez, constituir a plataforma para novos valores criativos [...]. Os valores atitudinais, porém, são os únicos cuja realização é literalmente possível até o último momento; pois até o último momento é possível ao homem ajustar-se, adaptar-se a qualquer destino, e portanto, a toda aquela porção da vida que já se converteu em fatídica. E assim, e somente assim, é possível verificar que algumas pessoas são capazes de se redimir de toda a sua vida passada com um único e grandioso ato, que no entanto dura um breve momento: um ato final de profunda contrição e arrependimento, dado precisamente no “último momento” da vida, redimindo-a, consagrando-a e enchendo-a de sentido. (FRANKL, 2022a, p. 52 NR 4)

Dada a complexidade e a imprecisão em afirmar o que poderia ocorrer no último instante de vida de uma pessoa moribunda, nosso pensador apresenta certa esperança frente ao irremediável vivenciado, mas que permaneceria disponível para ser “aproveitado”, como o arrependimento e o sofrimento. De tal modo argumenta que o arrependimento e o sofrimento são experiências constantes e não estão em conflito com a ideia de que o passado está “perdido”. Além disso, sugere que a superação do destino e a realização de valores atitudinais podem, de certa forma,

redimir o passado, mesmo quando este inclui ações que causaram arrependimento. Os valores atitudinais são destacados como aqueles que podem ser realizados até o último momento da vida, permitindo que as pessoas se redimam e deem sentido à sua existência, mesmo em seu leito de morte, como viemos salientando por todo o percurso do nosso trabalho, principalmente quando falamos sobre a morte na tríade trágica humana.

Além da imagem da ampulheta, temos outra explicação sobre a tempo vivencial na logoterapia de Frankl que nos foi dada por Elisabeth Lukas (1992), de maneira mais didática. A autora nos apresenta a hipótese da temporalidade frankliana no seguinte esquema, adaptado por Pereira (2021):



(PEREIRA, 2021, p. 41)

Figura 6: As possibilidades frente a temporalidade

Seguindo as camadas da figura, vemos em primeiro plano o “reino dos valores”, ele é definido por todas as possibilidades, tudo aquilo que deveria ser, - e se forem realizadas, constitui a realidade e incorporadas ao ser -, o vir-a-ser – as possibilidades existentes no tempo futuro (os grãos de areias da parte superior da ampulheta metafórica) e as não-ser, -as possibilidades não realizadas que fluem para o nada. Esse “reino” não se submete ao “fluxo do tempo”, pois seria supratemporal, pois refere-se tanto as possibilidades quanto a realidade. Já o “fluxo do tempo” segue do futuro das

possibilidades que poderão ser, à concretude do passado realizado do que se é; intermediados pelo “presente de uma pessoa”. É nessa linha divisória onde está marcado o presente que compreendemos o destino. Pois, como podemos visualizar, uma há marca do destino tanto no futuro, como no passado. A marca do futuro nos mostra o que seria possível fora das possibilidades de escolha de uma pessoa; a marca intermediária nos mostra, a marca do espaço de liberdade onde encontra-se o possível de se tornar real dentro das escolhas. por fim, a marca do passado que nos apresenta o realizado por uma pessoa como o seu destino marcado em sua história existencial. “Chegamos, aqui, a uma tese ontológica central à compreensão frankliana acerca da temporalidade: o argumento do “ser-passado” (*Vergangensein*) como porção mais segura, estável e eterna do ser. (PEREIRA, 2021, p. 42). Nas palavras de nosso pensador: “A existência eterniza-se na medida em que produz, [...] Ela produz a si mesma, efetivando as possibilidades somatopsíquicas, atualizando espiritualmente a potencialidade psicofísica. Ela realiza-se em si mesma. (FRANKL, 2019b, p. 173)

Nosso autor é, portanto, categórico ao afirmar que o passado pode ser um refúgio para o homem que sofre, quando o mesmo está: “[...] disposto a voltar-se para o seu interior para escapar do vazio, da desolação e da pobreza espiritual” (FRANKL, 2008, p. 57). Essa afirmação surge após Frankl relatar sua experiência pessoal na vivência no campo de concentração, em um dos vários momentos escuros da alma, se recolhe em si e “conversa com sua esposa”, consegue, até mesmo, ouvi-la respondendo e sorrindo. Não sabia se ela estava viva ou morta, nem onde estaria naquele momento. Só tinha consigo a imagem espiritual de sua amada, assim segue em seu devaneio:

Um pensamento me sacode. É a primeira vez na vida que experimento a verdade daquilo que tantos pensadores ressaltaram como a quintessência da sabedoria, por tantos poetas cantada: a verdade de que o amor é, de certa forma, o bem último e supremo que pode ser alcançado pela existência humana. Compreendo agora o sentido das coisas últimas e extremas que podem ser expressas em pensamento, poesia – e em fé humana: a redenção pelo amor e no amor! Passo a compreender que a pessoa, mesmo que nada mais lhe reste neste mundo, pode tornar-se bem-aventurada – *ainda que somente por alguns momentos* – entregando-se interiormente à imagem da pessoa amada. Na pior situação exterior que se possa imaginar, numa situação

em que a pessoa não pode realizar-se através de alguma conquista, *numa situação em que sua conquista pode consistir unicamente num sofrimento reto, num sofrimento de cabeça erguida*, nesta situação a pessoa pode realizar-se na contemplação amorosa da imagem espiritual que ela porta dentro de si da pessoa amada. (FRANKL, 2008, p. 55 grifo nosso)

Na passagem fica patente que, por um instante, o indivíduo em questão, teve acesso ao seu passado existencial não somente como um recurso da recordação de uma saudosa memória, uma lembrança afetuosa, mas por “acesso” ao seu inconsciente espiritual. Pois, o que essa pessoa experienciava nesse exato momento dessa vivência era uma privação de todas as possibilidades de futuro, pois sua existência estava em suspensão, era uma existência provisória (FRANKL, 2008, p. 94). Os valores de criação foram tolhidos, pois as pessoas nos campos de concentração tornaram-se somente números e que não era sem orgulho que dizia não ter sido mais que um prisioneiro “comum”, nada fui senão o simples nº119.104. Onde a maior parte do tempo trabalhou nas escavações e nas construções de ferrovias (FRANKL, 2008, p. 18) e a única possibilidade que lhe restava era viver seu sofrimento com dignidade inerentemente humana. Com isso, vemos que não foi um médico, um filósofo ou um teólogo que empregou um conhecimento teórico usando toda sua capacidade mental para acessar exclusivamente uma memória a qual evocaria todos os sentimentos de um amor vivido, e sim, um homem comum que *sem saber como*, acessa seu celeiro do passado, pois como afirmado e comprovado por nosso autor:

Nada nem ninguém pode abolir ou desfazer o que já passou. Vemos sempre o restolhal da transitoriedade - e não reparamos nos celeiros cheios onde recolhemos a colheita de nossa vida, os atos que consumamos, as obras que realizamos, os amores que amamos e as dores que com coragem e dignidade suportamos (FRANKL, 2019b, p. 99)

Aqui, nosso autor busca enaltecer a responsabilidade de cada sentido encontrado por uma pessoa, pois todas as ações ficam raízes na eternidade. Pois, como visto anteriormente, nem mesmo a morte aniquila o sentido do que foi vivido. Enquanto a pessoa está no fluxo do tempo, ela pode e irá buscar pelo sentido – o sentido único de cada situação -, na rotina da lida diária, eles podem ser encontrados

dentro dos valores vivenciais e criativos, com uma troca entre a pessoa e o mundo. De um botão pregado, da construção de uma casa, de regar uma roseira, de apreciar uma paisagem, de amar uma pessoa, toda e qualquer ação humana estará na eternidade. Como em um projeto existencial do homem *tornar-se* o que se *é*. Tudo mantém-se preservado, para que nos momentos em que a vida se faz finita, onde torna-se impossível criar e experienciar a vida, tudo que foi vivido possa retornar como um bálsamo enviado da dimensão espiritual para a alma machucada e um corpo calejado. Se no início dissemos que a dimensão espiritual humana é mais elevada e necessita ser elevada pela dimensão psíquica e corpórea – e tudo que advém delas -, e no momento que o corpo exige por coragem, a alma por dignidade que a dimensão espiritual acolhe o homem frente ao seu desespero dizendo-o que, enquanto há a vida, há a esperança de se buscar o sentido, nem que seja no último suspiro.

CONCLUSÕES

Laboramos com o propósito de chegar a apresentar nossa interpretação de como Viktor E. Frankl compreende o sofrimento humano à luz de sua análise existencial. O caminho que nos trouxe até aqui foi repleto de reconstruções temáticas, análises de conceitos e de temas correlatos a nossa questão de pesquisa e as elaborações dos três desdobramentos temáticos nos permitem, agora, a indicação dos saldos de nossa investigação. É isso o programado para essa conclusão que arrola seus resultados com vista à sequência dos capítulos, como teremos a partir daqui.

Vimos, em nosso *Primeiro Capítulo*, as marcas da vida do nosso autor; acompanhamos junto a cronologia seu percurso existencial, intelectual e profissional. Nos preocupamos em evidenciar, em diversos momentos, como a logoterapia era “fermentada” desde os inícios de seus estudos da juventude, sempre como uma seta que o direcionava a manter sua busca por uma compreensão mais humanizada do homem. Daqui foi possível sopesar que toda essa caminhada biográfica tornou claro o berço da logoterapia e como vida e obra do nosso autor se entremeiam.

Nesse mesmo capítulo também tivemos uma apresentação de sua obra *Em busca de sentido*, com essa exposição, destacamos quais as contribuições advêm dela, como a liberdade última do ser humano; a constatação de que existe sentido a ser buscado frente ao sofrimento humano; o humor como ferramenta para se distanciar das situações, são só alguns exemplos dessas constatações que contribuíram para a logoterapia. Adicionalmente, esse movimento deixou claro que sua experiência foi a de um homem comum e não de um estudioso, seus apontamentos sobre a psicologia dos campos de concentração foram feitos posteriormente.

Nas primeiras palestras proferidas após ser liberto em 1946, as quais trouxeram um saldo real para a logoterapia, encontramos os esboços dos conceitos aos quais nosso autor se debruçou ao longo de sua vida: o sentido da vida e o sentido do sofrimento. Nessa mesma obra, detectamos que seu autor se empenha em destacar a complexidade de discutir o valor da vida, especialmente em um contexto histórico

marcado por ideias eugenistas alemãs, descrevendo a desvalorização da vida, mas ressaltando a resiliência humana diante das adversidades, enfatizando a capacidade de tomar decisões mesmo diante da perda total.

Tal como vimos, Frankl argumentou que a falta de sentido poderia levar ao desespero e ao suicídio, identificando quatro motivos fundamentais para essa decisão. Daí, o pensador propôs uma mudança de perspectiva, afirmando que é a vida que exige respostas do ser humano, defendendo a responsabilidade individual diante das circunstâncias e apresentando a morte como um pano de fundo que destaca a transitoriedade da vida. Nesse mesmo contexto, ressaltou a inerência do sofrimento na condição humana e destacou a singularidade da dimensão espiritual, imune à doença.

Adiante, vimos nosso pensador recorrer ao conceito de "suprassentido" e, ao relatar sua experiência pós-libertação, destacou as três fases psíquicas nos prisioneiros: o "choque da recepção", a "apatia" e a "psicologia do prisioneiro em liberdade" – as três fases apresentadas de antemão no tópico sobre a psicologia dos campos de concentração – *Experimentum Crucis*.

Após o percurso bibliográfico, perfeito em nosso capítulo inicial, pudemos passar ao *segundo capítulo* compreendendo o motivo pelo qual nosso autor, ao desenvolver a análise existencial e a logoterapia, escolheu a designação "logoterapia" como termo mais conhecido, tendo "*Existenzanalyse*" como uma alternativa. Apontamos que sua abordagem não se limita à psicoterapia, antes abrange sua cosmovisão, suas concepções antropológicas e, até mesmo, uma intuição teológica. Estas são significativas ao evitar concepções reducionistas e com ares "desmascaradores" de todos os comportamentos humanos. Como pudemos indicar, Frankl destacou que a logoterapia visa incluir o "*lógos*" na psicoterapia, enquanto a análise existencial não é uma análise "da" existência, mas sim uma análise orientada "para" a existência.

Com o capital oferecido pela exposição do passo acima, pudemos observar que suas críticas a psicanálise são direcionadas especialmente ao conceito de inconsciente psíquico, propondo a existência de um inconsciente espiritual. Compreendemos que

Frankl sustenta que o ser humano não está simplesmente orientado pela busca de prazer ou poder, mas está intrinsecamente em busca de sentido para sua existência. Destacou-se, assim, a necessidade de uma abordagem holística na psicoterapia, voltando-se não apenas para a doença que afeta a pessoa, mas para a pessoa como um todo. Identifica-se, então, o quanto Frankl valoriza a importância de considerar a dimensão espiritual do ser humano, que ele considera intrinsecamente ligada à humanidade.

Após esta tematização, julgamos poder afirmar que Frankl não rejeita a teoria pulsional, embora levante uma questão crucial sobre ela, entendemos que ela possa ser formulada assim: *se é possível perceber um inconsciente pulsional, por que não seria possível reconhecer um inconsciente na dimensão espiritual do homem?* Acerca disso, nosso pensador enfatiza que o ser humano naturalmente se envolve em pensamentos sobre questões transcendentais, como eternidade e religiosidade, devido à sua natureza intrínseca. Entendemos que assim formula-se sua hipótese sobre o inconsciente espiritual, afirmando que o ser humano pode ser verdadeiramente ele mesmo, inclusive nos aspectos inconscientes, especialmente ao decidir perante sua existência quando está livre para ser e responder às exigências de sua vida. Indicamos como Frankl argumentou quanto as respostas a essas exigências, em circunstâncias de vida, são irrefletidas e partem do inconsciente espiritual, não podendo ser objeto de reflexão a priori. Se bem compreendemos, na visão de Frankl, a existência humana é caracterizada pela consciência e responsabilidade. Assim, depreendemos que a consciência é descrita como um fenômeno primário de execução imediata, não racionalizável a priori, apontando para um dever-ser e uma potencialidade a ser realizada. Ele integra a consciência intuitivamente ao inconsciente espiritual, destacando-a como o órgão do sentido nos fenômenos humanos. Vimos que, para Frankl, o humano, mesmo sem certeza sobre seguir o sentido ou uma ilusão, ele é intrinsecamente impelido a buscar algo e agir no mundo, guiado por um saber inerente do que deve ser feito pela vida.

Após isso, é, sem dúvida, um saldo de nossa pesquisa ter compreendido que o homem na logoterapia é uma entidade complexa que não pode ser reduzida apenas a conhecimentos específicos de uma área. Até onde pudemos ver, a partir de Frankl, o homem é possuidor de uma dimensão espiritual (espírito), e é dimensão espiritual que fundamenta cada ser humano como uma pessoa única e irrepitível, constantemente tensionada em direção a um sentido com capacidade de transcender a si mesmo frente aos seus condicionantes físicos, psíquicos e sociais. Assim, se enfatiza que a liberdade e a responsabilidade do ser humano dá-se por suas escolhas, o que, assim, depreendemos, que a logoterapia considera essa dimensão espiritual como crucial para compreender a complexidade da existência e encontrar sentido na vida. Daí, concluímos, também, que liberdade não significa ausência de condicionantes, mas sim a capacidade de escolha diante desses condicionamentos e que responsabilidade, por sua vez, está relacionada à resposta a duas questões: pelo que o ser humano se sente responsável e perante quem ele se sente responsável. As coisas são desse modo, pois a responsabilidade acompanha o caráter único e a irrepitibilidade da pessoa, sendo elementos constitutivos do sentido da vida humana. Frankl destaca que a finitude do homem, expressa na responsabilidade, deve representar algo que dê sentido à existência, não algo que a retire, onde cada escolha é uma decisão para a eternidade, permanecendo no celeiro do passado existencial de cada ser humano.

Laboramos em nosso *terceiro capítulo* com o propósito de dar luz à temática dessa dissertação; para tal, debruçamo-nos sobre a questão do sentido. A partir dela, a tarefa foi a de destacar que o conhecimento de que a vida tem sentido reside inatamente e irrefletidamente em todos os seres humanos, evocando a sabedoria dos homens comuns frente à sua intuição, referindo-se à autocompreensão ontológica pré-reflexiva da existência, que envolve a capacidade do homem de acessar a dimensão espiritual humana.

Interpretando as posições de Frankl, julgamos poder afirmar com distinção que a busca pelo sentido auxilia na compreensão de que o homem não pode desejar, inventar ou criar um sentido para si ou para outros; devendo ser encontrado e

orientado pela consciência, chamada o órgão do sentido. Confirmamos, na dinâmica do sentido, como uma ação existencial que se refere a uma situação específica, a uma pessoa determinada envolvida nessa situação, podendo se modificar de um dia para o outro e de uma hora para a outra, confirmamos se tratar do sentido na vida. Outras dimensões do sentido são o *sentido da vida* e o *suprassentido*, temas que não estiveram no foco do delimitado em nossa pesquisa, aparecendo em nossos campos de tematização apenas tangencialmente.

Em outro momento do mesmo capítulo, apresentamos as possibilidades de sentidos no âmbito da tríade de valores: vivenciais-criativos-atitudinais. Julgamos ter logrado desse momento clareza para nossa pesquisa quanto a importância do valor de atitude, característica do *homo patiens*. Essa convicção se deve a termos ganho em evidência sobre o fato de que frente ao sofrimento, na logoterapia, a atitude é a possibilidade de transfigurar o sofrimento em uma realização humana, confirmamos que na logoterapia, que as atitudes valentes no sofrimento e a dignidade diante da ruína e do fracasso exemplificam o poder do espírito humano.

Outro saldo efetivo da nossa pesquisa é o de ter compreendido o sofrimento frente à tríade trágica humana, inclusive incluso a culpa e a morte. Afinal, concluímos que o sofrimento pode ser amalgamado junto ao passado, conferindo sentido à vivência. Vimos que nosso autor, ao indagar se a finitude realmente corroeria o sentido, afirmou que, pelo contrário, a limitação temporal é fundamental para conferir sentido à existência, pois impulsiona o aproveitamento do tempo disponível e a valorização de cada momento único.

É ainda um resultado de nossa pesquisa a determinação de que, na perspectiva de Frankl, o sofrimento dotado de sentido é equiparado a um sacrifício que eleva o indivíduo do nível factual para o existencial. De sorte que a aceitação consciente do sofrimento é essencial para direcionar seu sentido, transformando-o em uma ação intencional. Nesse âmbito, a finitude e a temporalidade são elementos essenciais do sentido, desafiando o indivíduo a concluir algo durante seu tempo existencial.

Portanto, a compreensão da responsabilidade pela vida só é possível quando concebemos a existência como única e irrepetível.

Ao chegarmos ao fim, estimamos poder afirmar, com segura distinção, que para a logoterapia, o homem deve viver *como se fosse pela segunda vez*, reconhecendo a finitude e a responsabilidade intrínsecas à sua trajetória. Independentemente de ser lembrado, a existência única de cada pessoa deixa uma marca indelével no passado, enfatizando a importância de viver conscientemente e buscar o sentido em cada momento. Damos ênfase ao passado existencial, no qual o peso da transitoriedade é contrastado com a riqueza do passado, que é frequentemente subestimada. Concluimos afinal, que a tese ontológica central à compreensão frankliana da temporalidade é o "ser-passado" (*Vergangensein*) como a porção mais segura, estável e eterna do ser. De tal modo, julgamos poder afirmar com segura distinção, que os valores de atitude são mais importantes que o sofrimento, e essa a atitude advém do espírito do homem, que está alocado junto ao inconsciente espiritual. Nesse ponto, intuitivamente, o homem sabe que não existe sofrimento eterno. Assim, afirmamos haver um retorno efetivo frente ao inconsciente espiritual do homem que evidencia que é de a natureza humana questionar o que é eterno, e sendo comprovado por sua intuição ser um ser-mortal e com pegadas no eterno.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, T. A. (2013). *Logoterapia e Análise Existencial: Uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus.
- ARIÈS, P. (2014). *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora Unesp.
- BECKER, E. (2017). *A negação da morte*. Rio de Janeiro: Record.
- DERBLI, M. (março de 2011). *Uma breve história das revisões do DSM*. Acesso em 21 de março de 2022, disponível em <http://comciencia.scielo.br/>:
http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000200006&lng=es&nrm=iso
- DOSTOIÉVSKI, F. (2021). *Memórias do subsolo*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras.
- FRANCO, M. H. (2021). *O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno*. São Paulo: Summus.
- FRANKL, V. E. (1990). *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papyrus.
- FRANKL, V. E. (2008). *Em busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração* (46ª ed.). São Leopoldo ; Petrópolis: Sinodal; Vozes.
- FRANKL, V. E. (2010). *O que não está escrito nos meus livros : memórias*. São Paulo: É realizações.
- FRANKL, V. E. (2011). *A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da Logoterapia*. (I. S. Pereira, Trad.) São Paulo: Paulus.
- FRANKL, V. E. (2015). *O sofrimento de uma vida sem sentido : caminhos para encontrar razão de viver*. São Paulo: É Realizações.
- FRANKL, V. E. (2016). *Teoria e terapia das neuroses : introdução à logoterapia e à análise existencial*. São Paulo: É Realizações.
- FRANKL, V. E. (2018). *Psicoterapia para todos*. Petrópolis: Vozes.
- FRANKL, V. E. (2019). *Um sentido Para a Vida: psicoterapia e humanismo*. Aparecida: Ideias e Letras.
- FRANKL, V. E. (2019a). *A psicoterapia na prática: uma introdução casuística para médicos*. (V. Schneider, Trad.) Petrópolis/RJ: Vozes.
- FRANKL, V. E. (2019b). *O sofrimento Humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia*. São Paulo: É Realizações.
- FRANKL, V. E. (2019c). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. São Paulo: Quadrante.

- FRANKL, V. E. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo: Textos selecionados em Logoterapia*. São Paulo: É Realizações.
- FRANKL, V. E. (2021a). *A presença ignorada de Deus*. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes.
- FRANKL, V. E. (2021b). *Logoterapia e Análise Existencial : textos de seis décadas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FRANKL, V. E. (2022a). *A vontade de sentido: Conferências escolhidas sobre Logoterapia*. Campinas: Auster.
- FRANKL, V. E. (2022b). *Sobre o Sentido da Vida*. Petrópolis: Vozes.
- FRANKL, V. E., & LAPIDE, P. (2014). *A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido : um diálogo*. Petrópolis: Vozes.
- HEIDEGGER, M. (2015). *As questões fundamentais da filosofia : ("problemas" seletos da "lógica")*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- HEIDEGGER, M. (2015). *Ser e Tempo*. Petrópolis; Bragança Paulista: Vozes; Editora Universitária São Francisco.
- HEIDEGGER, M. (2017). *Seminários de Zollikon: protocolos, diálogos, cartas*. São Paulo: Escuta.
- KEHL, M. (2015). *O tempo e o cão : atualidades das depressões*. São Paulo : Boitempo.
- KIERKEGAARD, S. A. (2021). *O desespero humano*. LeBooks.
- KROEF, P. (2014). *Logoterapia e existência: A importância do sentido da Vida*. Porto Alegre: Evangraf.
- LUKAS, E. (1992). *Prevenção Psicológica*. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal.
- MARINO, H. R. (2019). Prefácio. Em V. E. FRANKL, *O sofrimento humano: Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia* (pp. 11-20). São Paulo: É Realizações
- ORTIZ, E. M. (2012). *El diálogo socrático e la psicoterapia*. Bogotá: Ediciones SAPS
- PEREIRA, I. S. (março de 2007). A Vontade de Sentido na Obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, pp. 125-136.
- PEREIRA, I. S. (2013). *A ética do sentido da vida : fundamentos filosóficos da logoterapia*. Aparecida, SP: Ideias & Letras.
- PEREIRA, I. S. (2021). *Tratado de logoterapia e Análise Existencial: Filosofia e sentido da vida na obra de Viktor Emil Frank*. São Leopoldo: Sinodal.
- PINTOS, C. G. (2017). *O mar me contou : a logoterapia aplicada ao dia a dia*. Vargem Grande Paulista, São Paulo: Cidade Nova.

SANTOS, D. M. (Agosto de 2016). Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, pp. 128-142. Acesso em 7 de dezembro de 2021, disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200011&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1809-5267

SCHELER, M. (2003). *A posição do homem no Cosmos*. (M. A. Casanova, Trad.) Rio: Forense Universitária.

SCHELER, M. (2012). *Da reviravolta dos valores: ensaios e artigos*. Petrópolis; Bragança Paulista: Vozes; Editora Universitária.

SCHELER, M. (2017). *Morte e sobrevivência*. Lisboa: Edições 70.

STÖRIG, H. J. (2009). *História Geral da Filosofia*. Petrópolis: Vozes.

VIORST, J. (2005). *Perdas Necessárias*. São Paulo: Melhoramentos.

XAUSA, I. (2013). *A Psicologia do Sentido da Vida*. Campinas: Vide Editorial.